# Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 7 DE OUTUBRO DE 1973 N.º 18243 — ANO 53.º — PREÇO 1$50

EDIÇÃO DE DOMINGO


# AGRAVAMENTO DE TENSÃO NO MÉDIO ORIENTE

..Tropas israelitas tentaram ocupar parte do território egípcio, a ocidente do canal de Suez, mas foram interceptadas e atacadas com êxito pelas forças terrestres egípcias, anunciou o Alto Comando no Cairo. Na mesma altura, tropas egípcias atravessaram para a margem oriental do canal de Suez, ocupada pelos israelitas, em perseguição do inimigo.

O comando militar anunciou também que, anteriormente, aviões israelitas tinham bombardeado posições egípcias em Zaafarana e Soknna, a sul do Suez, e que jactos egípcios haviam respondido com ataques a posições israelitas no Sinai ocupado. Nos «raids» egípcios, caças-bombardeiros atacaram posições israelitas como represália aos ataques de Israel e um informador declarou que «a missão foi coroada de êxito, atingindo directamente os alvos».

Entretanto, a rádio do Cairo avisou todos os barcos que se encontram em águas territoriais egípcias para abandonarem a área.

Ao mesmo tempo em Damasco um comunicado informava que as forças armadas israelitas tinham lançado um ataque contra as posições sírias ao longo da linha da frente, ao que as forças sírias ripostaram para reduzir o inimigo ao silêncio, enquanto que uma formação aérea israelita violava o espaço aéreo sírio no sector norte da linha de cessar-fogo deparando com a intervenção da Força Aérea síria.

Os aparelhos israelitas envolvidos nos combates com os caças sírios sobrevoaram a baixa altitude a região de Arkub e do sudueste do Líbano, onde as condições atmosféricas eram más, com fraca visibilidade. Entretanto, tanto o aeroporto do Cairo como o de Damasco foram encerrados ao tráfego.

O Egipto notificou todas as embaixadas estrangeiras no Cairo de que considera zonas de guerra as «águas territoriais egípcias e israelitas e águas principais adjacentes» (o Mar Vermelho). As zonas são definidas como sendo: no Mediterrâneo: 33 graus de latitude norte, 29,50 de longitude oeste: no Mar Vermelho: toda a zona até 23 graus de latitude norte.

O Egipto dá como prazo «a agressão israelita no golfo do Suez» e pede a todos os países que recomendem aos seus respectivos barcos que se afastem destas zonas, por razões de segurança — anunciou a rádio do Cairo.

Entretanto, a notícia dos combates aéreos suscitou em Israel uma emoção tanto mais viva quanto Israel estava a celebrar o «Yom Kippur» (dia do grande perdão).

Numerosos reservistas, chamados às fileiras, tiveram de interromper as suas orações nas sinagogas para se juntarem às suas unidades.

As pessoas não abrangidas por esta convocação continuam entretanto a rezar de uma maneira ainda mais fervorosa. Numerosos veículos circulam nas ruas. Em casa, a população escuta atentamente a rádio que, ao contrário do que é hábito no «Yom Kippur», retomou as suas emissões.

Ao mesmo tempo, foi autorizada a mobilização dos homens válidos para preencher as vagas criadas nas empresas pela mobilização militar. Com efeito, esta mobilização cria problemas à indústria e à economia israelitas, como já, aliás, sucedeu na altura da guerra dos Seis Dias.

Há dúvidas quanto à atitude da mão-de-obra cisjordana utilizada no país (mais de cinquenta mil pessoas, particularmente na agricultura e na construção civil).

Tem-se verificado entretanto que nos casos de grande tensão entre os israelitas e os árabes, os cisjordanos preferem ficar em casa.

Um comentador militar da rádio israelita informou a noite passada que os conselheiros e técnicos soviéticos têm estado a evacuar o Egipto e a Síria há dias. Para o efeito está em serviço uma verdadeira ponte aérea. — (R,FP e DL).

## HOMENAGEM A MARIA LAMAS

**No salão nobre da Casa da Imprensa realizou-se ontem, à noite, uma homenagem à escritora be jornalista Maria Lamas por motivo da passagem do seu 80.º aniversário. Os escritores Ferreira de Castro, que presidiu, Matilde Rosa Araújo e Urbano Tavares Rodrigues, e o sr.dr.Mário Neves, enalteceram a obra literária e jornalística e a acção cívica de Maria Lamas, pondo também em relevo as suas inexcedíveis qualidades de carácter.**

## LEIA HOJE

. «As relações entre a Igreja e o Estado»; «Os Males do Meio Urbano: mito ou realidade?»; «Do Chile à Suécia... e à França»; quatro páginas com informações sobre o momento eleitoral; além das habituais rubricas.

## LEIA AMANHÃ

. No suplemento Exclusivo, dois artigos sobre o filme de Antonioni sobre a China de Mao; «China; viagem no futuro»; o terceiro artigo da série «O Egipto dos descentes», entre outras matérias de actualidade.

## A ASSOCIAÇÃO COMERCIAL PORTUGUESA PEDE:

# REVISÃO DAS RESTRIÇÕES ÀS IMPORTAÇÕES EM ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Um inquérito aos membros da Associação Comercial Portuguesa, acerca do licenciamento das operações de mercadorias importadas em Angola e Moçambique e das listas de mercadorias distribuídas por prioridades, conclui que as restrições às exportações metropolitanas não protege as indústrias angolanas e moçambicanas, conduzindo apenas à substituição do produto metropolitano pelo produto estrangeiro.

Segundo o presidente da Associação Comercial Portuguesa, prof. dr. Cruz Vidal, os resultados do inquérito revelam que «as medidas em vigor implicam, independentemente do pormenor dos graus de prioridade, um duro golpe no comércio de exportação da Metrópole para Angola e Moçambique, que os exportadores têm dificuldade em aceitar ou compreender, quando, como parece suceder em muitos casos, as restrições impostas à exportação metropolitana de modo algum servem para proteger indústrias locais».

A fazer fé nas respostas dos exportadores metropolitanos, «uma política proteccionista de indústrias insuficientes técnica e economicamente, produzindo pior e a mais altos preços, também não parece que traga vantagens às populações angolana e moçambicana e nem sequer é compatível com a actual evolução económica de abolição de proteccionismos». Será assim? Os industriais de Angola e Moçambique poderão objectar, não sem alguma razão, que se têm procurado assegurar cláusulas proteccionistas, nos acordos com a A.E.C.L. e o Mercado Comum, a indústrias metropolitanas insuficientes técnica e economicamente.

As restriçoes as compras de Angola e Moçambique são justificadas com a necessidade urgente de se proceder à liquidação dos atrasados, importações que não foram pagas e cujo montante chegou a exceder os dez milhões de contos. Segundo afirma o presidente da Associação Comercial Portuguesa, com base nos resultados do inquérito, o problema dos atrasados «não tem evoluído conforme se poderia esperar, mantendo-se por liquidar somas avultadíssimas por operações anteriores a 1972».

As restrições às exportações para Angola e Moçambique são ainda agravadas por consideráveis atrasos causados por complicações burocráticas. Por exemplo, os boletins de exportação só se obtêm na Metrópole contra apresentação de cópia do correspondente boletim de importação em Angola e Moçambique. Resultam daí demoras de meses no envio de mercadorias já embaladas, o que quanto a certos produtos, como óleos e massas lubrificantes, envolve dificuldades de armazenamento, deterioração de taras e derramas.

Também resultam daí rupturas de «stocks» que obrigam os importadores de Angola e Moçambique a fornecerem-se em concorrentes, geralmente estrangeiros, anulando encomendas já feitas.

A Associação Comercial de Lisboa, a partir de informações colhidas sobre as dificuldades no processamento das relações comerciais entre Portugal e os Estados de Angola e Moçambique, condena também as limitações excessivas nos quantitativos de contingentes, envolvendo quebras na exportação e dificuldades de abastecimento. O facto das quotas terem sido fixadas com base nas importações de Angola e Moçambique em 1969 e 1970 leva, quanto a alguns produtos, a limitações irrealistas. No caso dos acrílicos, por exemplo, os importadores iniciaram a sua actividade justamente naqueles anos, com um volume de negócios naturalmente muito reduzido, pelo que os contingentes já não correspondem às actuais exigências dos mercados de Angola e Moçambique.

Continua na página 32

**A visita de um porta-aviões americano, o «Midway», ao porto nipónico de Yokosuka provocou manifestações de protesto junto da base naval dos Estados Unidos que ali existe. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL).**

HOJE EDIÇÃO DE 28 PÁGINAS

## PELA PRIMEIRA VEZ EM PORTUGAL

# CURSOS COMPLEMENTARES DO ENSINO SECUNDÁRIO TÉCNICO

*Cursos Complementares do Ensino Secundário Técnico vão funcionar este ano lectivo pela primeira vez em Portugal — eis a inovação que durante quatro dias (de 1 a 4 do corrente) foi discutida por setecentos professores em reuniões efectuadas na Escola Preparatória Francisco de Arruda, Escola Comercial Ferreira Borges, Escola Industrial Marquês do Pombal, Escola Comercial Patrício Prazeres e Escola de Artes Decorativas António Arroio.*

Semelhantes Cursos permitem que o aluno transite para o Ensino Superior sem ter que frequentar os Institutos (Comerciais ou Industriais) ou que fique desde logo habilitado a exercer uma profissão como técnico.

Exemplifiquemos:

Suponhamos que um aluno, no âmbito dos Cursos Gerais do Ensino Técnico, se matricula no Curso Geral de Agricultura (3 anos). Pois bem: esse aluno pode optar por quatro Cursos Complementares — Produção Aggrícola, Produção Florestal, Produção Animal e Indústrias Agrícolas. Qualquer destes Cursos (2 anos) confere um grau técnico, sendo portanto, um óptimo certificado para o exercício de uma profissão. Caso, porém, o aluno queira frequentar o Ensino Superior, poderá ingressar em dois estabelecimentos: Agronomia (Produção Agrícola e Produção Florestal) ou, então, Medicina Veterinária (Produção Animal e Indústrias Agrícolas).

### *ESQUEMA DOS PASSOS PARA O ENSINO SUPERIOR*

A Faculdade de Engenharia poderá ser atingida pelos conhecimentos adquiridos na frequência do Curso Geral de Mecânica e do Curso Complementar de Mecanotecnia. (Ou, então, dos Cursos Complementares de Electrotecnia, de Radiotecnia e Quimicotecnia, antecedidos que sejam os dois primeiros pelo Curso Geral de Electricidade e o último pelo Curso Geral de Química).

Como frequentar, por exemplo, Arquitectura?

«Somando» (passe o termo) o Curso Geral de Construção Civil ao Curso Complementar de Construção Civil ou ao Curso Complementar de Topografia. Outra possibilidade: Curso Geral Têxtil Curso Complementar Têxtil.

Ainda outros passos que levam à frequência de Arquitectura: Curso Geral de Artes Visuais Curso Complementar de Equipamento e Decoração ou Curso Complementar de Artes do Fogo (cerâmica, vidro, etc.).

O ingresso em Economia poderá ser obtido através da frequência do Curso Geral de Administração e Comércio e do Curso Complementar de Contabilidade e Administração.

O Curso de Ciências Sociais poderá ser atingido através do Curso Geral de Administração e Comércio completado pelo Curso Complementar de Secretariado e Relações Públicas.

### *MONITORES REGIONAIS*

Esta inovação, cujas arestas foram acertadas em reuniões que se prolongaram por quatro dias, mereceu palavras de louvor de todos os professores que se debruçaram sobre a questão, bem como a contratulação do prof. Veiga Simão, ministro da Educação Nacional, no decurso de um jantar de confraternização efectuado quinta-feira num restaurante da linha do Estoril.

Resultarão os Cursos Complementares do Esino Secundário Técnico? «Só o correr do ano lectivo o dirá» — como afirmou um dos intervenientes na estruturação dos mesmos.

Diremos, finalmente, que está previsto um quadro de monitores regionais, obrigados a contactos com os professores, «para que os Cursos Complementares resultem em pleno».

# AUMENTADA A "CALDEIRADA" AOS PESCADORES DE MATOSINHOS

As traineiras da pesca da sardinha de Matosinhos não foram ao mar nos dias 25 e 26 de Setembro, em virtude de um diferendo gerado entre os armadores, por um lado, e os industriais das conservas e comerciantes, por outro, segundo noticia o semanário «Expresso». O problema relacionava-se com o aumento da «caldeirada» dos pescadores. A estes fora prometido em Junho, após uma ausência da faina prolongada por mais de dois meses, que a «caldeirada» seria aumentada de 40 para 60 escudos; o aumento processar-se-ia em duas fases — de imediato receberiam mais dez escudos e o outro acréscimo verificar-se-ia no final de Setembro, depois de constituído um fundo de compensação. Para fazer face ao acordado pretenderam os armadores agravar o preço do frete do cabaz de peixe dentro da lota, de três para seis escudos, com o que os industriais conserveiros e comerciantes não concordaram. O frete, que consiste no transporte do cabaz 10 a 15 metros, fora aumentado, recentemente, de 2$50 para 3$00. Perante a recusa dos industriais os armadores lançaram-lhes um ultimato — ou aumentavam o frete ou ficariam as traineiras no cais. Aqueles, por sua vez, mantiveram-se dispostos a não alterar a sua atitude. Apercebendo-se da irredutibilidade de posições, os pescadores tomaram a iniciativa. Era evidente que não seriam cumpridas as promessas feitas em Junho. Assim, ficaram em Matosinhos os barcos, durante dois dias. Interveio, então, o Governo concedendo através do Fundo de Fomento das Pescas um subsídio que se destina ao aumento da «caldeirada».

# DESAPARECIDAS MAIS 29 VIATURAS

Duzentos e sete carros particulares e setenta e sete táxis para um total de trinta e oito autuações, trinta das quais por desobediência aos sinais luminosos, foi o resultado de mais uma operação «stop» levada a cabo, ontem à noite, pela Secção de Trânsito da P.S.P., na zona de Lisboa e arredores.

No mesmo período foram ainda detidos dois indivíduos por condução ilegal, tendo, entretanto, desaparecido as seguintes viaturas: AI-99-99, Opel Kadete; GB-88-17, Opel Kadete; BL-41-67, Morris 850; Le-45-59, Morris; FA-40-81, Morris 1000; AO-64-25, Morris 1000; EE-63-44, Morris 1000; EB-28-06, Morris 1000; EB-28-06, Morris 1000; HL-75-77, Morris; AR-57-87, Morris 850; GE-36-27, Fiat 600 D; SO-85-66, Fiat 128; NR-54-71, Fiat 127; EL-85-42, Fiat 127; EA-34-83, Fiat; RR-57-55, Austin; FB-59-79, Austin 1300; GI-60-15, Austin 1100; LE-41-03, Austin; OS-37-61, Austin 1300; IL-43-73, Austin 1000; IH-73-23, Austin 1275; FH-94-37, Austin; CG-85-16, Datsun; IE-31-22, Datsun 1600; LD-41-18, Ford Cortina; BF-29-40, Honda; e EV-19-53, Sinca.

## ALEMÃO PELA RÁDIO

A partir do dia 30 será difundida pela Rádio Renascença em ondas médias, curtas e modulação de frequência, a continuação (2.ª parte) do curso de alemão intitulado «Familie Baumann». Este curso que, como o primeiro, consta de 26 lições será transmitido todas as terças e quintas-feiras às 21 e 30 horas no emissor de Lisboa.

As pessoas interessadas podem solicitar, por postal, a remessa gratuita de livros contendo as lições à Embaixada da Alemanha em Lisboa, Campo Mártires da Pátria, 38. Os interessados residentes nos distritos do Norte de Portugal serão atendidos pelo Consulado da República Federal da Alemanha no Porto, Rua do Campo Alegre, 276-2.º.

# CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA E DOS SERVIÇOS MÉDICO-SOCIAIS DO DISTRITO DE LISBOA

**Sede: AV. ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 39, 39-A — LISBOA**
**Telefones 71 61 21 / 71 61 61**

## ENGRAXADORES POR CONTA PRÓPRIA ENQUADRAMENTO NA PREVIDÊNCIA SOCIAL

Por despacho de Sua Excelência o Ministro das Corporações e Previdência Social, de 13 de Julho de 1973, ficam obrigatoriamente abrangidos por esta Caixa, a partir de 1 do corrente mês, os ENGRAXADORES POR CONTA PRÓPRIA, que exerçam a sua actividade no Distrito de Lisboa, o que deverá ser comprovado através de declaração passada pelos proprietários dos estabelecimentos onde trabalham, ou pela competente Secção de Finanças, atestando que os mesmos estão, na qualidade de engraxadores, sujeitos ao pagamento de contribuição industrial, ou dela isentos.

### ESQUEMA DE BENEFÍCIOS:

- **Assistência Médica e Medicamentosa, extensiva ao cônjuge e aos descendentes e equiparados, que vivam a cargo do beneficiário.**
- **Pensões de Invalidez e Velhice.**
- **Subsídio por Morte.**
- **Pensão de Sobrevivência.**

### PAGAMENTO DE CONTRIBUIÇÕES:

- **Compete ao beneficiário contribuir mensalmente com a importância de Esc. 75$00, a liquidar de 1 a 10 do mês seguinte àquele a que disser respeito;**
- **O pagamento poderá ser efectuado em dinheiro, vale de correio ou cheque, à ordem desta Caixa, na sua Sede, Dependências Administrativas e Postos Clínicos onde já são recebidas contribuições, utilizando-se, para tal efeito, guia que será fornecida por estes Serviços;**
- **Nos mesmos locais serão igualmente prestados aos interessados os necessários esclarecimentos e fornecidos os boletins de inscrição e requerimentos para concessão de assistência clínica.**

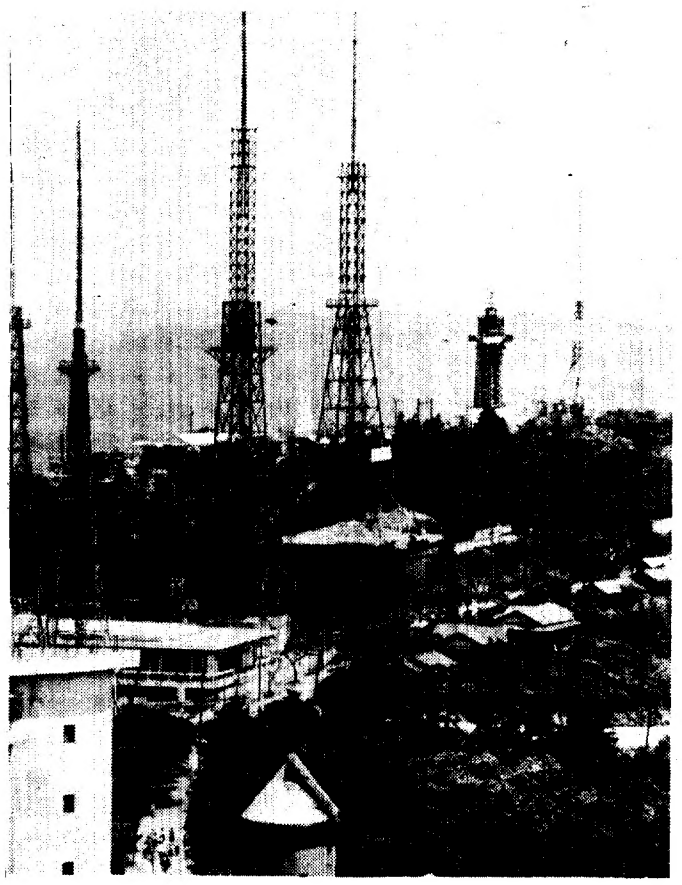
A primeira contribuição deverá ser liquidada de 1 a 10 do próximo mês de Novembro.

**A DIRECÇÃO**

## AGOSTINHO NÃO CORRE NO BOMBARRAL

Pede-nos Joaquim Agostinho para informarmos o público de que, ao contrário do que tem sido anunciado, não foi contratado para correr hoje no Bombarral. Por este motivo, o público não deve estranhar a sua ausência, lamentando-se apenas que a organização use abusivamente do seu nome, para chamar espectadores.

# A VIDA EM XANGAI



XANGAI — Esta cidade que é o maior centro industrial da China escapa quase por completo ao problema da poluição industrial, que aflige tanta metrópole estrangeira de dimensão comparável á de Xangai.

Do décimo andar do Hotel de Paz a vista, por tempo claro, é imensa, alargando-se por sobre o casario baixo que é característica da cidade. Xangai com os seus doze milhões de habitantes, é a maior metrópole do Mundo, à frente de Tóquio. A claridade excepcional da sua atmosfera deve-se ao número reduzidíssimo de carros automóveis. Efectivamente a maioria dos habitantes de Xangai circulam de bicicleta, como aliás no reso da China.

Por outro lado, uma vasta operação de descentralização industrial foi comecada no fim dos anos cinquenta. Assim, a aglomeração propriamente dita de Xangai está rodeada de «cidades satélites», cuja população se emprega quase exclusivamente nas indústrias. Assim, por exemplo, Min Han, no distrito de Pan Shao Yuan. Fundada em 1958, no período chamado do «grande salto para a frente», tem 50 000 habitantes, sendo 27.000 operários (homens e mulheres) e 20.000 crianças. O número de idosos, 3.000, é extremamente baixo. Na sua maioria são famílias que vieram doutras regiões. Fazem frequentes visitas a Xangai, mas a população de Min Han (como nos centros satélites similares) encontra «in loco» todos os serviços essenciais, umas quarente lojas tipo supermercado, dois hospitais, um de 400 camas, habilitados a intervenções cirúrgicas menores, várias escolas primárias, e liceus, além de creches para bebés.

Há restaurantes (um aberto noite e dia) um cinema, um teatro, um estádio, uma piscina e uma biblioteca pública. Note-se mesmo que entre os restaurantes há um para muçulmanos. Existe também uma farmácia de tipo tradicional, vendendo unguentos e ervas medicinais.

Min Han, embora industrial, escapa mesmo assim à poluição. As suas indústrias ficam afastadas do centro urbano e o habitante transporta-se de bicicleta.

Estas indústrias são umas quinze, principalmente fabricando equipamento pesado e máquinas ferramentas — uma fabrica roletes, outra bombas hidráulicas, outra material de tipografia. Fabricam-se também elementos de centrais térmicas (caldeiras, turbinas, etc.). De aspecto, Min Han não tem nada de comum com a próxima Xangai, com a sua arquitectura europeia que dá testemunho permanente da antiga presença estrangeira. Min Han é propriamente uma grande cidade operária, de grandes blocos de habitação uniformes, ao longo de ruas traçadas a esquadro. Estes blocos têem cinco a seis andares. Nos modestos alujamentos vivem as famílias, em média quatro pessoas, por assoalhada. Cozinha, água, são partilhadas com as outras famílias, duas geralmente, em cada andar. A renda de casa é para um salário médio de 60 yuans (600 escudos) de 4 yuans (40 escudos) por uma assoalhada é de 7 yuans ou 70 escudos por três assoalhadas.

A descentralização industrial de Xangai alarga-se para além das cidades satélites e vem implantando nas comunas populares próximas pequenas indústrias de vários tipos. Por exemplo, Tan Huan, ainda em território da municipalidade de Xangai, comporta dez indústrias artesanais, fornecendo aos habitantes da comuna (23.000 habitantes) artigos de uso corrente. A produção destas pequenas indústrias que não é consumida nas comunas é expedida a Xangai para venda.

Esta dispersão das actividades industriais por toda a superfície da municipalidade de Xangai (6.182 km) — principalmente fábricas de aço, altos fornos, aparelhagens eléctricas, indústrias químicas e têxteis, explica por que não se vêem concentrações de gazes poluentes. Quem visitou a cidade em 1965 e a visitou agora em 1973 viu que a atmosfera da cidade se mantém tão pura como era, isto embora a produção industrial total de Xangai tivesse aumentado, em valor, 90,9 por cento.

# CERIMONIAL

## URBANO TAVARES RODRIGUES

Brígida, chamemos-lhe assim, só existe, como Brígida, em sua casa. E até o sabe. Tem amor a cada um dos objectos que povoam o seu reino minúsculo, aos quadros, aos *poufs*, aos sofás ovóides e alaranjados, de encher pelo pipo como os barcos de borracha, aos três ou quatro móveis antigos que lhe sobraram do seu tempo de representação, à cama baixa e vasta como a de uma raínha sem preconceitos. Cá fora é apenas uma menina-bem já um pouco envelhecida, ruiva, de feições descaídas, olhar ainda doirado com pestanas postiças. Todos a conhecem por Bibi. Mas em casa, no seu senhorio, é Brígida, de corpete agressivo ou com o peito nu, mini-saia muito curta e bota alta, à inglesa, de camurça ou cabedal preto maleável, tacões agressivos. E chicote? Quando é que Brígida representa: de senhora doce e digna na rua, na barca dos outros, dos vivos?, ou de ninfómana (que é isso de ninfómana?!) no seu reino, na barca dos gemidos, da loucura e da morte, no espaço do cerimonial, com os dísticos libérrimos de um Maio privativo na face interna das portas dos armários? Com que alegria, com que excitação recupera, nesses momentos, a linguagem negra, que é quase branca, de tão espontânea, nos seus servos que desconhece, nesses que só o fogo lava de tanta miséria acumulada de pais para filhos! Sabe sequer Brígida, que essa gente é verdade, que há na sua terra sítios naturalmente infernais onde, entre fome e frio, não se invoca o incesto nem se celebram missas vermelhas, porque tudo isso ali acontece sem surpresa nem rito?!

# O nosso mundo

### PRIMAVERA

Estamos pasmados com tantas promessas, quase certezas, e tão grande actividade de ordem oficial. Esta campanha de Outono é um autêntico hino de esperanças primaveril. Afinal temos respostas para todas as nossas dúvidas e interrogações. Umas obras estão orçamentadas e encaminhadas em vias de solução, outras encontram-se simplesmente atrasadas. Mas nunca esquecidas. As explicações são cabais, evidentes, límpidas. Não houve falta de água, mas apenas deficiências de abastecimento; as nossas terras encontram-se bem apetrechadas em infra-estruturas; os nossos hospitais são suficientes e têm todas as comodidades modernas ... Se ouviram falar em faltas, em terras algarvias sem luz nem esgotos, não é verdade, trata-se de exageros e boatos. A nossa Província sempre esteve bem apetrechada em todos estes aspectos, somos apenas alvo da maledicência de pessoas que nada respeitam e levantam falsidades a torto e a direito a respeito de tudo. São os habituais exageros dos jornalistas. Felizmente, há sempre um departamento oficial que vem pôr os pontos nos is, que vem esclarecer e repor a verdade dos factos. Onde encontrar melhores e mais amplas estradas do que as nossas? Como ser mais bem tratado e com tantos requintes como nos nossos modernissimos hospitais? Que mais pura e abundante água, que mais clara e intensa luz eléctrica? Quantos parques de campismo mais? Para quê maior limpeza e comodidade nas nossas praias? Não há dúvida de que ninguém sabe apreciar aquilo que tem. Felizmente há pessoas alerta, eficientes e amigas da verdade e da justiça, que esclarecem os nossos leitores. Ainda bem, pois essa é a verdadeira função da Imprensa! (M.B., in **«Jornal do Algarve»**)

### MARAVILHADO

Regressou da inolvidável viagem a Angola o director do nosso jornal. Está de parabéns o M.N.F. por tão feliz iniciativa. Os representantes da Imprensa Regional estão aptos, pelo que viram e ouviram, a tornar-se bastiões seguros da unidade do território pátrio. Interrogado à chegada sobre tudo que observara, respondeu-nos o Rev. P. Armando Delgado: «Regresso maravilhado das portuguesíssimas terras de Angola». Brevemente o nosso jornal apresentará, para os estimados leitores, uma série de crónicas, autênticas impressões de viagem. (C., in **«Jornal do Oeste»**).

### CABARET

Hei-de levar uma estrela a um cabaret. De sonho que valha sono longo sem milonga. Uma estrela-inspiração que ajude a praticar política de Salvação Nacional. Caminhando sob pálios-beneplácito da morigeração necessária. Alabardeiros do bem — os vigilantes da «Unidade na Diversidade». O meu cabaret é uma federação de palavras. Com música de acordes certos. Apologética de bemóis e sustenidos. Wagnerizando o strep-tease da verdade que vale. E só lá entra quem vai por bem. Cabinda é chuva, prazer, madeiras, fiotes e hidrocarbonetos. Promiscuidade singular a que o carisma dos «bons velhos tempos» contraria uma definição prosaica ou taxativa. Cabinda é o meu cabaret. Onde é outra forma de rezar. E a estrela que lá vai é a atenção do meu leitor. Há tardes e noites como cá. E é bom cheirar a terra bem depois da chuva da manhã. Há Portugal em Simulambuco. Há 7270 quilómetros quadrados de interesse nacional. Onde até se acorda o sono dos poetas. E os departamentos do Estado cedem à polarização dos seus estudos. (Cardoso de Sousa, enviado especial de **«Voz Ribatejana»** a Angola).

EMPRESA DE CAMIONAGEM DE CARGA

COMPRA-SE

De qualquer dimensão, de preferência com mais de 100 ton. de carga útil. Resposta com marcas, características e raios de acção, a este jornal, ao n.º 933.

# "A CRISE DAS RELAÇÕES ENTRE A IGREJA E O ESTADO"

. As acusações contra a actuação das Forças Armadas portuguesas em Moçambique, difundidas no estrangeiro por missionários e organizações católicas continuam a suscitar viva controvérsia. Para além da repressão contra a guerrilha da Frelimo na região em que está a ser construída a barragem de Cabora Bassa, está em causa a concepção tradicional das relações entre a Igreja e o Estado nos territórios africanos sob soberania portuguesa.

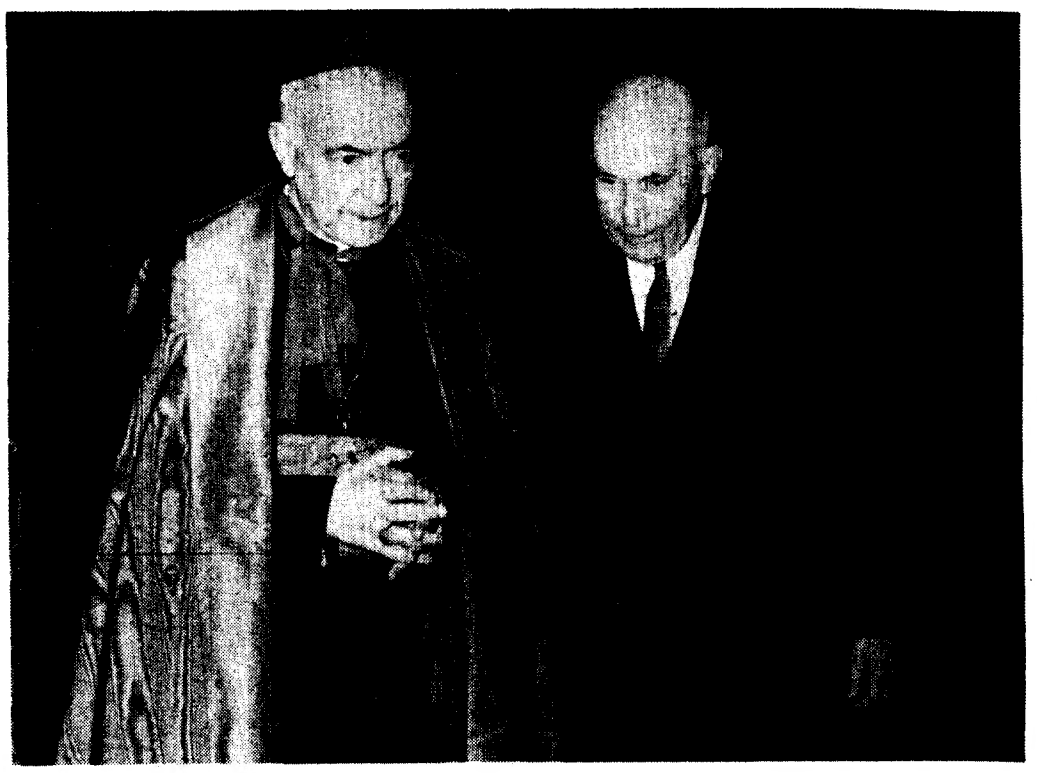
Sob o título *«A Igreja e a posição portuguesa no Ultramar»*, o «Jornal de Economia e Finanças», porta-voz na Imprensa metropolitana de um importante sector dos interesses económicos ultramarinos, consagra um eco à recente revisão das posições da Igreja.

Depois de afirmar *«nestes últimos cinquenta anos a Igreja foi em Portugal o que quis ser»*, escreve: *«Nessa altura a Igreja alinhava com o Governo, mesmo onde e quando sentia que ao povo eram recusados os seus legítimos direitos. A Igreja não indagava, não se esclarecia nem esclarecia. Defendia um entendimento no sentido da obediência e da aceitação do processo político português. Se alguém, no seu próprio seio, ousasse levantar a voz discordante, ainda que fosse em questões de pormenor, o episcopado deixava o caso pouco mais do que entregue ao próprio individuo, como se este vivesse fora da sua hierarquia. O ponto importante para a Igreja era a imagem do seu comportamento total. Uma face oficializada de pontos comuns com o Governo e com o tipo de política do Governo»*.

### *A CONCORDATA DE 1940*

As relações entre a Igreja e o Estado Novo foram definidas pela Concordata celebrada em 7 de Maio de 1940: reconheceu a personalidade jurídica da Igreja Católica; extinguiu o beneplácito a que estava sujeita a publicação de quaisquer bulas, breves e rescritos emanados de Roma; garantiu personalidade jurídica às associações organizadas pela Igreja de harmonia com as normas do Direito Canónico, submeteu a nomeação dos arcebispos, bispos residenciais e bispos com direito de sucessão ao prévio acordo do Governo português; subordinou o ensino ministrado pelo Estado nas escolas públicas aos princípios da doutrina e da moral cristãs; introduziu o ensino da religião e da moral católicas nas escolas públicas elementares, complementares e médias aos alunos cujos encarregados de educação não tiverem feito pedido de isenção; instituiu a obrigatoriedade do ensino da religião católica e da prática dos seus preceitos nos asilos, orfanatos e institutos oficiais de educação de menores, e de educação ou reforma; anulou a possibilidade de aplicação do divórcio pelos tribunais civis aos casamentos católicos.

A propósito da Concordata, escreve o «Jornal de Economia e Finanças»: *«Pela Concordata, a Igreja, constitucionalmente, retomou bens e posições, ampliando a sua força e influência. Tornou-se como um Estado no Estado. Mesmo no campo político. Melhor, talvez — sobretudo no campo político, na altura das eleições, através dos organismos congregadores do seu próprio âmbito ou de outros em que influia. A maestria dogmática transferia-se para o campo político. Os homens simples dos campos, que eram quase todos, acreditavam nas bençãos especiais da Igreja sobre o povo português e na intervenção divina na escolha e manutenção do regime e dos seus «leaders». Simultaneamente, mercé da sua força e da intromissão da Concordata na Constituição, a Igreja contra a letra dos preceitos constitucionais, limitava a liberdade dos outros credos religiosos»*.



**A Concordata e o Acordo Missionário estão a ser alvo de violentas críticas por parte dos sectores mais ligados aos interesses ultramarinos.**

### *A LIBERDADE RELIGIOSA*

No mesmo dia em que foi celebrada a Concordata, 7 de Maio de 1940, o Estado Português e a Santa Sé subscreveram o Acordo Missionário. Além das regalias concedidas pela Concordata, o Acordo Missionário garantia às missões católicas apoio e subsídios do Estado, reforçava a situação privilegiada de que já gozavam em relação às missões protestantes e os diferentes credos professados pelas populações indígenas. Sublinhe-se, a propósito, que a República Democrática nunca renunciou ao Padroado do Oriente e que sempre apoiou a acção evangelizadora dos missionários católicos, considerada como ferramenta essencial da integração das populações indígenas na comunidade portuguesa.

O «Jornal de Economia e Finanças» escreve, ao referir-se à situação privilegiada da Igreja: *«Foi, sem dúvida, por via dessa liberdade concedida às Missões que estas, muitas vezes, se encontraram em conflito com princípios e tradições dos povos autóctones, que em certas circunstâncias, se viram circuitados por princípios e tradições que não eram os seus, mas aos quais não podiam reagir por lhes faltar o apoio do Estado»*.

Conflitos que ainda não desapareceram inteiramente, e que não podem ser atribuídos apenas aos missionários católicos. No último número de «Reordenamento», revista da Junta Provincial de Povoamento de Angola, num artigo intitulado «A educação tradicional», o sr. dr. Luís Polanah refere alguns aspectos da acção repressiva exercida por missionários católicos e protestantes. Assim, ao ocupar-se dos ritos da adolescência, escreve: «As fortes restrições impostas principalmente pelas autoridades missionárias de credo cristão (com um rigor calvinista os protestantes), tornou estas práticas caducas». E ao tratar as danças dos mascarados: «Enquanto um missionário católico demonstrou ter conhecimento destas danças de mascarados, pastores protestantes de origem africana negaram a sua existência nas zonas sob a sua influência, salvo «lá para o interior onde a civilização ainda não chegou», segundo eles. E mais adiante, ainda sobre as danças dos mascarados: «Tempos houve, mais tranquilos, em que as autoridades convocavam estas danças e outras para quebrar a pasmaceira do mato e divertir os moradores dos postos e administrações, ainda que isso não fosse do inteiro agrado dos professos do cristianismo. Hoje as atitudes chocam-se e parece que a perplexidade tomou conta de todos: uns por radicalismo religioso não aceitam nos seus domínios tais manifestações; outros, aconselhados a usarem de tolerância, fecham os olhos e é assim que, de onde em onde, ainda se podem ver pequenos surtos de folclore religioso».

Embora reconhecendo «os benefícios colhidos pelos povos autóctones do sereno e constante labor das Missões», o «Jornal de Economia e Finanças» sublinha que «no Ultramar como na Metrópole, a Igreja pedia obediência e resignação às injustiças», para logo acrescentar: *«Só quem pisou terras do Ultramar e soube ver com independência o trabalho das Missões nos últimos anos pode avaliar e pode testemunhar quantos resíduos de injustiça e de desinteresse elas por vezes deixavam à sua volta». Depois de recordar a exploração dos artistas-escultores macondes pelos missionários católicos, acrescenta: «Aliás, as acusações às Missões não se baseavam apenas no aspecto económico, como no caso do planalto dos macondes que se indicou como simples exemplo; havia outras, e algumas muito graves. A Igreja nunca se moveu. Não havia inquéritos nem sanções»*.

Prestes a terminar, o articulista do «Jornal de Economia e Finanças» comenta asperamente a participação da Igreja nos ataques à acção portuguesa em Africa: «A sua posição é passível de severas críticas. Não denunciou quando devia, porque lhe não convinha, hoje, porque lhe convém — ou entende que convém — não duvida imiscuir-se numa campanha ignóbil, orientada por organizações e países anticatólicos, contra um dos mais fiéis países católicos de todo o Mundo».

### *«IDE DIZER-LHES A VERDADE»*

Bem diferente é a posição da mesma Igreja e dos próprios missionários católicos. A Igreja está empenhada numa acção missionária à escala mundial, é obrigada a tomar em conta uma multidão de condicionalismos. A revista «Além-Mar», orgão dos Missionários Combonianos (recorde-se que dois missionários combonianos estão presos em Moçambique acusados de colaboração com a Frelimo), preenche o editorial do seu último número com duas transcrições, uma do cardeal Marty, arcebispo de Paris, outra do Papa Paulo VI. Ao conferir o sacerdócio a vinte e um jovens pertencentes a quatro sociedades missionárias francesas, disse o cardeal Marty: *«Assumis um empenho com Deus. Por isso a quantos encontrardes não deis comprimidos de aspirina ou tranquilizantes. Não vades adormecer a consciência dos homens, não vades dizer-lhes coisas que sirvam de paliativos; ide dizer-lhes a verdade, o verdadeiro Evangelho...»* Paulo VI afirmou numa alocução com palavras de «conforto» aos missionários de todo o mundo: *«Ninguém poderá acusar os missionários e, através deles, a Igreja, de derramarem sangue ou favorecerem a opressão dos povos a quem levam a mensagem evangélica. E ninguém poderá acusá-los de se servirem da prepotência dos outros, quer pública quer privada, para defender as próprias posições religiosas, nem sequer de terem deixado de deplorar os crimes perpetrados contra populações inermes, das quais partilham as privações e os sofrimentos»*.

No mesmo sentido, embora em termos bem mais prudentes e mais corporativos, o Conselho Permanente do Episcopado da Metrópole, reunido no passado fim-de-semana no Sameiro, escreve no comunicado final: «Informado pelo presidente da Conferência Episcopal de Moçambique, o Conselho considerou alguns aspectos da situação actual da Igreja naquele território ultramarino e decidiu manifestar a sua solidariedade aos bispos que ali têm demonstrado notável solicitude pastoral, tanto na difusão do Evangelho como na promoção e defesa das populações».

A revisão da posição tradicional da Igreja nos territórios africanos sob soberanias europeias não suscita apenas conflitos entre a Igreja e o Estado. Dilacera a consciência de muitos católicos, dá motivos para esperar a outros. São exemplo destas diferentes posições duas cartas publicadas pela revista «Além-Mar» na sua secção «os leitores escrevem». O sr. José Maria Lacerda e Megre, do Porto, comunica que «por imperativo de consciência» é obrigado a deixar de assinar a revista: «parece-me que a revista foi também invadida por uma onda de progressismo», com que não concordo, a qual transparece cada vez mais nos últimos números»; e logo depois: «na realidade, as notícias do Ultramar português são escassas ... E parece-me que tanto havia para dizer sobre as nossas Missões e a autêntica evangelização exercida por tantos dos nossos soldados». E o sr. Lacerda e Megre termina por dizer: «parece-me que chegou a hora da maioria silenciosa tomar atitudes activas e saír da passividade em que caíu».

Ao contrário, o sr. eng. Manuel Barradas, de Elvas, ao renovar a assinatura de «Além-Mar», escreve: «o que me parece mais válido é a vossa atitude frontal em relação à Verdade. À medida que os problemas e as ideias se complicam e pedem soluções, mais e melhor se deve anunciar Aquele que se confunde com a Verdade. Pessoalmente, aprecio imenso como não hesitam em dar a conhecer a autenticidade de uma Africa que se move, se agita, para se libertar de tantas cadeias e explorações que os chamados mais civilizados lhe ofereceram».


## CURSOS DE BAILADO DE LUNA ANDERMATT

Começa, no próximo dia 8, o novo ano lectivo na Escola de Bailado de Luna Andermatt, estando abertas as inscrições até ao dia 16.

Estes Cursos englobam classes de Iniciação, de Aperfeiçoamento e de Especialização, nos quais os alunos se preparam técnica e artisticamente na arte do Bailado Clássico.

Como nos anos anteriores, os horários são conçordantes com a frequência escolar e universitária.

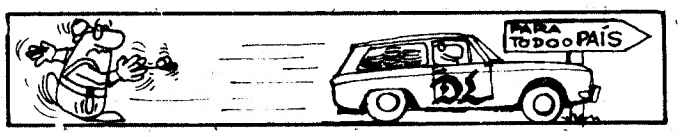
Prestam-se esclarecimentos pelo telefone 66 10 00.

FILPLAST

SALÃO INTERNACIONAL DE PLÁSTICOS

8 A 14/10/73

Dias úteis — para profissionais: das 15 às 20 horas
para o público: das 20 às 23 horas
Sábado e domingo: das 15 às 23 horas.

## TRIBUNA LIVRE

## POR F. BICUDO DE MEDEIROS

# CARTA ABERTA A GENTE DO TRÂNSITO A PROPÓSITO DE BARULHOS...

«Esta carta destina-se, em primeiro lugar, aos responsáveis (acho eu) pelo cumprimento das leis de trânsito, tendo em vista essencialmente o barulho; e, em segundo, aos provocadores do mesmo (barulho).

Aos primeiros senhores — e refiro-me aos mais altos na escala hierárquica, pois os mais baixos (passe o desprimor), os 'senhores guardas', e abordados pelo menos dois... deixaram-me na mesma! — aos mais altos, dizia eu, venho rogar-lhes, para começar, a resposta à seguinte e, quanto a mim, pertinentíssima pergunta: continua ou não em vigor a lei ou decreto proibindo o uso, nas viaturas, do escape aberto ou propositadamente furado ou desmiolado? Este é o caso de certos 'veiculistas' que, de uma maneira mais económica, querem dar ares de potentes bólides às suas quase sempre mais que modestas «utilitárias», não me deixando **pregar olho** noite fora! E aumentado o barulho pelo latir dos cães, que têm sobre mim a vantagem de poder ladrar à vontade, e ainda que chegue a ter mais pena deles pois, coitados, têm mais as pulgas a massacrá-los!

A minha pergunta, senhores, nasce do facto de, há alguns anos atrás (belos e silenciosos anos esses!), por se me ter rompido o tubo de escape ao meu velho MG de quinta mão, ter sido mandado parar por um dos citados sós guardas e o qual mais seguro por ventura das leis que lhe garantiam o sustento, me deu 24 horas para mandar reparar o referido e, na altura, **intolerável** instrumento de ruído. E sob pena, segundo ele, de **ter que pagar uma multa!**

Mudou hoje tudo de figura? Isto é, todos podem agora «escapar» à vontade e eu, se protesto contra o barulho, estou desactualizado da lei e, portanto, sem sorte nenhuma?

Só acho estranho é que por todos os países do estrangeiro que tenho visitado — talvez menos civilizados do que o nosso... — nunca tenha dado por escapes livres ou abertos em plena cidade.

Bem sei que há que contar ali, em muitos deles, com o barulho das metralhadoras e este talvez (não tenho bem a certeza...) seja ainda pior. De qualquer modo isso não serve a mim de consolação!

### BUZINAS E APITOS

E o que me poderão dizer agora, meus senhores, sobre o uso, que quase sempre é **abuso**, e que quase sempre é **histérico**... do chamado «claxon», buzina, ou apito de alarme? Em plena cidade, 'lembrando-nos' que o **verde é para andar**, e mesmo que um peão retardatário, coxo, daltónico... ou até grávido de 9 meses, vá ainda a meio da 'zebra'?

'seu este, seu aquele, seu aqueloutro'... é o que em regra, além das irritantes apitadelas, nos sujeitamos a ouvir... se não atropelarmos mesmo o dito e 'importuno' peão!

Ai, minha pobre mãezinha, se um dia o carro se me vai abaixo na Avenida da Liberdade (ainda por cima), como nós dois iremos ser vaiados — tu por seres minha mãe, e eu por ser teu filho!

E ainda temos os claxões melódicos, imitando o mugir das vacas ou qualquer passagem de um dos fados da D. Amália, não só durante o dia mas pela madrugada. Estes, aliás, além de típicos e engraçados, têm sobre os outros, os 'normais', a vantagem de não nos mandar avançar. Pelo contrário 'fazem-nos' **parar**, estacar... boquiabertos perante tanta cretinice, tanta saloíce de tantos, infelizmente, que 'volquesvagueiam ou 'cortinam' pela nossa (por eles) cada vez mais poluida cidade!

A propósito das mesmas sinfónicas buzinas, ocorre-me a passagem aqui em Lisboa de um filme, não sei há quantos anos exibido no cinema 'Condes', mas oportuno, com o título 'Um rapaz encantador' e interpretado pela então célebre parelha Henry Garat-Lilian Harvey.

Aparecia neste filme um descapotável, encantador também para a época, e com uma 'gaitinha' muito idêntica às actuais, que fazia mais ou menos assim: tá, rá, rá rá... lá! Tendo surgido, poucos dias depois, uma série de moços (perdão, nessa altura chamavam-se rapazes, pois moços eram só os dos fretes...) tendo surgido uma série de rapazes, dizia, a quererem identificar-se como encantadores também — equipando os seus 'estampas' com gaitinhas análogas — saíu logo a proibição, por parte dos vossos colegas de antanho, do uso de tais e inofensivos encantos'!

### MUDANÇAS

Não há dúvida, portanto, que as coisas... e as leis mudaram hoje muito. Ou, como vós, senhores, estais agora tão benevolentes e tolerantes a toda a sorte de barulhos!

E não me respondam, pelo amor de Deus e de S. Cristóvão (!), que... nem uma coisa nem outra, pois todos ou quase todos os dias leio nos jornais as autuações de que são alvo quatrocentos, para cima infringidores das leis do trânsito e nem ainda **uma única**, uma única, repito, **por conduzirem eles uma** viatura com o escape aberto, ou por darem aos seus 'claxons' os citados e melodiosos acordes. E todos eles e tudo isto, índice, quanto a mim, de um povo complexado de inferioridade'

Sereis vós todos, porventura, pais de filhos 'modernos' e quereis mostrar-lhes que são igualmente 'evoluídos', permitindo o que vindes a permitir?!...

Com os vossos sentimentos paternais nada tenho a ver, perdoem-me, e só queria saber por quanto tempo mais teremos de gramar este **barulho por todos os lados...**

Ainda se ao menos não se tornasse tão feio (uma questão de gosto, bem sei...) o uso daqueles capacetes daqueles moços que andam naquelas 'pasteleiras' motorizadas, todos muito iguais e raquiticozinhos (louvai-oss Deus!) e a fazerem ainda mais barulhinho que os meninos grandes...

Se tais capacetes — referia-me a eles — não fossem, na minha opinião, tão monstrozinhos... já tinha comprado um para me tapar bem os ouvidos, e talvez não estivesse agora a incomodá-los com estas minhas 'baboseiras' (dirão... e paciência!).

Uma coisa, porém, sempre ouvi dizer: que a noite era reservada ao sono e descanso de todos aqueles que trabalham. E tudo deveria ser feito, portanto, da parte de V. Ex.as (perdoem-me a lembrança...) para que, e embora recorrendo a todas as multas possíveis... e muito bem aplicadas, o repouso dos mesmos nunca fosse perturbado, pelo menos à noite, por aqueles outros que pouco ou nada fazem durante o dia, tornando os primeiros mais ou menos válidos (já me contento com pouco!) durante as horas da sua suposta produtividade profissional..

### ESTACIONAMENTO

Ou preocupa-vos porventura mais o problema do estacionamento? Este, sem dúvida, também me preocupa a mim, que me vejo muitas vezes obrigado a recorrer às 'paragens proibidas' para não voltar para trás e arrumar o carro dentro das minhas próprias assoalhadas (já tão poucas!).

Mas não só a chamada 'poluição pelo ruído' me atormenta muito mais, como não vejo que o problema do estacionamento seja assim tão difícil de resolver. E para já, se me permitem, apresento-vos aqui uma solução para ele:

Suster a venda de mais viaturas motorizadas enquanto não estivermos servidos dos parques de estacionamento — subterrâneos, aéreos... ou submarinos (!) — necessários e suficientes à arrumação das mesmas. E deixando nós assim, e ao mesmo tempo, de andarmos constantemente contra a lei, ou contra (que também é muito mau!)... as nossas próprias bolsas!

Para acabar finalmente com esta série de desabafos (que outra coisa não são afinal...) e que me levaram a escrever-vos a presente carta, apresentarei aqui uma outra sugestão e esta dirigida a vós outros, os verdadeiros 'utentes' do barulho que nos polui cada vez mais, e a todos, os ouvidos.

Porque é que os meus amigos (há quem lhes chame saloios...) não limitam os seus enfeites — se o que querem realmente é botar figura — aos tão engraçados cãezinhos de peluche, assentes em fofos tapetes de carpélio (toda a gente vê, garanto-vos!) no tabuleiro trazeiro das vossas 'máquinas'? Ou, também é giro (!), às bonecas nuas ou vestidas, consoante o vosso conceito de pudor, penduradas à frente junto aos vossos cada vez mais panorâmicos retrovisores?

Já não falando nos roptulos bonitos de 'boites', clubes desportivos, hotéis estrangeiros... onde vocês nunca estiveram, mas não faz mal, etc., etc., e que ficam mesmo 'a matar' nos vossos bólides. E ainda, já me esquecia, às tão sugestivas e funcionais chuchas, que nem todos vocês certamente já têm, e que vos poderão servir, quanto mais não seja, de bom entretenimento enquanto esperam pelas vossas moças...

Ou preferem mesmo o barulho, seus màuzinhos?! Se assim é, podem fazer-me o favor de ir laurear com os vossos escapes e gaitas para longe aqui da minha rua, onde não só (e ainda por cima!) tenho por vizinho um clube radiofónico, como sou torturantemente despertado todas as manhãs por uma das novas máquinas (estas da Câmara), que juntamente com o lixo da rua me tritura os miolos da cabeça?!

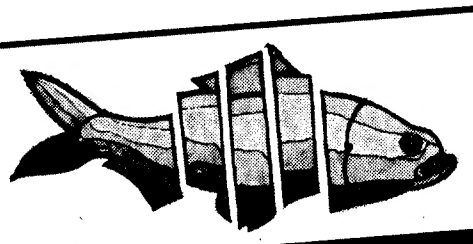
Ai, se eu tivesse muito dinheiro para vos dar a todos um Jaguar ou um Porsche... estou certo que deixaríeis de fazer qualquer espécie de barulho!

E eu, por outro lado, em vez de os 'papar' a todos com o meu modesto e silencioso escape, passaria a ser o papado e, palavra de honra, com indizível prazer!...»


a congelação baixa o preço mantém a qualidade

UMA EMPRESA AO SERVIÇO
GELMAR
DO CONSUMIDOR

| | Preços por Kg |
|---|---|
| Chicharro | 3.20 |
| Sardinha | 7.00 |
| Cachucho branco | 12.00 |
| Marmota pequena com cabeça | 10.00 |
| Pargo pequeno | 18.00 |
| Peixe vermelho (red-fish) | 13.50 |
| Bacalhau (às postas) | 13.00 |
| Bacalhau inteiro | 12.50 |
| Pescada/peixe inteiro até 0,250 Kg | 11.00 |
| de 0,250 a 0,500 Kg | 13.00 |
| de 0,500 a 0,800 Kg | 15.00 |
| de 0,800 a 1,500 Kg | 17.00 |
| de 1,500 a 2,400 Kg | 20.00 |
| Pescada/posta | 17.00 |



PEIXE para SI
PEIXE para TODOS

# PROVA ANUAL DO DIREITO AO ABONO DE FAMÍLIA E ASSISTÊNCIA MÉDICA

## DECLARAÇÃO DO AGREGADO FAMILIAR

**Os beneficiários dos regimes geral e especial de abono de família têm de comprovar ANUALMENTE que se mantêm as condições de atribuição do direito ao abono de família e da assistência médica em relação aos seus familiares.**

**Leva-se ao conhecimento dos interessados que poderão, desde já, entregar a «DECLARAÇÃO DO AGREGADO FAMILIAR», utilizando impresso próprio que lhes é fornecido pela respectiva Caixa de Previdência, suas delegações administrativas ou Casas do Povo.**

**Lisboa — Setembro de 1973.**

**A DIRECÇÃO DA FEDERAÇÃO DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA**

ACABA DE SAIR

MARCELLO E A NAÇÃO

ANO DE ELEIÇÕES DE 1973

DA AUTORIA DO

DR. ÂNGELO DOS SANTOS

UM LIVRO DESTINADO AO ELEITOR

EDITORIAL MINERVA

FITTIPALDI CONTRA PETERSON

21 DE OUTUBRO

NO AUTÓDROMO DO ESTORIL

LONDRES
DECORAÇÕES
AUTOMÓVEIS
FEIRAS INTERNACIONAIS 1973
ALOJAMENTO GARANTIDO EM HOTEIS
MUNICH
TRANSNAUTICA
MILAO
Rua Duque de Palmela 37
Telef. 59125/6/7
LISBOA
MODAS
CONSTRUÇÕES
PARIS

motor revista

## ORA DIGA-NOS

# COSTUMAVA FALTAR À ESCOLA?

Apesar dos seis anos em vigor de escolaridade obrigatória, andar ou ter andado na escola não é ainda, aqui e agora, uma forma corrente de estar presente na sociedade. Quase todos começam, mas muitos acabam por ficar pelo caminho, devido às carências ecnonómicas dos seus progenitores, por falta de ambiente familiar ou por escassez ou «menoridade» das instalações escolares. Os velhos tempos, em que alguns pais sentenciavam *ler não interessa, trabalhar é que faz um homem* ainda se encontram presentes em comunidades e mebtalidades deste país e, muitas vezes, algumas crianças são bruscamente arredadas do ensino e lançadas na rude faina de amealhar o sustento de cada dia.

Daí a pertinência deste *costumava faltar à Escola* numa altura em que um novo ano lectivo ainda ensaia os seus primeiros passos.

Num caminhar incerto, Emília Fernandes, doméstica de 50 anos, atrvessava a Largo José Fontana. Ao sentir-se abordada, poisou, no chão com dificuldade, os dois taleigos que carregava e olhou-nos com ar surpreso antes de responder. *Eu cá por mim não faltei nem deixei de faltar,pois nunva cheguei a saber o que era pôr os pés na escola. Nesse tempo e lá para os meus sítios, um lugar chamado S.Jorge, no concelho de Vila Nova de Ourém, não ficava vem a uma rapariga andar na escola. As raparigas, diziam, fizeram-se foi para ficar em casa, bodando, cozinhando e a tratar dos irmãos, se os havia, para mais tarde saberem como tratar dos filhos. Foi só há três ou quatro anso que eu apreendi e soletrar as primeiras letras,e, agora, já sei excrever uma ou outra carta e ler jornais menos mal. Só é pena a idade que já tenho não me permitir ir muito mais oonpe ...*

**Emília Fernandes, de 50 anos, doméstica: «Eu cá por mim não faltei nem deixei de faltar, pois nunca cheguei a saber o que era pôr os pés na escola»**

**Isabel Madalena, jovem caboverdiana: «Não, eu nunca andei na escola. Meus pais não podiam e, trabalhar no arranjo dos campos, foi quanto fiz durante toda a minha meninice»**

**Augusto Ramos, carpinteiro: «Sempre gostei muito de ir à escola, mas depois da primária tive de desistir por falta de possibilidades económicas dos meus pais»**

**Francisco Araújo, 12 anos, aprendiz de mecânico: «Eu nunca faltava às aulas e, agora, faço o mesmo no meu emprego»**

Por nós passou uma «CRIOULA» formosa. *Queme quer, você, seu moço? Me deixe andac, não trave o meu passo* Voz modelada, andar donairoso, Isabel Madalena, numa caberdiata de 16 anos, (soubemos depois), lá continuou a caminhar e, só em face da nossa insistência, se decidiu a dizer: — *Não, eu nunca andei na escola. Meus pais não podeiam e, trabalhar no arranjo dos campos, foi quanto fiz durante toda a minha meninice. Ms, agora que estou por cá, vou fazer por isso pois gost o de ouvir folhetim na rádio e me custa não saber ler fotonovela.*

Fato macaco azul, andar também apressado, (era hora de aloço), Francisco Araújo, 12 anos de idade e natural de Lisboa, afirmou-nos: — *Eu nunca faltava às aulas e, agora faço o mesmo no meu emprego de mecânico. E só foi pena não poder continuar a estudar, mas como não me foi possível irei tentar fazer o melhor na profissão que escolhi, estudando nos livros as peças e os motores e praticando muito nos automóveis. Até porque nem só os «doutores» são pessoas bem colocadas na vida. Eu conheço muitos mecânicos que também ganham bom dinheiro e têm filhos a estudar e até já com cursos.*

A finalizar ouvimos ainda a opinião de Augusto Ramos, carpinteiro, natural de Tomar, que nos confidenciou: — *Sempre gostei muito de ir à escola, mas depois da primária tive de desistir por falta de possibilidades económicas dos meus pais. Fiz-me então carpinteiro e cá vou andando. Mas quando tiver filhos só não lhes darei um curso se não puder de maneira nenhuma. Cá por mim penso que um homem sem instrução anda sempre na mó de baixo. Só sabe o que os outros lhe querem ensinar, nada mais ...*

## Sindicato Nacional dos Empregados Bancários do Distrito do Porto

**SEDE: Praça do Município, 287 - 5.º Esq. — Telefone, PPCA 28934/5 — PORTO**

# AS VIÚVAS E FILHOS DE EMPREGADOS BANCÁRIOS

A Decisão Arbitral proferida na Revisão do Contrato Colectivo de Trabalho dos Empregados Bancários alterou o montante das pensões de sobrevivência a que têm direito as viúvas e filhos de empregados bancários.

Assim, esclarece-se:

1. Há direito à pensão desde que o empregado, na altura do falecimento, tivesse mais de cinco anos de serviço eum ano de casado.

2. A pensão será mantida enquanto a viúva se conservar nesse estado, revertendo, se o empregado não tiver deixado viúva, ou por morte desta, a favor dos filhos do empregado enquanto forem menores ou sofrerem de incapacidade permanente e total para o trabalho.

3. O valor das pensões de sobrevivência foi fixado, com efeito retroactivo a 5 de Junho de 1970, em 25 por cento dos novos vencimentos, com o mínimo de Esc.: 1 600$00.

4. As pensões de sobrevivência de valor superior a esse mínimo correspondem aos empregados que se encontravam colocados nas classes A, B, C, D, ou E na altura do falecimento.

5. As pensões são, pois, do seguinte valor:

| | |
|---|---|
| A | 3 437$50 |
| B | 2 750$00 |
| C | 2 250$00 |
| D | 2 025$00 |
| E | 1 775$00 |
| Restantes classes | 1 600$00 |

6. Os beneficiários das pensões de sobrevivência têm direito a receber a diferença entre as mensalidades indicadas em 5 e as que realmente perceberam desde 5.6.70.

7. No caso de os beneficiários das pensões de sobrevivência se encontrarem a receber pensões de montante inferior ao indicado ou de ainda não terem recebido as diferenças referidas em 6, devem dirigir-se aos Bancos em que os seus maridos ou pais prestaram serviço.

8. Quaisquer esclarecimentos adicionais poderão ser prestados pelos Sindicatos signatários.

**SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS BANCÁRIOS DO DISTRITO DE COIMBRA**
**Rua da Sofia, 139 - 4.º Esq.º — COIMBRA**

**SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS BANCÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA**
**Rua de S. José, 131 — LISBOA**

**SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS BANCÁRIOS DO DISTRITO DO PORTO**
**Praça do Município, 287 - 5.º Esqº — PORTO**

## Dizem os leitores

# "Intolerância espanhola"

**Do nosso leitor João Gonçalves Riquito, de Coimbra, enviou-nos uma longa carta em que nos descreve as suas não menos longas adversidades por terras de Espanha da qual transcrevemos o que se segue:**

Regressava a Portugal em 22 do passado mês de Agosto, vindo de França e, quase à entrada de Ciudad Rodrigo, sou mandado parar pela polícia das estradas. Obedeci ao sinal, encostei à berma e o chefe da brigada, cabo José Hernandez Polo, manda-me sair do carro, começando a explicar que deveria trazer a antena do carro (uma antena flexível) presa num grampo de fixação próprio; que trazê-la assim era proibido; que a multa era de 500 pesestas, mas que, se pagasse ali mesmo, teria um desconto de 20 por cento, devendo, portanto, pagar 400.

Como V. Ex.ª vê, é um caso muito simples; mas vai complicar-se. Porquê? Por um lado, por causa da minha estranheza perante a existência e razoabilidade de tal norma e da respectiva cominação de tão pesada multa para a sua infracção; por outro lado, por causa da intolerância da polícia espanhola para com um turista, atitude bem diferente, segundo julgo saber, daquela que a nossa fiscalização toma para com os parentes de Torquemada.

Comecei por dizer ao polícia que desconhecia totalmente tal norma repressiva, que nunca me passaria pela cabeça que existisse uma norma semelhante, que, embora soubesse que a ignorância da Lei a ninguém aproveita, esperava que ele, perante a minha ignorância e a pequena gravidade da infracção, me desculpasse; que, enfim, se eu tivesse praticado alguma manobra perigosa, nem estaria a discutir o assunto, teria de me sujeitar...

Respondeu-me que aquilo era uma infracção muito grave, muito perigosa, porque já tinham morrido pessoas (autêntico!!!) com a pancada de antenas flexíveis, nela e fê-la oscilar lateralmente) e atingiu as pessoas.

Corrigi-lhe o gesto, dizendo-lhe que com o andamento a antena não se movia naquele sentido, mas longitudinalmente. E quanto à alegada perigosidade, V. Ex.ª adivinha o que me apeteceu dizer-lhe, conhecendo a ridícula densidade populacional de quase todas as regiões por onde serpenteiam as más estradas espanholas.

Bem: o intolerante castelhano intima-me a pagar, porque, se não pago, não me deixa vir para Portugal, tendo nesta altura na mão o meu passaporte e outros documentos. Como se vê, uma atitude que eu julgava só ser possível, em países civilizados, perante um criminoso, e não perante um simples infractor a uma regra de trânsito... de antenas flexíveis!

Pois, mais uma vez lhe fiz ver a contradição em que estava a cair: porque, se a multa era de 500 pesetas, sofrendo um desconto de 20 por cento a pronto pagamento (como qualquer artigo que se vende) era porque se admitia a possibilidade de não ser paga ««in loco», além de que estava pessoalmente convencido de que um juiz, mesmo espanhol, me absolveria em tal caso, se o incidente fosse a um tribunal. Mas estava enganado.

O polícia replica-me então com uma que me deixou verdadeiramente estupefacto: que tinha oito anos (ocho años !!!) de Direito e que sabia o que estava a fazer; que estava ali para aplicar a lei espanhola, à qual eu tinha de me sujeitar e que a clemência não era com ele nem com os juízes espanhois (porque nosotros somos mui duros, implacables, diferentes de los otros países-sic).

Tive de o fazer corar e meter os pés. ... pelos outros pés, perguntando-lhe de quantos anos era o curso de Direito em Espanha (respondeu que era de 4) e se ele, com tal curso, tinha só aquela profissão.

A caça ao dinheiro do turista deve ser e é incrível, para este implacável executor da lei espanhola me declarar que estava ali para fiscalizar as antenas e que o colega do outro lado da estrada fazia o mesmo aos que passavam em sentido contrário.

Disse dinheiro do turista e só deste, porque, realmente, não vi nenhum polícia, desde Lérida a Saragoça, depois das 18 horas a multar as muitas centenas de camiões, por velocidade muito mais alta do que a permitida, por não encostarem à direita para permitir ultrapassagens, por não manterem entre si espaços idóneos e suficientes, que permitam a ultrapassagem a cada um deles. A actuarem nestes casos não vi; vi-os sim e ouvi-os declarar a caça às antenas flexíveis.

Senhor Director, não acredito, nem vejo (aliás nunca vi) que os sorrisos oficiais se transmitam automaticamente aos povos. A cultura, o clima, a geografia em geral, possivelmente os cromossomas (sem racismo), a célebre e celebrada maneira de ser e a História fizeram-nos diferentes. Somos diferentes. Nós, para com eles, por esses factores, por parvoice, por bondade ou por necessidade de promoção turística, elucidamos, guiamos, desculpamos.

Nós pomos à sua disposição, nas fronteiras, papelinhos acerca da limitação de velocidade, deixamo-los ir embora, mesmo em casas de infracções graves. Na França, donde eu vinha, pede-se compreensão às autoridades e aos particulares para com as atrapalhações do turista; os gendarmes, sorridentes, têm prazer em nos guiar e elucidar; os jornais franceses, como vi e li pedem que se desculpem os turistas estrangeiros, mesmo em casos de marcha em sentido proíbido, quando daí não tenha vindo prejuízo efectivo.

Enfim, se contar, ainda, que nesse mesmo dia, num pequeno café da Rua Jaime I, em Saragoça, pedindo eu um sumo, o empregado me diz «hable-me em castellano, porque no lo comprendo»...; e que eu tive de descobrir o «jugo», que era o que ele compreendia...; se disser que numa cidade como Madrid, na zona do Cristo de Medinaceli, em duas noites seguidas, tive que esperar cerca de 40 minutos pelo «sereno» que se embebedava num tasco, para me abrir a porta do hotel, e que teve, ainda por cima, a desfaçarez de me dizer que cumprisse eu o meu dever como ele cumpria o dele, quando eu lhe chamei a atenção para a sua falta.

PEDRO MARTINS DA SILVA

# CHUVA

Primeira gota — explosão no contacto com o vidro. Outra e outra, logo a seguir, escorre em fio. E logo outro a juntar-se a este.

Bate na vidraça. Ruído. A princípio é só ruído; gaussiano, de uma minha certa distorção... profissional.

São depois os planos que se confundem; realidade entrevista através da lâmina de água. Difusa. De contrastes que se homogeneizam. Realidade tremulante, que continuo a sentir com nitidez — nitidez conhecida ou sonhada.

A lâmina de água tacteia a princípio levemente os telhados, depois mais forte, sempre mais forte, o ruído obsessivo da lâmina de água que ondula. O céu que se funde na terra e tudo no cinzento escuro. Que desce em nós.

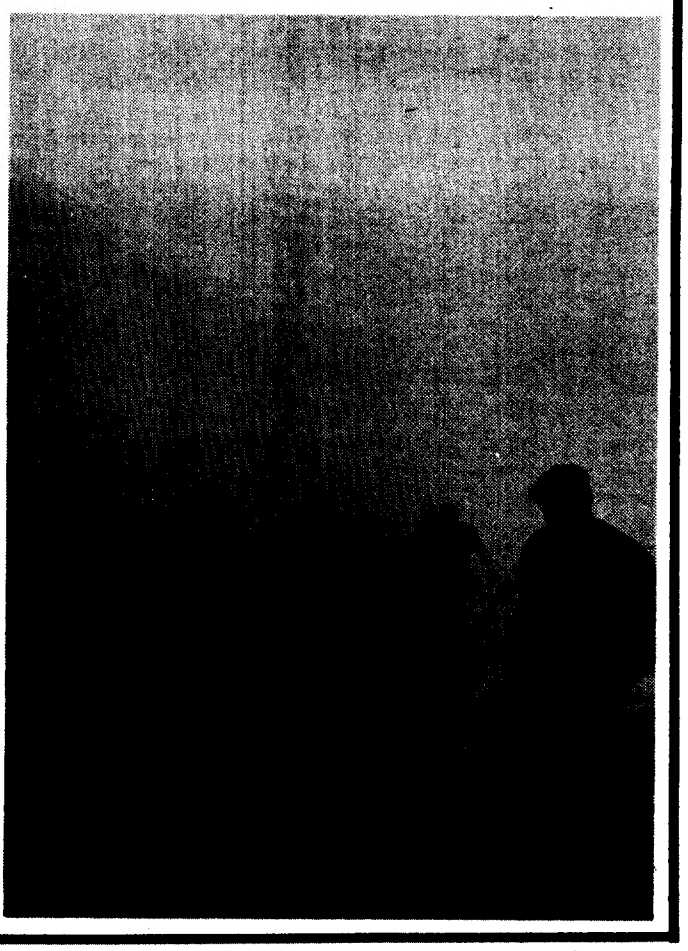
Chuva que limpa o pó, pousado, repousado, cansado do Verão. Limpa ideias de Verão que se juntaram, amontoaram, entrosaram e distorceram. Chuva, ponto final de uma época.

Saltam e cantam à chuva aves que vão sendo apenas memória nas árvores poucas da cidade. Na quietitude do ruído da chuva, sobressaem os seus cantos — breves. Cantar esperança das terras que a chuva fecunda lá longe — trazido à cidade.

Os verdes parecem mais verdes; cheiro bom a terra húmida. Há agora gotas — preciosas — a brilhar aos raios de Sol que furam nuvens escuras; Sol que está quase a pôr-se.

Recomeça a vida que abrandara. Recomeça, retoma ritmo, naquele frenesi do quase fim de dia.

A chuva — das primeiras — agora é quase só algumas poças de água; pingos que caem, aqui e ali, erráticos. A lembrar que houve chuva. A lembrar o regresso rápido, necessário, de fim de jornada. E assim o entende a multidão formigante, pelas ruas.



## Eleições na "Programa"

Para a eleição dos corpos gerentes, a Comissão Organizadora do «PROGRAMA—AssociaçãodeEstudos para o Progresso Nacional» promoveu uma assembleia geral realizada no Porto, em 30 de Setembro último. Foram eleitos para o conselho geral: José Luís da Cruz Vilaça - (presidente) assistente da FAculdade de Direito de Coimbra; Alexandre Augusto Guedes de Magalhães - director de empresa; António José Tomaz Gomes de Pinho - licenciado em Direito; Armando Manuel Martins Moreira - director de empresa; Baltazar Andrade Gonçalves - advogado; Carlos Maria Pinheiro Torres - assistente da Faculdade de Economia; Carlos Pinto de Resende - advogado; Eugénio Canto Brandão - industrial; Gonçalo Manuel Sequeira Braga - consultor de empresa; Gonçalo Santa Clara Barbas - médico; Jaime Nogueira Pinto - licenciado em Direito; Joaquim Guilherme Ramos - professor; José António Telles Gomes - funcionário ultramarino; José Carlos Seabra Pereira - assistente da Faculdade de Letras; José Miguel de Alarcão Júdice - assistente da Faculdade de Direito; José Moreira - gerente comercial; José Magalhães Valle de Figueiredo - escritor; Luís Cerqueira Gomes - médico; Luís da Cunha Teixeira e Melo - advogado; Luís Maria Oliheira Dias - director de empresa; Manuel Eugénio Cavaleiro Brandão - funcionário sindical; Maria Luisa Allegro - economista; Martin Côrte-Real Albuquerque - assistente do ISESPU; Nuno Sampaio Lemos - funcionário público; Vasco da Gama Lobo Xavier - advogado.

Para a assembleia geral, foram eleitos: João Diogo Noronha e Menezes 1 (presidente), funcionário público; António Marques Bessa - assistente do ISESPU; José Joaquim Tomaz Gomes - advogado; Rui Lemos Moura Ramos - assistente da Faculdade de Direito.

8 José Carlos Vieira Andrade - (presidente) assistente da Faculdade de Direito; Luís Adão da Fonseca - assistente da Faculdade de Letras, e Manuel Augusto Gomes de Almeida, médico, são os membros do conselho fiscal.

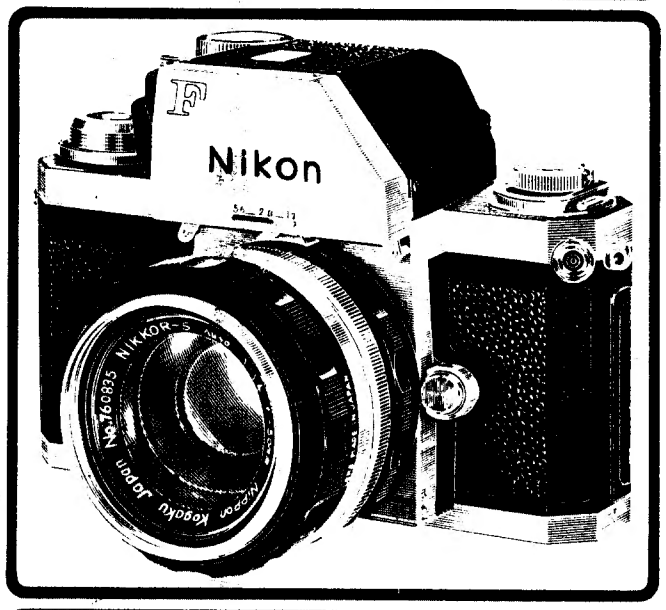
Em reunião do Conselho Geral realizada logo a seguir foi designado 1.º secretário o sr. José de Magalhães Valle Figueiredo.

Galerias Roldão

Artigos foto-cine, mobiliário, estofos, objectos decorativos.
AV. ALMIRANTE REIS, 13 E

1 SEMANA em LONDRES
PARTIDAS:
TODOS OS DOMINGOS
Setembro 23, 30
Outubro 7, 14, 21, 28
preços excepcionais desde 3350$
INCLUINDO:
• VIAGEM EM AVIÃO A JACTO
• ESTADIA NO HOTEL
• TRANSPORTES EM TERRA
• VISITA TURÍSTICA DE LONDRES
• TAXAS HOTELEIRAS
• ASSISTÊNCIA DE GUIA abreu
PREÇO PARA JOVENS 2750$
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
FUNDADA EM 1840
LISBOA — Av. Liberdade, 160 Telef. 320021 (15 linhas)
PORTO — Av. dos Aliados, 207 Telef. 37921 (16 linhas)
COIMBRA — Rua da Sota, 2 Telef. 27011/27012

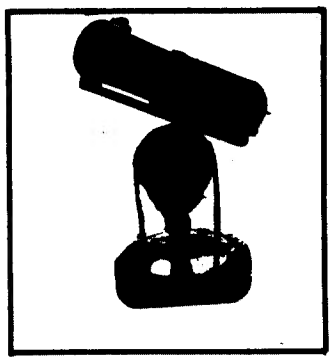
LUSTRES
de confecção esmerada, cores maravilhosas, fazem lares lindos. Fábrica. Av. 5 de Outubro, 203-r/c.. Esq. (Ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.
VENDA AO PÚBLICO

fotografe a vida com Nikon F


Porque NIKON F não é sòmente uma câmara, mas sim um sistema completo de fotografia, cujas objectivas, visores, filtros, mecanismos, equipamentos e acessórios, permitem captar TUDO, perto ou longe, estático ou veloz, com paciente minuciosidade, ou antecipando-se ao movimento.
O retrato e a paisagem, a acção, os factos transcendentes ou emotivos, capta-os a NIKON em toda a sua grandeza e verdade.
Nikon
CADA FOTO UM PEDAÇO DE VIDA
Dirija-se sòmente às casas altamente especializadas em material NIKON porque sòmente elas o poderão aconselhar conscienciosamente.
Representantes exclusivos em Portugal:
ESTAB. M. SIMÕES JR., S.A.R.L.
Departamento Foto-Cine — R Douradores, 10 — Lisboa

# A CIÊNCIA E O HOMEM

por ANTÓNIO BAPTISTA



# HISTÓRIAS FABULOSAS DA VIDA ACADÉMICA

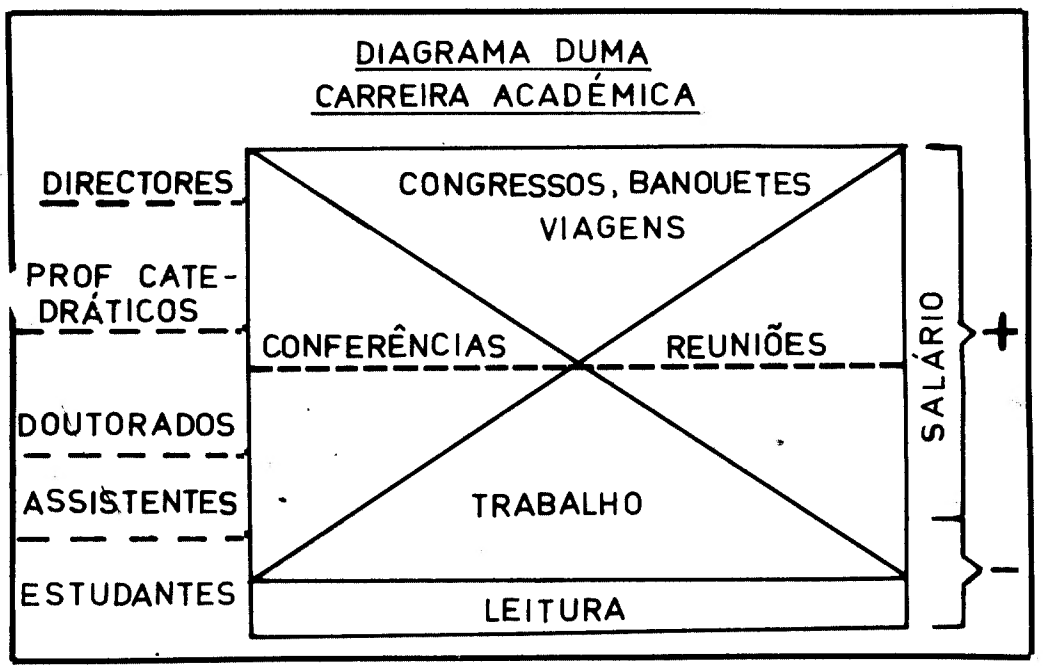
Tenho quase a certeza que esta história a li num discurso do presidente Eisenhower. Passa-se numa pequena cidade com velhas tradições universitárias. Se não se tratasse de palavras dum americano, já estaria a adivinhar que muitos poriam o seu pensamento, por exemplo, em Coimbra mas, como verão, há inúmeras candidaturas...

Pois nessa cidade vivia um homem que tinha um cão que, desde muito cedo, revelou extraordinárias qualidades para caçar. A fama do cão cresceu de modo que os seus serviços eram pedidos pelos mais ilustres dignitários da cidade, em particular do corpo universitário. Talvez por isso, o dono do animal resolveu promover o cão, seguindo a ordem dos títulos académicos. De estudante passou a licenciado, depois a doutorado, com a actualização respectiva de professor auxiliar, depois a professor agregado e professor extraordinário.

Algum tempo depois desta última promoção, um velho cliente que há já muito tempo não recorria aos serviços do cão, veio junto do dono pois pensava participar numa importante caçada. «Não senhor, não lhe devo emprestar o cão», afirmou resoluto o homem! «Vossa Excelência foi sempre um bom cliente e amigo. Sabe, o cão, logo que o fiz catedrático, sentou-se e ficou para ali a rosnar o dia inteiro. Já nem sei se perdeu o faro ou o que é. Ninguém sabe o que ele quer. O facto é que já não serve para caçar».

O meu querido professor Júlio Palácios, a quem contei esta história um dia, e que sempre ficou com a suspeita de ser eu o seu autor, como se eu fosse capaz de inventar um tal conto, pediu-me licença para a reproduzir. É claro que lhe aconselhei antes dirigir-se à Casa Branca como a repartição competente para o efeito mas, possivelmente, jjá nem ali se lembrariam do autor da história. Pertence ao folclore mundial. Creio que o professor Palácios a publicou, com alguns adornos próprios, no ABC de Madrid.

Em troca, devo a D. Júlio outra história até mais verídica, mas não mais verdadeira do que esta. Havia um seu colega da Universidade de Madrid que dizia, há anos, há muitos anos, claro, talvez mesmo antes da Guerra Civil — para estarmos mais seguros — que os professores da Universidade se dividiam em dois grandes grupos: os que não faziam nada e aqueles que era bem melhor que também não fizessem nada. Esse professor, creio que era especialista em gastronomia e não há quem não recorde as especialidades verdadeiras de alguns famosos professores: licoristas, pescadores, caçadores, vinhateiros, exploradores, etc... Com exemplar modéstia disfarçam as suas aptidões reais e vocações com os sombrios hábitos académicos.




### ONDE, PARECE, QUE (APARENTEMENTE) SE INTERROMPE A FÁBULA...

Há poucos dias, o professor Kenneth Mallenby, director da Estação Experimental de Monks Wood, na Grã-Bretanha, perante a Associação Britânica para o Progresso das Ciências, referia-se à diminuição de produtividade que se parece notar na investigação científica britânica. Segundo Mallenby, a reforma que se realizou, e a que está associado o nome de «lord» Rotschild, seria mais um passo no caminho errado. Recordemos que o fundamental do plano Rotschild, aprovado pelo Governo britânico, consiste em retirar verbas importantes dos centros de investigação científica dos Conselhos de Investigação, por exemplo, e concedê-los aos diversos departamentos dos diferentes ministérios interessados na investigação relacionada com a sua actividade própria. Estes departamentos utilizariam estas verbas para, como clientes, contratarem com os centros de investigação certos projectos de seu interesse. Em certa forma, os centros de investigação receberiam quantitativos idênticos aos que anteriormente recebiam mas agora com a obrigação de os empregarem em programas de interesse dos clientes.

Para que o sistema possa funcionàr, naturalmente que é necessário nomear para os departamentos dos ministérios cientistas que possam aconselhá-los quanto aos projectos a contratar com os centros de investigação científica. E voltamos à crítica do professor Mallenby.

Segundo ele, as ideias de Rotschild levam a um reforço duma tendência que tende a enfraquecer a comunidade científica activa. Vai ser necessário nomear para lugares de administração cientistas ainda numa fase produtiva da sua carreira. E cientistas muito distintos, em certo sentido, insubstituíveis. Aliás, o desenvolvimento da ciência como a organização de grandes laboratórios numerosos investigadores e grandes somas de dinheiro, exigiu que muitos cientistas, ainda na fase produtiva da sua carreira, se retirassem dos laboratórios e se dedicassem á sua organização e administração. Além disso, como comenta Mallenby, as atracções dos corredores do poder são quase irresistiveis mesmo para a grande maioria dos cientistas mais qualificados que assim se perdem para a investigação. Poderíamos nós acrescentar, em sua defesa que de dois males escolhem o menor pois se poderiam encontrar na situação de serem dirigidos por homens pouco qualificados e menos motivados, como apesar de tudo tantas vezes acontece, particularmente nos países onde a ciência é, ainda uma planta exótica mal adaptada.

### ONDE SE REGRESSA, EVIDENTEMENTE, À FÁBULA

Resumindo e concluindo apresentamos, de autor anónimo, o bem conhecido diagrama das carreiras académicas (figura 1). Espero que os nossos leitores concordem em que tem graça e, até, ofende... Para os menos treinados na leitura destes diagramas, escolhemos o exemplo a que corresponde a linha a tracejado horizontal. Corresponde, pois, a categoria dos «doutorados» (professores auxiliares, agregados e extraordinários). A intersecção desta linha com a linha vertical à direita, indica o seu salário, positivo (mais), claro está, e situado quase ao meio da escala cujo máximo se refere ao salário dos directores. Como se vê, atravessa uma grande parte da zona de **conferências** (ou aulas), uma parte insignificante da zona de **trabalho** e grande parte da zona de **reuniões**.

Para terminar há aquela do «bedel» em Coimbra que foi felicitar o professor que terminara, com êxito, as suas provas para catedrático: «Permita-me V. Ex.ª que o cumprimente e felicite. Felizmente que, a partir de agora, V. Ex.ª já não precisa de trabalhar mais»...

Figura 1 — **Este diagrama, dividido em quatro zonas, para ser válido para a eternidade se tanto durasse, não tem marcadas escalas nem nas verticais nem na horizontal. Na vertical da esquerda estão marcadas as zonas correspondentes às posições académicas; na vertical da direita, os salários respectivos (note-se que estes podem ser positivos (mais) ou negativos (menos). A linha a tracejado corresponde a uma situação hipotética dum doutorado, com um salário cerca de metade do máximo possível: praticamente o seu tempo é dividido em partes iguais em conferências e em reuniões; trabalho, quase nenhum...**

# NO ANO XVI DA ERA ESPACIAL

Antes de 1954, a única referência oficial mostrando o interesse dos Estados Unidos pela realização de satélites artificiais limitou-se a um breve comentário feito no final de 1948 pelo então secretário da Defesa, James Forrestal. Imediatamente, o jornal soviético «Novos Tempos» reagiu perante essa «ideia do louco Forrestal dum satélite da Terra», chamando-lhe um «instrumento de chantagem internacional». Claro que nos Estados Unidos, a partir de 1945 já se falava muito na creação dum satélite não tripulado e, em Maio de 1946, por encargo da Força Aérea dos Estados Unidos, o chamado «Project Rand» que se transformaria na Rand Corporation em Novembro de 1948, publicava um relatório intitulado «Plano Preliminar para uma Nave Espacial Experimental viajando em torno da Terra» onde se advogava o desenvolvimento dum satélite da Terra tanto como instrumento científico como pelo seu impacto sobre «a imaginação da humanidade».

Apenas em 29 de Julho de 1955 no entanto, depois de muitas hesitações e vagares, a Casa Branca anunciou a decisão de lançar «como parte da contribuição dos Estados Unidos ao Ano Geofísico Internacional, satélites pequenos e não tripulados que viajassem em torno da Terra». O Ano Geofísico Internacional iniciar-se-ia em 1 de Julho de 1957.

Nunca passou pela cabeça de ninguém que houvesse um outro país com os meios tecnológicos e económicos e a decisão necessários para se adiantar aos Estados Unidos. E isto apesar dos soviéticos terem anunciado, em Janeiro de 1955, que o lançamento dum «satélite da Terra» seria possível num futuro próximo e em Abril do mesmo ano se ter criado junto da Academia das Ciências Soviética, que não é uma instituição creada só para a preservação e purificação de salamaleques tradicionais, uma Comissão Interplanetária Interdepartamental. Nem sequer, e isto é, o cúmulo, ninguém ligou importância a um anúncio feito em 2 de Agosto de 1955 no Congresso Internacional de Astronáutica pelo presidente dessa Comissão o ilustre físico, bem conhecido no Ocidente pelos seus trabalhos de Mecânica dos Fluidos, L.I. Sedov de que os russos tencionavam lançar satélites da Terra durante esse Ano Geofísico Internacional.

Ninguém parecia suspeitar de que debaixo do maior segredo os soviéticos tinham desenvolvido poderosos foguetões para usos militares.

Assim, em 4 de Outubro de 1957, nascia a Era Espacial com o primeiro Sputnik e o tal «impacto psicológico sobre a imaginação da humanidade» de que falava o relatório americano, podia-se observar com particular intensidade precisamente nos Estados Unidos que ficaram literalmente em estado de choque. Vi os seus cientistas num dos seus grandes centros de investigação andarem como que atordoados, como um «boxeur» atingido por um soco inesperado.

Decorridos anos vemos, agora, pela primeira vez os americanos e os soviéticos a colaborarem num projecto comum: em 1975 uma nave soviética do tipo Soyuz será lançada em órbita. Depois será lançada uma nave americana que ficou duma das missões do Projecto Apolo canceladas. Esta nave aproximar-se-á da Soyuz e ligar-se-á a ela. As tripulações visitar-se-ão e realizarão experiências sem comum, durante dois ou três dias, depois do que se separarão. Americanos e soviéticos colaboraram já nos planos da unidade necessária para a junção das duas naves. A figura junta mostra a metade americana da nave de que foi já criado um prototipo que está a ser verificado. Tem 1,53m de diâmetro e 3,05m de altura. Cada metade do sistema tem guias em forma de pétalas, bem visíveis na figura, que se encastrarão em outras equivalentes situadas na outra nave. Depois de feita esta ligação, a união final far-se-á quando dois aneis das duas naves se ajustarem rigorosamente, movendo-se um ao encontro do outro.

Veremos se o futuro confirma esta colaboração que, alargada a todos os países, se deveria naturalmente festejar.

# ANTOLOGIA

**De Richard Feynmann, físico, um dos génios do nosso tempo, algumas palavras sobre**

## IGNORÂNCIA, DÚVIDAS E INCERTEZAS EM CIÊNCIA

«O cientista tem bastante experiência da ignorância, da dúvida e da incerteza e esta experiência é da maior importância, penso eu. Quando um cientista não sabe a resposta a um problema é ignorante. Quando vislumbra o resultado, fica indeciso e quando está mesmo certo de qual vai a ser o resultado, todavia ainda tem algumas dúvidas. Aprendemos a que é de importância fundamental para progredir, ter de reconhecer a ignorância e deixar lugar para a dúvida. O conhecimento científico é um corpo de afirmações com vários graus de rigor — alguns bastante incertos, outros quase certos, nenhuns absolutamente certos. No entanto nós, os cientistas, estamos acostumados a isto e discutimos que é perfeitamente consistente estar incerto, de que é possível viver e **não** conhecer. Mas não sei se todos estão de acordo com esta posição. A nossa liberdade em duvidar nasceu duma luta contra a autoridade nos primeiros tempos da ciência. Foi uma luta muito dura e árdua para que nos fosse permitido interrogar, duvidar, não estar certos. Penso que é imporrtante não esquecermos o que representou esta luta e assim perder o que se conquistou. Aqui reside uma responsabilidade para a sociedade. Ficamos tristes quando pensamos nas potencialidades maravilhosas que os seres humanos parecem possuir quando as comparamos com os seus pequenos êxitos. Uma e outra vez os homens pensaram que poderíamos conseguir muito mais. Os antepassados viram nos pesadelos do seu tempo, um sonho do futuro. Nós, no seu futuro, vemos que os seus sonhos, em certa medida ultrapassados, permaneceram em certa forma como sonhos. As esperanças para o futuro são hoje, bem partilhadas, as do passado.»

# REUNIÃO DE AUXILIARES SOCIAIS PARA ESCOLHA DE REPRESENTANTES NUM GRUPO DE TRABALHO OFICIAL

Decorre amanhã, na sede do Sindicato Nacional dos Profissionais de Serviço Social, às 18 e 30, uma reunião geral de auxiliares sociais destinada à escolha de duas representantes no Grupo de Trabalho para estudo da problemática das Escolas de Auxiliares Sociais.

O Grupo de Trabalho referido foi criado em 25 de Junho, por despacho do subsecretário de Estado da Saúde e Assistência, com os seguintes objectivos: «**aa) Definição de acção social no contexto socio-económico do País, considerando as exigências de uma sociedade em desenvolvimento; b) Definição da função das auxiliares sociais como trabalhadoras sociais no contexto referido; c) Análise compartiva das solicitações profissionais às auxiliares sociais nos diferentes serviços; d) Estudo dos programas de formação destas profissionais face às necessidades sentidas; e) Estudo da inserção e do enquadramento técnico-profissional nos seus vários aspectos; f) Determinação do ritmo anual de saída, de acordo com a capacidade de absorção do mercado de trabalho**». Presidido pela directora do Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Pessoal do Instituto da Família e Acção Social, o Grupo de Trabalho é constituído por representantes dos Ministérios da Saúde e Assistência, Corporações e Educação Nacional, da Corporação da Assistência, das escolas de auxiliares sociai e do Sindicato Nacional dos Profissionais de Serviço Social.

Numa primeira reunião levada a efeito em Junho pelo organismo sindical, foi reconhecido o interesse da participação nos trabalhos do Grupo mas considerada a impossibilidade de na altura se indicarem profissionais que representassem o organismo. Isto porque «**é da máxima importância para a profissão o trabalho proposto por tal Grupo; a complexidade do problema em questão não permitirá que se realize um trabalho suficientemente válido no prazo mencionado no Despacho (três meses), com a agravante de que pouco tempo já falta para expirar tal prazo; pelo facto de se estar em época de férias, nenhuma profissional tem disponibilidade para assegurar a continuidade exigida por tal Grupo de Trabalho; a pessoa que venha a ser indicada, para ser suficientemente representativa terá de contar com o apoio de todo o egrupo profissional, apoio esse que, de momento, não poderá ser garantido por motivo de férias de todos os serviços**».

Por estas razões, as auxiliares sociais sugeriram que o Grupo de Trabalho se constituísse em fins de Setembro ou princípios de Outubro, que o prazo para o trabalho do Grupo fosse prolongado e que a sua representação fosse de duas profissionais, no mínimo. Estas sugestões foram aceites, tendo-se efectuado a primeira reunião do Grupo de Trabalho no passado dia 25, embora sem a presença dos respresentantes do Sindicato por não estarem ainda escolhidos.

# MOTORISTAS DE TÁXI PROTESTAM

**A Comissão Executiva da C.D.E. enviou-nos o seguinte comunicado através da Comissão de Imprensa:**

«Motorista de táxi, a tua situação é cada vez mais grave, em face do documento (abaixo transcrito) da empresa Talismã, que é dos mais absurdos e exploradores do trabalhador do volante. Pois vamos protestar contra esta situação caótica em que nos encontramos; como tu sabes, outros patrões, por influência deste documento, serão mesmo capazes de o copiar. Porqae não fazemos o cumprimento do Contrato Colectivo de Trabalho? Sabes muito bem que é lei o que diz a cláusula 22.ª, parágrafo 4.º do C.C.T. Diz: os motoristas de auto-táxis e de carros de aluguer ligeiros de passageiros terão direito a 20 por cento da receita efectuada para além das seguintes médias semanais: a) Turno de dia, 1.800$00 semanais com km a 1$90;) Turno de noite, 1.500$00 semanais com km a 1$60; c) Um só turno, 2.400$00 semanais com quilómetro a 2$00.

**O comunicado acima transcrito teve origem numa carta que a empresa Garagem Talismã, L.da. dirigiu aos seus motoristas e que é do seguinte teor:**

«Desejando esta empresa de algum modo antecipar-se à melhoria provável da alteração do C.C.T., mas constatando que tal antecipação não se pode realizar sem que lhe seja assegurada uma rentabilidade mínima de produção, comunica-lhe que deliberou conceder, temporariamente, a partir do dia 3 do corrente mês e tão somente até à entrada em vigor do novo C.C.T., os seguintes prémios de produtividade:

Esc. 100$00 por semana, sempre que a produção semanal atinja Esc. 3.600$00 e valor mínimo de Esc. 2$80 por km vendido;

Esc. 200$00 por semana, sempre que a produção semanal atinja Esc. 400$00 e valor mínimo de Esc. 2$70 por km vendido.

Aproveita também esta empresa a oportunidade para lhe comunicar que além desta meltoria tem outras em estudo, que, a concretizarem-se, lhe serão comunicadas oportunamente.»

# UTILIZE OS SERVIÇOS RODOVIÁRIOS DA C. P.

## HORÁRIO DA CARREIRA
## CASTELO BRANCO-FUNDÃO-COVILHÃ

| | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| A | | | A | | | | | A | | A |
| | 8-30 | 10-30 | | 16-00 | P. Castelo Branco C. | 9-55 | 11-35 | | 18-50 | |
| | 8-54 | 10-54 | | 16-24 | Alcains (cruz.) | 9-31 | 11-11 | | 18-26 | |
| | 9-10 | 11-10 | | 16-40 | Lardosa (cruz.) | 9-15 | 10-55 | | 18-10 | |
| | 9-21 | 11-21 | | 16-51 | Soalheira | 9-04 | 10-44 | | 17-59 | |
| | 9-30 | 11-30 | | 17-00 | Cast. Novo (cruz.) | 8-55 | 10-35 | | 17-50 | |
| | 9-38 | 11-38 | | 17-08 | Alpedrinha | 8-47 | 10-27 | | 17-42 | |
| 7-10 | 10-00 | 12-00 | 12-00 | 17-30 | Fundão | 8-25 | 10-05 | 14-15 | 17-20 | 19-15 |
| 7-22 | 10-14 | 12-14 | 12-12 | 17-44 | Alcaria (cruz.) | 8-11 | 9-51 | 14-03 | 17-06 | 19-03 |
| 7-34 | 10-29 | 12-29 | 12-24 | 17-50 | Tortosendo | 7-56 | 9-36 | 13-51 | 16-56 | 18-51 |
| 7-45 | 10-45 | 12-45 | 12-35 | 18-15 | C. Covilhã P. | 7-40 | 9-20 | 13-40 | 16-35 | 18-40 |

A — Excepto aos domingos e feriados equiparados.

No interesse de todos,
os nossos comboios
têm de partir à tabela.
Adquira os seus bilhetes com antecipação
nas estações de Lisboa
(Rossio e Sta. Apolónia),
Porto (S. Bento e Campanhã),
nos Despachos Centrais
da EGT ou ainda na sua
Agência de Viagens.

Chegue cedo à estação.
Embarque sossegadamente.
A CP deseja-lhe boa viagem.

Caminhos de Ferro Portugueses

CP 68 A 73

BALLET

Estão abertas as inscrições para o novo ano lectivo dos cursos de bailado clássico dirigido por FRANCES SCOTT. Funcionam em Cascais no seu estúdio no Hotel Estoril-Sol a partir das 17 horas. Estes cursos admitem alunos a partir dos 4 anos. Nas classes mais adiantadas seguem os moldes do Royal Ballet School. Dão-se informações pelo telefone 28 05 23

OFICINAS DE AUTOMÓVEIS
COTAL
SERVIÇO OFICIAL
TOYOTA
Rua Artilharia Um, 105-A
Rua dos Lusíadas, 113-A
Telfs. 683131/2/3
Telfs. 631057/8

MERCEDES
BMW
ROVER
MARCAS DA G.M.

TODA A TÉCNICA DE ESPECIALIZAÇÃO, FERRAMENTA E PESSOAL COMPETENTE

DAMOS ORÇAMENTOS PRÉVIOS

UM DOS SERVIÇOS MAIS EFICIENTES E RÁPIDOS DE LISBOA

SERVIÇO INDEPENDENTE

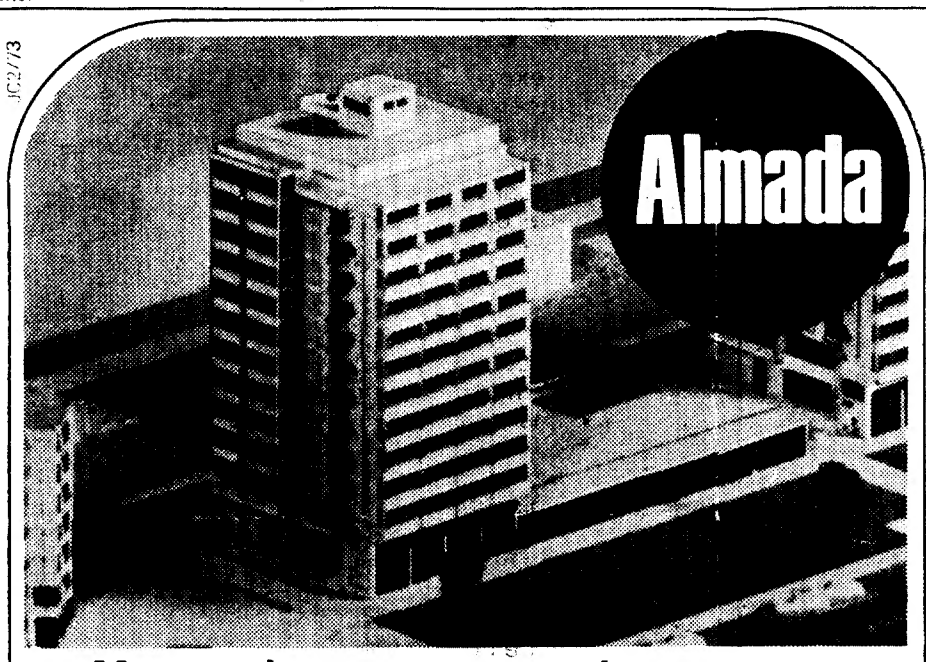
motor revista


## DR. MANUEL DE CARVALHO

**Missa do 30.º dia e agradecimento**

Julieta de Carvalho e família participam que amanhã dia 8, pelas 11.30 horas, na Igreja do Sagrado Coração de Jesus será celebrada missa pelo seu eterno descanso. Agradecendo a todos que se dignarem assistir a este piedoso acto, igualmente agradecem muito reconhecidamente todas as homenagens e provas de amizade prestadas ao seu querido irmão e parente.

**O «DIARIO DE LISBOA» é vendido por Pedro de Oliveira Gonçalves da Silva, Rua Lobo da Costa, 189 — VIALONGA**


JC2/73

Marque lugar no presente...
na cidade do futuro!

Almada, encruzilhada do futuro próximo! No caminho para a Siderurgia, Lisnave, Setenave, o porto Atlântico de Sines e o novo Aeroporto de Lisboa.
Almada, a nova cidade do futuro próximo, onde há já um apartamento mobilado para si. Um investimento que se valoriza hora a hora.
Apartamentos mobilados em Almada, Trafaria, Costa de Caparica e Corroios, desde: 195 Contos
Vivendas na Sobreda de Caparica, desde: 600 Contos
Pois é... J. Caetano é que é!

J. CAETANO, L.DA
RUA CAPITÃO LEITÃO, 51 - ALMADA

Atendemos todos os dias
Dias úteis: R. Capitão Leitão, 51
Tel. 27 48 83 - 27 45 66 - 276 37 11
Domingos e feriados
"Urbanização Novo Horizonte"
Tel. 245 42 21

**CARTA DO BRASIL**

## CHIANCA DE GARCIA

# LIÇÃO PARA A MORTE DE UM POETA

Que o leitor conheça pelo menos o nome de Pablo Neruda, eu acredito. Não sei porém se está a par da sua poesia.

Eu, por mim, não só o conheci, como escutei por várias vezes seus poemas por ele declamados naquele preguiçoso espanhol característico das repúblicas dos Andes. Pablo Neruda! Era enorme o seu calor humano. Esteve, por muitas vezes, no Brasil. Aqui foram editados alguns dos seus livros. Representou recentemente o seu país, o Chile, como embaixador na França. Doente, porém, voltou à pátria, e lá se despediu, agora para sempre, deste mundo, quando o regime que tinha servido acabava destroçado pela Junta Militar que tomou o poder num clima, é claro, cheio de apreensões e ameaças.

Digo estas últimas palavras para que melhor compreendam o que vou contar a seguir, e que não tem o menor significado político. Muito pelo contrário.

*SÓ POESIA1*

O país estava vivendo ainda ondas de terror. Mas um poeta morrera. Um poeta que cantara a liberdade e o amor, e ganhara, na Suécia, um Nobel da literatura.

E certo que as tropas ainda estavam em alerta. Em horas assim, qualquer faísca deflagra uma tempestade.

Temia-se o que poderia acontecer. Tinha sido uma figura nacional. Agora, que restava dele?

Na noite pesada de maus presságios o corpo de Pablo Neruda era velado apenas pela viúva e alguns amigos mais íntimos. Talvez fosse melhor assim. Seria sepultado com a dignidade do silêncio. E veio a madrugada.

Chegou o carro fúnebre. Sobre recentes rosas ainda orvalhadas, foi fechado o caixão. E iniciou-se o breve cortejo, na penumbra da manhã, sugerindo um nervoso apontamento de Goya,. Ainda havia no ar cheiro de pólvora. E de sangue. E de morte. Abria-se uma ou outra janela. E flores eram jogadas lá de cima. Portas descerravam-se. E surgiam vultos que se incorporavam ao cortejo como movidos por uma força interior. No começo eram dez, agora já eram cem. De todas as esquinas desaguava um silencioso fio de gente. Do céu tombava uma chuva de finas lágrimas. Então, com o subito surgir de um raio de sol, uma voz de mulher, clara e firme, começou declamando assim:

— Tu, Pablo Neruda, poeta, ahora y siempre...

No princípio eram dez, depois cem, duzentos, trezentos, mil. Aquilo foi como um rastilho. E logo, em côro, homens e mulheres, começaram repetindo:

— Ahora y siempre, Pablo. Ahora y siempre!

E logo outra voz erguendo-se até aos pincaros dos Andes, gritou bem alto:

— Tu, Pablo Neruda, não estás morto, tu dormes como dormem as rosas...

— Era um poema de Neruda:

— Não estás morto, não, não estás morto, estás dormindo, como dormem as rosas antes do sol raiar!

E no longo desfile, a multidão, cada vez mais densa, foi, repetindo em côro, outros poemas do poeta. E sempre o estribilho, repetido em sinos de aleluia:

— Poeta, ahora y siempre, Pablo Neruda!

*SÓ POESIA-2*

E assim se chegou ao cemitério. Não houve discuesos. Só poemas declamados em coro. Só palavras que teciam no céu um arco-íris de esperança.

— Tu, Pablo Neruda, presente, ahora y siempre. A nosso lado.

*SÓ POESIA-3*

Bem, leitores, era isto que lhes queria contar. O enterro de um poeta. De que tomei conhecimento na madrugada de hoje, pelos relatos de amigos recém-chegados de Santiago. Isto sucedeu na América Latina, num país dos Andes, Longe pra burro, né?

*SÓ POESIA-4*

Parei de escrever. Então, amigos, lembrei-me de que era português. De um país da Europa, à beira-mar plantado, onde, mau grado nosso, os poetas sempre morrem em silêncio e abandono. Como morreu Camões, como morreu Bocage, como morreu Cesário Verde, como morreu Gomes Leal, como morreu Fernando Pessoa, e como, poucos anos atrás, morreu José Régio, que, embora já consagrado, ao chegar às portas (supostamente do céu) não teve na hora derradeira gente do seu povo recitando, para eternizá-lo versos seus, como aqueles que estão no seu primeiro livro, e que o revelaram como poeta:

«O menino, por fim, tombou cansado; / O seu boneco aí faz esfarelado... / E eu acho, nem sei como, a porta aberta»!

*AVISO UNIVERSAL*

Bem, o caso é o seguinte: Eu recebi de São Paulo, recentemente, uma obra intitulada «Dicionário de Ciências Ocultas. Depois de lê-lo, comecei pensando em escrever uma carta do Brasil onde, nesse dicionário, de A a Z escolheria em cada letra uma palavra mágica que utilizaria, de modo respeitoso, para distracção dos leitores.

Fugiria assim ao natural, para mergulhar no mundo do sbrenatural. Mas ao iniciar o trabalho comeceipressentindoque estava desencadeando sobre mim as iras desse universo desconhecido. Vou explicar porquê.

De há muito que, aos domingos, aqui estou com os leitores, muitos dos quais mantem correspondência comigo. Desde então passei a receber cartas, cartões, poemas, desenhos, palpites, fotos, conselhos e é claro, censuras. Também recebia cartas dos meus familiares.

— E, com admirável pontualidade, chegava, seis dias após a publicação, o recorte da crónica semanal publicada no Diário de Lisboa.

Vivia assim no melhor dos mundos. Mas desde que pousou, sinistro, na minha mesa, esse Dicionário das Ciências Ocultas, minha vida virou um inferno. Há quatro semanas que não recebo recortes do Diário de Lisboa nem cartas, nem cartões, nem aqueles livros amigos que usualmente recebia. Quatro semanas de silêncio colectivo e absoluto. Porquê? Em boa fé, de começo, não via explicação possível. Uma semana. Duas. Três. Quatro. Então comecei a desconfiar.

— Nada chega às minhas mãos, porquê?

Aí, tive a percepção do mal. Por certo a correspondência que me é dirigida está sendo interceptada pelos poderes mágicos de alquimistas e feiticeiros. E decididamente a cabala. Não pode ser outra coisa.

Com isto me justifico. Mas a verdade é que desde 26 de Agosto até hoje 30 de Setembro de 1973, Portugal e especialmente Lisboa, não mantem contacto comigo.

Que fazer? Reagir? Mas como? Já providenciei, é certo, com minhas mães-de-Santo, em seus terreiros de Jacarépaguá, — e que, por pertencerem à magia negra que não se confunde com o satanismo das Ciencias Ocultas, estão-me garantindo quebrar o sortilégio dos deuses do mal. Espero que isto se comprove na próxima segunda-feira, que é dia de chegar correio aéreo. Para paz do meu espírito. E cautela, já botei o dicionário no fogo.

*PARA CORRESPONDÊNCIA — Rua Fernando Mendes, 28 apartamento 908 — COPACABANA —* G.B.BRASIL

# APRESENTAÇÃO DA A.N.P. DE BEJA

A sessão pública de apresentação dos candidatos a deputados pelo círculo de Beja patrocinados pela Acção Nacional Popular efectua-se no dia 18, pelas 21.30, no Cine-Teatro Pax Júlia, daquela cidade. Presidirá o dr. Teófilo Lopes Frazão, vice-presidente da comissão distrital da A.N.P. e que foi deputado na última legislatura.

Serão oradores os quatro candidatos dr. Alberto Ferreira Espinhal, dr. António Calapez Gomes Garcia, coronel Henrique Calapez da Silva Martins e dr. Nuno Tristão Neves.

**ACTIVIDADE EM PORTALEGRE**

A comissão distrital de Portalegre da A.N.P. reuniu com os presidentes e vice-presidentes das comissões de concelho para lhes apresentar os candidatos a deputados pelo Círculo.

Durante a reunião, elaborou-se o programa de visitas às sedes dos concelhos e a algumas freguesias, para apresentação dos candidatos.

Às sessões presidirão membros da Comissão eleitoral residentes nos respectivos concelhos e serão oradores os candidatos. Foi dado a conhecer a data de 22 de Outubro para realização, em Portalegre, da grande sessão de propaganda com que se encerrará oficialmente a campanha no distrito.

As visitas aos concelhos iniciam-se na próxima semana.

# Começa amanhã o Congresso da União Internacional dos Organismos do Pessoal dos CTT

Inicia-se amanhã, em Lisboa, o XVII Congresso da União Internacional dos Organismos Turísticos e Culturais do Pessoal dos CTT, em que participam delegações de dezoito países.

Das várias manifestações programadas, destaca-se a Exposição de Artes Plásticas e Fotografia em que somente serão apresentados trabalhos de empregados dos países pertencentes à referida União. Far-se-á ainda uma Mostra Filatélica a que alguns dos países concorrem com magníficos exemplares.

A cerimónia da abertura do Congresso está marcada para as 15 horas e será presidida pelo Correio-Mor. Seguidamente serão inauguradas, no Palácio Foz, as duas exposições, a cujos trabalhos — classificados por um juri internacional a serão atribuídos prémios, constituídos por exemplares de ouro, prata e bronze e uma medalha comemorativa.

Junto das instalações da exposição funcionará um simples posto de correio que afixará nas correspondências um carimbo especial emitido pelos CTT e fornecerá, a quem o desejar, um sobrescrito que o Centro de Desporto, Cultura e Recreio do Pessoal dos CTT editou para o efeito.

## SUGERE-SE EM MOSCOVO

# ACORDO DE PAZ SOVIÉTICO JAPONÊS

MOSCOVO, (FP) — O jornal «Iszvestia», órgão do governo soviético, convidou o Japão a assinar um acordo de paz com a União Soviética.

Segundo este apelo, publicado quarenta e oito horas antes da chegada a Moscovo do primeiro-ministro Tanaka, «não há entre a URSS e o Japão obstáculos insuperáveis». Depois de salientar que «a nível de relações culturais, científicas, técnicas ou económicas entre os dois países, não se começaria do nada» e que «no plano económico, nada se opõe a uma cooperação para ambos vantajosa», o «iszvestia» considera que a visita de Tanaka pode muito bem ser «um ponto de partida importante para o desenvolvimento do intercâmbio soviet-japonês».

# Círculo Judicial do Barreiro dezanove julgamentos ao longo do mês corrente

O novo círculo judicial do Barreiro regista hoje o primeiro julgamento: um processo civil na comarca do Montijo.

«Um mês de muito trabalho — disse-nos o chefe da secretaria do novo tribunal. Nada mais do que dezanove processos durante o mês corrente: dez na comarca do Barreiro e nove na comarca do Montijo».

Juízos do novo círculo: dr. Joaquim Daniel Araújo dos Anjos (montijo), dr. José Belo Videira (Moita) e dr. José António Lopes Cardoso Bastos (Barreiro). O corregedor do círculo é o dr. Francisco Pinheiro Borges de Lacerda.

«Alguns dos processos terão várias audiências» — afirmou-nos, ainda, o chefe da secretaria.

# As "Aventuras do José Pateta" no primeiro acto

Na continuação da sua actividade cultural o Primeiro Acto Clube de teatro de Algés vai apresentar novamente na sexta-feira, sábado e domingo, às 21 e 45 o grupo «Lídia, a Mulher Tatuada e Seus Actores Amestrados» no espectáculo «As Aventuras do José Pateta, o Bom Cidadão nos Entrefolhas do Treme-Treme». Nesta encenação colectiva colaboraram Carlos Cabral, Clara Joana, José Fanha, S. José Lapa e Carlos Manuel Rodrigues.

## MANIFESTO DA OPOSIÇÃO DE SANTARÉM

# ELEIÇÕES: "UMA ETAPA MAIS NA LUTA DO POVO"

Manifesto da Comissão Democrática Eleitoral de Santarém recentemente divulgado que passamos a transcrever:

1 — OUTUBRO de 1973: Mês de eleições para deputados. Que significado poderão ter de 4 em 4 anos eleições legislativas, num país onde não existe a mínima liberdade de reunião, associação e livre expressão de pensamento; num país em que a televisão e a rádio são rigidamente controladas pelo Governo, apenas transmitindo o que a este convém; num país onde a Imprensa é dominada pelo grande capital e sujeita à lei da mordaça chamada «Exame Prévio». Que significado terão, pois, as eleições num país onde pouco mais de 20 por cento da população está recenseada, e essa mesma controlada pelos órgãos administrativos

Para o regime elas constituem a necessidade de sancionar perante a opinião pública nacional e estrangeira, a sua política «reformista», para o que encena periodicamente a farsa a que chama «eleições». Torna-se no entanto claro, que pretende reduzir ao mínimo a capacidade de intervenção das Forças Oposicionistas.

Será então a abstenção por alguns preconizada a resposta indicada às manobras governamentais? Não nos parece! Pese embora as limitações de toda a ordem, pensamos que os períodos eleitorais possuem apesar de tudo algumas potencialidades a ter em conta.

A abstenção é resposta que não encontra eco na camada populacional adormecida. Perante a rotina e o marasmo da vida política nacional as «eleições» que pretendem manipular, podem por outro lado transformar o período eleitoral numa jornada de denúncia e desmistificação dos homens e das instituições em que assenta o regime. O fenómeno eleitoral é ainda susceptível de gerar um clima de atenção e interesse sobre os problemas sociais e políticos do país. E um momento em que massas populares, participando e discutindo entrevêem que a política de «bem estar» há mais de quarenta anos apregoada e prometida ao povo português não passa de mentiras.

Mais do que atingir a minoria eleitora pretendemos que este período possa constituir uma etapa mais na luta que o nosso povo vem travando, por melhores condições de vida, segurança social, paz e progresso,

As eleições não são pois um objectivo político final.

2 — Pretendendo silenciar os justos protestos populares perante o estado caótico da vida nacional, o regime de M. Caetano verdadeiro e único responsável por esta situação privou o povo português do direito de reunir, associar e exprimir livremente as suas opiniões.

O povo português tendo como vanguarda as classes trabalhadoras, conquistará na prática o seu direito de ser livre.

Lutará: pela extinção da política e dos tribunais plenários; pela libertação de todos os presos políticos e regresso dos exilados pela formação de partidos políticos; pelo direito de reunião, associação e expressão livres; pela liberdade sindical e o direito à greve; pela abolição do «Exame Prévio» à Imprensa.

3 — Desmascaradas as manobras demagógicas encetadas em 1968

1968, fracassada a sua política «reformista». Isolado nacional e internacionalmente, o regime recorre a uma repressão feroz para tentar conter a luta e justa indignação das massas trabalhadoras, vítimas de uma exploração desenfreada que dia após dia agrava a sua condição.

condição. A repressão policial abate-se sobre os elementos mais activos e conscientes do povo português, encontrando-se as cadeias de Caxias e Peniche cheias de patriotas que dizem não ao fascismo e lutam pela libertação do povo português. Neste ano de mascarada eleitoral a não autorização da Comissão Democrática de Recenseamento, a exclusão sem justificação de muitos democratas das listas de recenseamento, a exclusão sem justificação de muitos democratas das listas de recenseamento, atesta as intenções de «liberdade» eleitoral do Governo.

4 — Os 12 anos de guerra tem exigido ao povo português pesados sacrifícios de vidas e recursos de que carecemos para o nosso próprio desenvolvimento.

5 — A economia portuguesa encontra-se cada vez mais dominada pelo capitalismo industrial e financeiro, nacional e internacional, que agrava as condições de existência das pequenas e médias economias de todos os sectores, levando à sua liquidação.

Em consequência dessa dominação do grande capital, assiste-se também a um progressivo agravamento de preços, sobretudo de bens, de primeira necessidade, que reduz o poder de compra e deteriora as condições de vida de amplas camadas trabalhadoras. O bem-estar do povo português passa necessariamente pela eliminação dos monopólios e pelo jstabelecimento da democracia económica e socio-política do país.

6 — O distrito de Santarém multiforme nas suas riquezas (agricultura, comércio, indústria) tem, no entanto predominância em relação à agricultura. Aqui a situação desastrosa surge em toda a dimensão. O agravamento rápido das condições de existência dos pequenos e médios agricultores, levam a uma progressiva proletariazação que mais os opõe aos grandes latifundiários dominantes do distrito. Os assalariados embora beneficiando de uma elevação de salários provenientes da escassez de mão-de-obra provocada pela emigração lutam com dificuldades crescentes uma vez que os ordenados recebidos não chegam para fazer frente ao aumento do custo de vida.

As más condições de vida nas nossas vilas e aldeias pela inexistência de condições básicas como: a deficiente assistência sanitária, a falta de água, luz e esgotos em quase todas as freguesias que não pertençam às sedes de concelho, as más condições habitacionais, o estado péssimo das estradas, a deficiente rede escolar, etc. São o reflexo de uma política que gastado milhares de contos com o turismo e com obras de fachada não dá satisfação às verdadeiras necessidades da população.

7 — Os candidatos designados pelos Democratas do distrito, são solidários com as decisões tomadas em plenário

Podemos pois sintetizar nos seguintes objectivos as reivindicações. Conquista das liberdades democráticas; luta contra o poder absoluto do capital monopolista;

A luta por estes objectivos parciais e imediatos não deixa no entanto de ter em vista o nosso objectivo final, que é a conquista do Socialismo — condição indispensável para a construção de uma sociedade justa e digna.

---

Comunicado n.º 38 da Comissão de Imprensa da CDE:

«As sessões previstas para a comemoração do 5 de Outubro foram alvo de intervenção directa ou indirecta das autoridades: a Estufa Fria não foi cedida pela Câmara Municipal, o governador civil proibiu a sessão na sede local da Amadora e colectividades contactadas para a cedência de salas acabaram por não o fazer com receio de represálias sobre os subsídios que recebem do Ministério da Educação».

# CASTELO BRANCO

Realizou-se em Castelo Branco o jantar comemorativo do 5 de Outubro que serviu simultaneamente para apresentação dos candidatos da C.D.E. por este circulo: dr. Manuel João Vieira, advogado em Castelo Branco; José Manuel Pinho, comerciante na Covilhã; Carlos Alberto de Sousa Vale, gerente comercial nesta cidade e Carlos Alberto Ambrósio da Silva Ferreira, estudante universitário.

Nos discursos usaram da palavra o presidente da mesa, dr. Manuel João Vieira, o candidato Carlos Vale, António Paulouro (director do jornal do Fundão), Carlos Andrade (operário têxtil da Covilhã), dr. Albano de Pina (advogado em Castelo Branco), Américo Cavalheiro (estudante universitário) e Alvaro Guerra (jornalista da «República».

A assembleia que participou na sessão da Oposição Democrática realizada no Coliseu do Porto encheu por completo a vasta sala.

ELEIÇÕES 73

# Calendário eleitoral da A.N.P.

A Acção Nacional Popular marcou as datas das suas sessões públicas no círculo de Lisboa, até ao termo da campanha eleitoral.

Na sessão em Sintra, do dia 12, serão oradores o prof. Salazar Leite, Francisco do Cazal-Ribeiro e o dr. Homem de Mello. A sessão sequinte, no dia 13, em Loures, será preenchida com alocuções dos candidatos dr. Homem Themudo, brigadeiro-médico Ricardo Horta e dr.ª Maria Clementina. No dia seguinte, na sessão a realizar em Alenquer, falarão o eng. Alarcão e Silva, César de Goes e o dr. Arnaut Pombeiro.

No dia 17 haverá a segunda sessão em **Lisboa**, no decorrer da qual usarão da palavra o dr. Rui Patrício, o prof. Salazar Leite, Francisco do Cazal-Ribeiro e a deputada pelo Estado da Índia, dr.ª Maria Teresa Lobo.

Em **Cascais**, no dia 18, falam o prof. Gonçalves de Proença, o dr. Arnaut Pombeiro e o dr. Homem de Mello.

No dia seguinte realiza-se uma sessão, em **Vila Franca de Xira**, em que discursam os candidatos eng.º Alarcão e Silva, dr. Homem Themudo e dr.ª Maria Clementina.

Em **Torres Vedras, no dia 20**, haverá sessão preenchida com palavras dos candidatos brigadeiro-médico Ricardo Horta, César de Goes e dr. Arnaut Pombeiro.

No dia 21, na **Lourinhã**, falarão os candidatos Francisco do Cazal-Ribeiro, prof. Salazar Leite e dr.ª Maria Clementina.

Depois da sessão a realizar em **Alverca**, no dia 23, que será preenchida com discursos do eng. Alarcão e Silva, dr. Homem Themudo e dr.ª Maria Clementina, realiza-se em Lisboa a sessão de encerramento da campanha no círculo, sendo oradores o prof. Daniel Barbosa, o prof. Gonçalves de Proença, o dr. Arnaut Pombeiro e o dr. Homem de Mello.

### NO PORTO

Está marcada para o próximo dia 9, às 21.30, no salão do Cinema Nun'Álvares uma sessão de apresentação dos candidatos a deputados da Acção Nacional Popular pelo círculo do Porto.

A sessão será presidida pelo dr. Arnaldo Pinheiro Torres e serão oradores os candidatos dr. Álvaro de Mendonça e Moura, Lia Maria Bernardes Pereira Lello, prof. dr. José Vieira de Carvalho e Manuel Ferreira da Silva.

### OUTRAS SESSÕES

A sessão da ANP, em Águeda realiza-se hoje nas instalações duma fábrica (a **Órbita**), em Ricardães, às 21 horas, presidindo a professora Ana Maria Martins, que fará a apresentação dos candidatos. Serão oradores os drs. Lopo Cancela de Abreu e Homem Ferreira, e o eng.º Mário Moreira.

A sessão de Gouveia realiza-se amanhã no cine-teatro local, às 21 e 30, sendo oradores os candidatos pelo círculo drs. Álvaro de Carvalho e Bonito Perfeito, o almirante Roboredo e Silva e o dr. Manuel Jorge Proença.

A sessão de Tomar inicia-se às 21 e 30, de amanhã, no cine teatro da cidade, presidida pelo eng. Fernando Borges, presidente da Comissão de Concelho da A.N.P..

# Mais mulheres na luta política

## —PEDE UM DOCUMENTO OPOSICIONISTA

*«Às Mulheres do Distrito de Coimbra» é o título do manifesto que os democratas deste círculo divulgaram, com data de Outubro e terminando com um apelo à comparência na sede dos serviços de candidatura, na Rua dos Combatentes, 68 - 1.º. Do texto do documento, transcrevemos:*

As mulheres constituem a maioria da população portuguesa.

No entanto a sua participação na condução da vida política e económica do País é insignificante. Chamada mais recentemente a trabalhar fora de casa, devido não só à sangria emigratória como à mobilização de dezenas de milhares de jovens na guerra, novos e mais graves problemas se lhe deparam.

— São-lhe impostos trabalhos que outrora eram exclusivos dos homens, sem que lhe seja atribuída igual remuneração (o salário médio rural é 60 por cento inferior ao do homem; na indústria alimentar a diferença é de 52,9 por cento e na tipográfica é de 45,8 por cento), isto é cerca de metade do salário do homem. Não é só a discriminação que afecta a mulher trabalhadora. E notório que lhe é vedado o acesso a determinadas carreiras como a magistratura, ou que é preterida em favor do homem na sua actividade profissional. Por exemplo, no campo do ensino é preferido um homem, mesmo com classificação inferior a uma sua colega com melhor aproveitamento, na colocação em lugares efectivos. Em numerosos empregos não pode desempenhar cargos de chefia (nomeadamente no funcionalismo público a mulher não pode concorrer além de um certo escalão), noutros casos o trabalho da mulher é simplesmente rejeitado, tendo ela as mesmas ou superiores habilitações que os seus concorrentes masculinos (casos de certos Bancos e Companhia Eléctrica das Beiras).

Reconhecida como uma função social numa grande parte do Mundo a maternidade é ainda entre nós considerada como uma fatalidade biológica, pois que leva a despedimentos sistemáticos à mínima suspeita de gravidez, ao abandono forçado de empregos para prestar assistência aos filhos, uma vez que a totalidade de fábricas, escolas, etc., não têm creches e, mais grave, a levarem muitos casais a não terem filhos para poderem continuar empregados.

Protegida e encorajada em muitos países como a França e a Alemanha, a mulher tem direito e recebe uma mensalidade especial quando é obrigada a permanecer em casa durante os primeiros meses de vida de seus filhos.

A maternidade é para a mulher portuguesa uma fonte de preocupações que vão desde a inexistência de locais que acolham as crianças à assistência deficiente, aos problemas económicos e à própria subsistência do agregado familiar. E é este problema que aflige mais directamente as famílias portuguesas.

O aumento de custo de vida tem sido verdadeiramente assustador nos últimos anos incidindo sobretudo na alimentação (por exemplo, o bacalhau era comprado há cerca de 4 anos a 29$00 e agora a 49$00), rendas de casa, transportes, etc..

De notar o já anunciado aumento dos transportes colectivos, que irá afectar a grande maioria da população. Tudo sobe... só os ordenados ficam na mesma.

E natural que as pessoas se interroguem sobre as causas de tal situação. Mas se olharmos bem à nossa volta, encontrá-las-emos facilmente:

— A guerra que rouba ao trabalho produtivo e ao convívio dos seus, todos os anos, dezenas de milhares de jovens no vigor da vida, que absorve 40 por cento do orçamento do Estado e o aplica em gastos improdutivos; a emigração, que levou mais de um milhão de portugueses (1 440 000, de 1960 a 1971), que assim foram dar a força do seu trabalho a outros países, e não só, vão também tornar rentável no estrangeiro o dinheiro gasto pelo nosso País na sua formação; a exploração dos recursos naturais e da mão-de-obra barata por grandes monopólios nacionais aliados aos estrangeiros com a preocupação de levar para fora do País os máximos lucros; a multidão de organismos intermediários e o proteccionismo ao grande comércio e a grande indústria com a isenção de impostos, etc...

Paralelamente a situação tão degradante, o Governo aplica uma série de medidas tendentes a limitar e a impedir que os cidadãos reunam, discutam e exprimam livremente os seus problemas, de forma a calar o descontentamento geral. Mesmo assim, têm procurado manifestar por todas as formas as suas justas reclamações:

— Nos sindicatos, nas fábricas, nas escolas, nas empresas, através de reuniões, documentos e as mais diversas manifestações, apesar das ameaças, chantagens e mesmo da prisão de milhares de patriotas, tem-se desenvolvido uma campanha para melhorar as condições de vida e assegurar um futuro de paz e liberdade para todos os portugueses.

A mulher portuguesa não tem participado na luta política tão activamente como a gravidade dos seus problemas o exige.

Impõe-se que as mulheres se unam na defesa das suas reivindicações específicas, que colaborem efectivamente com os Movimentos Democráticos, contra a guerra colonial, contra o aumento do custo de vida, contra os monopólios pela obtenção das liberdades democráticas, pois só assim poderá ser superado o atraso a que estão submetidas.

O Movimento Democrático de Mulheres precisa da tua ajuda para a realização de tais objectivos.

# Ainda por despachar os processos dos candidatos da oposição de Setúbal

*Comunicado à Imprensa do Movimento de Oposição Democrática do distrito de Setúbal.:*

«1 — Conforme tinha sido anunciado, efectuou-se, ontem, dia 5 de Outubro, nos salões da academia almadense, com a presença de cerca de 2 000 pessoas, que enchiam literalmente a sala de cinema e as salas contíguas, uma sessão que deveria ser de apresentação dos candidatos do distrito. O facto de não ter sido ainda dado despacho, pelos governador civil, ao processo de candidatura obstou ao intento anunciado, transformando a sessão em comemoração do 63.º aniversário da implantação da República.

2 — Presidiu à sessão o democrata José Malheiro que leu o ofício do governador civil, cujo teor foi atrás mencionado, e apresentou os oradores, fazendo além disso uma breve dissertação sobre o especial significado desta data para o povo português.

3 — Foi observado um minuto de silêncio em memória de Salvador Allende, por proposta apresentada à mesa por um dos presentes e aprovada por aclamação. Por proposta da mesa foi convidado a tomar ali lugar o democrata José Alaiz, que tomou parte na implantação da República e que coerentemente se tem mantido na luta pela Democracia em Portugal.

4 — Foram oradores os candidatos pela oposição democrática Herculano Pires, advogado; Artur Neves de Almeida, bancário; João Aurélio dos Santos, operário metalúrgico; Ercília Talhadas, operário têxtil e Adilo Costa, empregado de escritório. Falou ainda o estudante José Manuel Goulão.

5 — Não obstante as imposições surgidas, não deixaram de ser analisados os problemas mais graves que afectam o povo português, por analogia entre o período que vai de 1910 a 1926 e desde essa data até ao presente. Assim, focaram-se os seguintes pontos: liberdades sindicais e direito à greve; liberdades individuais; direitos de associação e reunião, nomeadamente o da formação de partidos políticos; problemas do ensino e desporto; a repressão. Todos os oradores se referiram por sua vez aos urgentes problemas criados pela guerra colonial, o custo de vida e o domínio dos monopólios em Portugal.

6 — Em resumo, da análise efectuada, conclui-se que, para efectiva resolução dos problemas mais graves do nosso povo é necessário: para trabalho igual salário igual; liberdades sindicais e direito à greve; liberdade de reunião e associação; verdadeira democratização do ensino; direito de voto aos 18 anos; suster os preços no consumidor e aumento de salários; negociações com os representantes dos povos das colónias para pôr termo à guerra».

# COIMBRA: "apelo à unidade dos democratas"

*A Oposição Democrática de Coimbra distribuiu no seu círculo eleitoral o seguinte «Apelo à Unidade»:*

Neste momento em que o Movimento Democrático de Coimbra, vai intervir na Campanha Eleitoral, impõe-se a todos a intensificação da acção, o reforço dos métodos democráticos, o fortalecimento da consciência unitária.

### *A INTENSIFICAÇÃO DA ACÇÃO*

Os portugueses, que sofrem no dia a dia o peso da exploração monopolista, que vêem com apreensão a submissão do seu país à fracção mais bélica do imperialismo e o seu isolamento internacional, que se revoltam contra o controlo total da informação, essa gigantesca lavagem ao cérebro que apenas permita as versões oficiais e os seus ecos, os portugueses, desejosos de que tudo isto mude, *não se podem alhear do actual momento, não podem desprezar a força da sua acção.*

Conscientes, embora, do papel que as eleições para deputados representam no contexto de um ditadura de classe, cujo domínio só é possível através de uma intervenção constante e brutal dos mecanismos repressivos, os democratas devem aproveitar o período eleitoral para quebrar o seu isolamento e levar tão longe quanto possível a luta em torno dos objectivos imediatos do movimento democrático.

Para tal, impõe-se que cada um assuma as suas *responsabilidades* e cumpra as grandes e as comezinhas tarefas do momento.

Participar nas reuniões decisórias, mas também na sua divulgação e convocatória. Participar na elaboração dos documentos, mas também na sua feitura técnica e distribuição. Vencer o comodismo, o medo, o abstencionismo e acreditar na eficácia do seu contributo.

### *REFORÇAR OS MÉTODOS DEMOCRÁTICOS*

Uma intervenção que se quer massiva tem que ser coerente e exigente consigo própria. O princípio de que todas as decisões importantes devem ser tomadas por aqueles a quem elas dizem respeito e não a partir de gabinetes, de que as divergências por ventura existentes devem ser lealmente apresentadas e discutidas, nunca escamoteadas ou abafadas, de que as diferenças de opinião devem enriquecer o movimento e não servir o prestígio pessoal ou fomentar o individualismo, é um princípio justo que garantirá vitórias e grangeará a confiança e a adesão dos portugueses à luta democrática.

### *FORTALECER A UNIDADE*

O movimento democrático é um movimento que assentando na acção das bases, tem um carácter nacional. Empreendimentos que aqui podem parecer de âmbito restrito têm quando observados à escala do país grande alcance e efeitos políticos. Compreender isto é alargar a consciência unitária e evitar erros como os que aconteceriam se dado concelho ou sector socio profissional cometeria se sobrevalorizasse a sua especificidade ou se enconchasse no regionalismo sem atender às finalidades últimas da luta. A organização deve assentar no sector profissional, nos movimentos específicos, na freguesia, no concelho, do distrito, mas o inimigo da emancipação do povo português é um inimigo de classe, um inimigo nacional que por toda a parte o oprime.

A percepção em todos os momentos de que o que nos une é o que nos fortalece e de que só a unidade pode servir a luta patriótica em que empenhamos, deve presidir a toda a nossa intervenção.

O Movimento Democrático é um movimento que, sem recusar a sua tradição, é no fundamental um *movimento novo*. Novo pelos sectores que cada dia se ganham para a luta, novo pela combatividade crescente dos que nela participam, novo pela *mudança* que propõe ao País, novo ainda pela juventude de trabalhadores e estudantes que nele constituem a falange mais generosa.

# A A.N.P. anuncia uma sessão eleitoral em Bafatá (Guiné-Bissau)

**A Acção Nacional Popular marcou para hoje, em Bafatá, Guiné-Bissau, uma sessão de propaganda eleitoral para «apresentação dos candidatos a deputados à Assembleia Nacional e de esclarecimento das linhas de acção» da organização política pró-governamental.**

**Não foram indicados os nomes dos oradores nem dos membros da mesa. Os candidatos a deputados à Assembleia Nacional pelo círculo de Bissau são o dr. Manuel Gardette Correia, médico de 45 anos, e Nicolau Martins Nunes, funcionário da administração pública, de 43 anos. Este último era já deputado desde a eleição parcial de Janeiro de 1972.**

# SESSÕES DE PROPAGANDA

### OPOSIÇÃO

MATOSINHOS — hoje, no Cine-Teatro Constantino Nery, às 21 e 30.
BAIXA DA BANHEIRA — hoje, na sede do Clube Atlético Ginásio, às 16 horas.
VILA NOVA DE GAIA — no dia 11, às 21 e 30, no Cine-Teatro de Coimbrões.

### A.N.P.

AGUEDA — hoje, na Fábrica Orbita, em Ricardães, às 21 horas.
PINHAL NOVO — hoje, às 21 e 30, na Sociedade Filarmónica União Agrícola.
TOMAR — amanhã, às 21 e 30, no Cine-Teatro.
GOUVEIA — amanhã, no Cine-Teatro, às 21 e 30
SETUBAL — dia 9, às 21 e 30, no Grémio das Conservas de Peixe.
PORTO — dia 9, no cinema Nun'Alvares, às 21 e 30
SINTRA — dia 12, às 21 e 30.

Semana Internacional

por A. VILLAVERDE CABRAL

# LIBERAIS E TRABALHISTAS

Se o Governo não decidir, obrigado pelas circunstâncias ou por sua livre vontade, antecipar as eleições gerais inglesas, elas terão de verificar-se o mais tardar daqui a 20 meses. O panorama actualmente é completamente diferente do tradicional, desde há muito tempo. Os conservadores nunca viram o seu prestígio tão por baixo. Os trabalhistas constituem, de acordo com as sondagens à opinião pública, o partido que maior número de sufrágios recolheria se as eleições se verificassem já. Mas são os liberais que se mostram em franca ascensão perante a opinião pública.

Habituados a ter apenas uma representação pouco mais que simbólica na Câmara dos Comuns, os liberais de Jeremy Thorpe, pensam agora na possibilidade de formar governo em coligação com outro partido.

De acordo com a sondagem referida, os liberiais teriam agora o apoio de 32 por cento do eleitorado, contra 34 para os trabalhistas e apenas 31 por cento para os conservadores. E certo que no dia das eleições gerais os eleitores tradicionalmente se viram para os dois grandes partidos em detrimento dos liberais, julgados, na hora da verdade, como um grupo simpático mas com poucas hipóteses. Se, pensa normalmente o eleitorado, é preciso correr com o partido no poder, então votemos útil, isto é, no outro grande partido. Por outro lado, o sistema eleitoral britânico, por não ser proporcional e ter só uma volta, favorece os grandes partidos. Assim, se numa dada circunscrição o candidato conservador obtiver sensivelmente menos de 50 por cento mas, mesmo assim, mais que os outros, ele é eleito sem remissão. Um exemplo: o conservador obtém 10 mil votos, o trabalhista 8 mil e o liberal 7 mil; o representante favorável ao presente governo é eleito, muito embora seja perfeitamente claro que caíram nas urnas muito mais votos contra ele do que a seu favor.

Mas os liberais continuam em progresso. O resultado da última sondagem é já melhor do que o da anterior. Pode pois vir a acontecer que os liberais, há tantos anos afastados da governação, venham mesmo a formar governo. Quem sabe até se terão força para o fazer sózinhos.

Interessa gora saber o que representaria a entrada deste Partido Liberal para o governo do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte.

Quando os trabalhistas definem, talvez um pouco precipitadamente do seu ponto de vista, que não aceitam quaisquer coligações, fazem-no porque estão seguros de que a presença dos «whigs» — nome tradicional dos liberais — no governo impediria uma série de reformas no campo da economia nomeadamente das nacionalizações. Na verdade, os «whigs» constituem um partido que, pese embora as modificações dos últimos anos, defende o liberalismo económico, a iniciativa privada como único incentivo legítimo e eficaz da expansão económica. Neste campo, eles são ainda mais antiquados que os «tories», que jjá entendem ser necessária uma intervenção do Estado na economia, de modo a melhor organizar o poder dos que já detêm o dito poder. Evidentemente que os mais modernos neste capítulo têm sido, desde há muito, os representantes do «labour». Pois não são eles quem mais se apressa a nacionalizar as indústrias e outros sectores da economia que dão prejuízo passando para o povo em geral os encargos que anteriormente teriam de ser cobertos pelos empresários?

Harold Wilson — entre a esquerda e os liberais

Se no campo económico interno, os liberais encontram mais afinidades nos conservadores (ambos são aliás, favoráveis à inclusão já verificada do país no Mercado Comum), já em política externa os trabalhistas encontram neles um aliado potencial. A ala jovem dos liberais é até muito radical em questoẽs de política externa, bem como noutros problemas como o da libertação da mulher, por exemplo.

Tudo ponderado, a não se verificar uma vantagem de qualquer dos três agrupamentos nas futuras eleições, qualquer coligação — liberais-conservadores, liberais-trabalhistas ou conservadores-trabalhistasserá um pouco contra natura e de duração efémera, além de muito difícil de alcançar.

Apesar de todo este avanço liberal é no Partido Trabalhista que se encontram as maiores transformações, pelo menos superficiais. A ala esquerda do «labour» tem hoje um poder muito maior e pode impor certas posições anteriormente inadmissíveis, ou quase, pela direcção do partido e pelo seu congresso. Harold Wilson, entalado entre a esquerda e o espectro liberal, conseguiu ainda aguentar as coisas no congresso de Blackpool. Conseguiu evitar que se anunciasse a nacionalização das 25 maiores companhias britânicas, invocando o agrumento de que tal anúncio poderia diminuir a base eleitoral do partido, impedindo-o de ascender ao poder. Wilson evitou o anúncio, mas poderá ele evitar as nacionalizações propriamente ditas? A grande inovação do Partido Trabalhista está em que, desta vez, se formar governo, se atirará a sectores não deficitários da economia privada. Essa é aliás a grande obra da esquerda trabalhista. No plano da política externa, o «labour» definiu uma política muito radical em relação ao passado, sendo de esperar que, caso subam de novo ao poder, venham a actuar de forma muito diferente em relação à Africa Austral, ainda dominada pelos brancos.

*WATERGATE*

Recomeçaram os interrogatórios da comissão do Senado sobre o escândalo Watergate. O assunto começa nitidamente a perder o interesse inicial. Parece claro que, a menos que se verifique algo de espectacular e surpreendente, a posição de Nixon já não está em perigo, embora — por razões semelhantes mas não directamemte ligadas — a de Spiro Agnew esteja cada vez mais periclitante. Uma das testemunhas ouvidas agora foi Donald Segretti que não hesitou em apontar para um antigo secretário do presidente — Dwight Chapin — como o homem que o induzira a montar a operação de espionagem na sede do Partido Democrático.

O facto de Watergate estar a perder o interesse do público, não significa que a posição dos republicanos face ao eleitorado americano esteja a melhorar. As pessoas deixaram de ter aquele interesse que deriva em grande parte do *suspense*, mas nem por isso esqueceram ou perdoaram o que é imperdoável.

**DOSSIER INTERNACIONAL**

# DO CHILE À SUÉCIA... E À FRANÇA

**André Fontaine**

*Enquanto se julgava na Europa que a vida tenderia a «normalizar-se» no centro de Santiago do Chile, o próprio general Pinochet interveio em declaração pública para nos afirmar que os partidários da Unidade Popular (e é presumível que outros grupos da esquerda chilena não-alinhada) estavam a constituir grupos de guerrilha. A Junta, ao mesmo tempo, afirmava-se disposta a «respeitar a Constituição dentro dos limites possibilitados pela conjuntura».*

*Chile e Suécia: uma tragédia e uma comédia lançam uma luz crua, nestes dias, sobre as dificuldades do socialismo democrático. Entre o «putsch» de Santiago, e o escrutínio que coloca em igualdade no Riksdag (Parlamento sueco) de Estocolmo, os amigos de Olof Palme e os seus adversários burgueses, a relação pode parecer estreita, tanto aos olhos saltam as diferenças... O que não impede que, tanto num caso como noutro, está em questão um «modelo de socialismo», e mais ainda está em questão o funcionamento da democracia num país* cortado *em dois, não como a Alemanha, a Coreia ou o Vietname, por vontades estrangeiras, mas pela oposição aparentemente irredutível das tendências do eleitorado. A França dividida segundo as mesmas linhas de força pode tirar destes dois casos algumas lições.*

Marxista, Salvador Allende não podia ignorar o ensinamento de Lenine segundo qual «*apenas a tomada total do Poder de Estado garante o êxito da revolução*». Não basta para exercer verdadeiramente o Poder, deter a presidência da República e o Governo. É necessário dispor de todos os alicerces de chefia e direcção. À falta do que se cai sempre numa situação como a da morte da IV República, em Maio de 1958, ou aquela em que a V República esteve prestes a perecer, dez anos mais tarde; as ordens são dadas, mas não obedecidas.

É claro, hoje, que apesar da sua eleição mais que regular pelo Parlamento, Allende não foi senão tolerado e apenas provisoriamente pelos reais detentores do Poder: Regis Debray revela, num artigo publicado no *Nouvel Observateur*, que, já em Junho passado, Allende não poderia contar com mais de quatro generais activos contra dezoito, e contava apenas com um quinto dos oficiais subalternos; a Democracia Cristã que possibilitara a sua acessão à presidência da República retirou-lhe, na sua maioria, prontamente, todo o apoio ou tolerância; as classes possidentes não tinham qualquer simpatia por um regime que não escondia tencionar reduzir os seus privilégios — assim a fuga dos capitais não esperou sequer pela sua instalação oficial em Là Moneda; as grandes companhias americanas desapossadas dos seus empórios para-coloniais do cobre estavam decididas a abatê-lo a qualquer custo; e, evidentemente, não se podia contar com o governo dos Estados Unidos para auxiliar uma «cabeça de ferro do marxismo» a manter-se no hemisfério austral.

Na parte do mundo em que nascera e que a lei da coexistência abandona à hegemonia norte-americana, como noutros quadrantes abandona a Checoslováquia à hegemonia soviética, teriam sido necessários a Allende, além das suas qualidades de coragem de que fez indiscutível prova, toda uma série de trunfos que lhe faltaram cruelmente: a intuição estratégica que permite detectar a cada instante a realidade da relação de forças e tirar desta o melhor partido possível; a prudência na manipulação da economia; a sorte também, quando a queda brutal dos cursos do cobre depois da sua acessão à presidência representava uma má sorte ocasional e tremenda que se abatia sobre o seu regime.

## 8 *AS OPOSIÇÕES*

Teria sido necessário também que os seus partidários impusessem a si próprios uma disciplina de ferro — ou que tivessem meios para a impor: mas foi exactamente o contrário que se registou, como durante a guerra civil de Espanha. Foram constantes os desacordos entre os comunistas e a esquerda da Unidade Popular, representada pela maioria do Partido Socialista. Além do que os esquerdistas do MIR acabaram por representar uma segunda oposição para Allende. Era, na verdade, impossível contar, senão com o apoio, pelo menos com a neutralidade da democracia Cristã e do exército deixando os «*miristas*» prosseguir com o seu programa de ocupação de terras e centros industriais.

O presidente teve, portanto, de se bater constantemente em duas frentes: por um lado, os grandes possidentes, apoiados não apenas nos Estados Unidos, mas sobre uma boa quase metade da população, excessivamente pequeno-burguesa ou excessivamente arcaica, para assistir sem tremer à contestação das desigualdades mais flagrantes, mas também à degradação do poder de compra; por outro lado, as nostalgias guevaristas, que não tinham meditado ainda o bastante as lições dos seus malogros repetidos no hemisfério austral.

O olhar doce e triste que se vê nas fotos do rosto de Allende nas capas de todas as revistas explica-se talvez por ele ter talvez também compreendido que a partida não podia ser ganha em tais condições. Mas ele, que podia fazer? Virar-se contra a esquerda da esquerda como fizeram tantos sociais democratas antes dele? Cabe-lhe a honra de ter recusado sempre energicamente essa traição. «Armar o povo»? Os esquerdistas censuram-lhe hoje, embora com todo o respeito que a sua figura lhes merece, não se ter decidido a dar esse passo em frente decisivo.

Mas o exército que teria feito nessa emergência? E isso teria sido entrar na ilegalidade. Talvez tivesse sido mais simples, vendo aproximar-se o abismo da reacção, organizar esse referendo de que se tinha falado tanto antes da revisão constituicional, abandonando o poder, como De Gaulle, no caso de este lhe ser desfavorável, o que era aliás improvável. Mas isso, segundo Allende, teria sido ceder à pressão daqueles que se recusavam a acatar a lei.

## *UMA CLARA VISÃO DO POSSÍVEL*

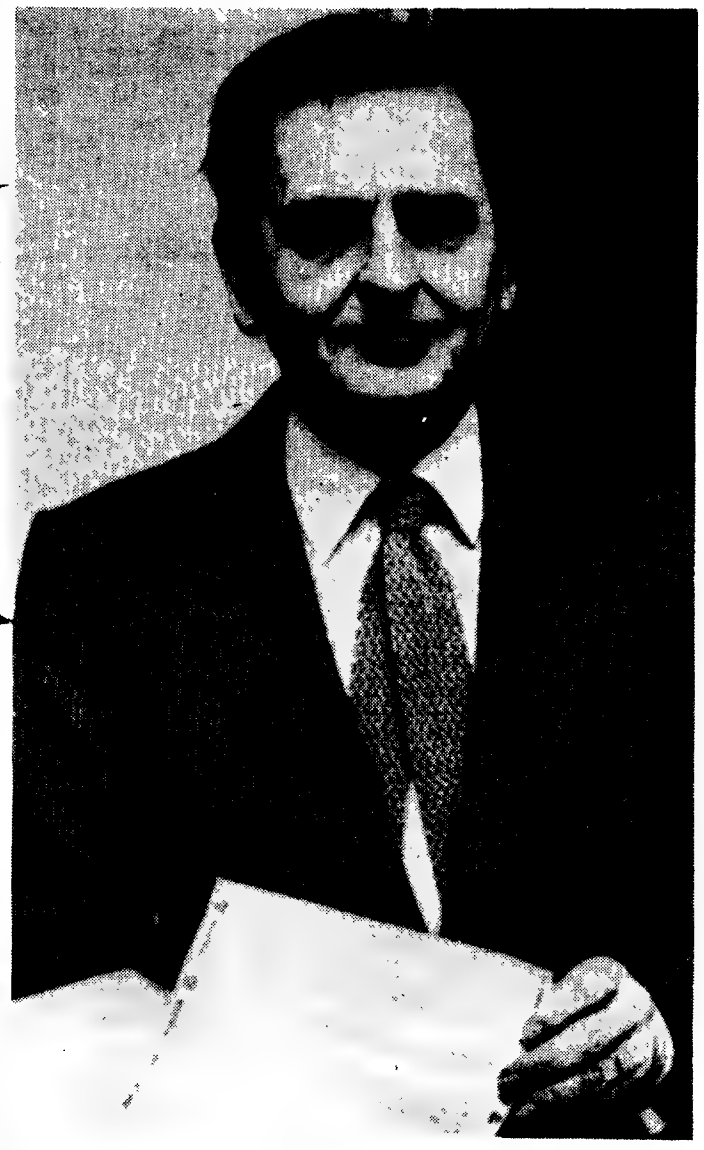
O que faltou a Allende e aos que o apoiavam e que semelhantemente faltou aos homens da Primavera de Praga foi uma clara visão do possível: «*Dubcek? Era um menino de coro*», disse-nos um dirigente romeno. Este qualificativo, é certo, não poderia ser aplicado a um sexagenário como Allende, que deu no passado tantas provas de habilidade política. Mas era um romântico. E não era o único. Num Chile terrivelmente dividido, no meio de um ambiente brutalmente hostil, a amplitude das transformações realizáveis sem recurso à violência, com o risco de guerra civil que esta implicava, era certamemte dum número muito mais limitado do que o julgavam a maior parte dos dirigentes da Unidade Popular. Digamos que estavam talvez reunidas as condições para amplas reformas, mas não evidentememte as de uma revolução «na legalidade».

Passar do Chile à Suécia, é passar de um universo em que tudo está por resolver a um universo em que, na ordem material, tudo parece resolvido. Não devemos porém esquecer que esta situação é relativamente recente. A Suécia do meio do século passado vivia numa miséria que assombrava e causava estupor, o que obrigava os seus nacionais a uma emigração em massa para os Estados Unidos. As primeiras lutas sociais foram sangrentas no país dos Bernadotte, antes que, graças à dinamite, à pasta de papel, ao minério de ferro e à neutralidade mantida durante os dois conflitos mundiais, o país descobrisse a prosperidade. Também na Suécia, todavia, existem comunistas que denunciam a propriedade privada dos meios de produção, esquerdistas que sonham com a autogestão e metade do país pensando que se enveredou já excessivamente por uma via socialista. O resultado é o desfecho nulo do último escrutínio que, até às próximas eleições, porá o governo na impossibilidade de governar, seja este o de Olof Palm ou o da oposição.

## *UMA DIVINDADE CRUEL*

A sorte da Suécia é que, apesar de uma taxa de desemprego algo desagradável, não tem demasiados problemas a resolver a curto prazo, e sobretudo atingiu um tal nível de vida, um tal grau de redistribuição do produto nacional que o tema das discordâncias entre os partidos é muito limitado e bastante formal ou de alternativa técnica. Não há divergências de fundo sobre a natureza da sociedade ou do Estado entre os partidos preponderantes da Suécia. De resto, ninguém sonha em recorrer à arbitragem da violência. A França, infelizmenmte, está longe, neste aspecto, de ser como a Suécia. É certo que Miterrand tem razão em dizer depois do golpe militar em Santiago que não há qualquer relação entre uma experiência socialista num país ainda largamente subdesenvolvido e a mesma experiência no interior de uma sociedade de abundância. Resta que somos um povo latino de sangue mais quente que o dos escandinavos, que a todas as guerras civis da nossa História se acrescentam os riscos de outras que corremos em 1958, em 1961 e em 1968, sendo que, tanto de um ponto de vista interno como de um ponto de vista externo, um governo de União de Esquerda em França depararia inevitavelmente com muito acesas resistências. A fuga dos capitais e a baixa dos investimentos estrangeiros não são senão uma parte dos obstáculos certos.

Esse governo não triunfaria sobre tais obstáculos se não conseguindo superar os erros que tanto contribuíram para a queda de Allende e que são infelizmente comuns a toda a esquerda latina: o excesso de optimismo que leva a subestimar as resistências a começar pelas dos factos económicos; um espírito de individualismo e de indisciplina que confina com a anarquia. Se a esquerda não analisar as suas ambições à luz do possível, se não analisa correctamente a relação das forças nacionais e internacionais, pode estar certa de que os seus adversários saberão explorar os seus erros e as suas ingenuidades. Deitarão rapidamemte sobre



Olaf Palme

o fogo a quantidade de óleo suficiente para tornar universal a impressão de caos e de desordem que poderá suscitar entre os militares reputados mais lealistas tentações talvez irresistíveis.

Centenas de milhares de homens morreram em Espanha, há quase quarenta anos gritando «*No pasaran!*». Milhões de vozes fizeram-se-lhes eco por todo o mundo: «*O fascismo não passará*». Evidentemente, Hitler e Mussolini morreram, mas a sua derrota foi paga ao preço de dezenas de milhões de vidas humanas. E o fascismo não se confinou à Espanha, conhecendo sob a sua forma militar uma segunda vaga no Brasil, na Grécia e no Chile. Ao contrário do que se tende a pensar mecanicamente à esquerda, a História não resolva sempre da melhor maneira as questões em aberto, no sentido da justiça. Engels era mais clarividente, dizendo-a uma «*divindade cruel*».

Não é fácil à esquerda tomar o poder — e menos ainda conservá-lo — num país em que ela faz medo a metade do eleitorado e que se encontra na esfera de influência americana. Isto era o que se verificou desde o primeiro minuto no Chile. E é verdade também para França.

Esta constatação, evidentemente, tem a sua contrapartida. Aquilo que se convencionou chamar o poder da burguesia não se exerce sem divisões internas. Um dirigente comunista de um grande país vizinho dizia-nos há alguns anos: «*A única maneira que temos de participar no poder é sendo oposição*». Esta observação que vai longe, não se aplica apenas ao país deste homem. Em França também se verifica o mesmo; o Estado tem de levar em conta a pressão constante da esquerda, sobretudo a exercida através da acção sindical, sobre o seu aparelho. As «conquistas sociais» nem todas foram obras da Frente Popular ou dos governos com participação comunista que se seguiram à Libertação: vieram muitas vezes sobgovernos burgueses, que as não teriam promulgado se a isso não tivessem sido mais ou menos coactivamente obrigados pelos sindicatos. E é um paradoxo facilmemte compreensível o que consiste em afirmar que, na parte do mundo em que nos encontramos, com todos os laços de dependência, nomeadamente financeira, que implica essa situação, é muito mais fácil à esquerda agir e impor uma parte do seu programa estando na oposição do que no poder. Hoje, na oposição, a esquerda francesa bate-se apenas numa frente. Amanhã, se no poder, ser-lhe-á necessário, se quiser evitar a bancarrota, resistir, a preço talvez de criar uma nova oposição, à sua ala mais avançada.

# OS MALES DA VIDA URBANA: MITO OU REALIDADE?

**A desordem, os danos e as poluições das grandes concentrações urbanas favorecem uma patologia particular? Vê-se, na verdade, desenvolverem-se doenças novas que lhes estariam indubitavelmente ligadas? E os progressos conseguidos, não sem dificuldade, de há um século a esta parte, para a melhoria da saúde dos homens correm o risco de ficar comprometidos pela criação ou a manutenção de um ambiente anárquico e nocivo? Toda a última jornada do congresso francês de medicina, no qual participaram seiscentos especialistas, e que teve lugar em Marselha, foi consagrada a este tema e nenhum dos sectores da sociologia ou da patologia escapou aos vinte e cinco relatores em acção.**

**Catorze milhões de americanos sofrem com o ruído dos aviões, cujos movimentos passarão de quarenta a cinco milhões por ano em 1968 a cento e vinte milhões em 1978. A circulação, as obras públicas, as transmissões e as vibrações diversas nos imóveis mal construídos são todos fonte de uma agressão tanto mais penosa quanto é certo que é permanente e que a tensão do sistema nervoso do citadino o torna frágil. Até às orquestras de**

Continua na pagina seguinte

Em Berlim foi recentemente inaugurado um museu ao ar livre de objectos de rua, onde se mantém ao vivo o ambiente de tempos idos.


Um copo de boa disposição...

...para todo o dia!

Mas disposições, azia, nauseas e enfartamentos provocados por excesso de comidas e bebidas são eliminados por um agradável e refrescante copo de «Samarin»

caixas com 36 carteiras individuais

A venda nas Farmacias



CPFE

COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELÉCTRICOS / CPFE, S. A. R. L.

SEDE / LARGO DE S. CARLOS, 4 / LISBOA

INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS / Canas de Senhorim / Tapeus / Soure

VENDA DE ACÇÕES PRÓPRIAS

55.043 acções do valor nominal de 100$00 cada, da Carteira de Titulos da Companhia, a colocar entre os Accionistas, pelo valor nominal.

As acções, todas ao portador, conferirão direito ao dividendo, que vier a ser votado, do exercício de 1973, e poderão ser convertiveis em acções nominativas, a pedido e por conta dos interessados.

Haverá títulos representativos de 1, 5, 10, 20 e 100 acções, cada.

CONDIÇÕES DE VENDA DAS ACÇÕES

As acções serão oferecidas pelo seu valor nominal ao preço de 100$00 cada uma.

As acções serão pagas integralmente no acto da compra, e, de preferência, por cheque à ordem da Companhia.

Cada accionista poderá comprar 1 acção por cada 18 das que possuir.

Para efeitos de comprovação do uso desse direito, a compra de acções fica subordinada à apresentação dos títulos representativos de acções de emissões anteriores, para o caso das acções nominativas, e à entrega dos cupões n.º 42, para o caso das acções ao portador.

A venda das acções decorrerá das 8 e 30 às 18 e 30 h. dos dias 8 a 10 do corrente, na sede da Companhia, onde poderão ser obtidos o boletim de compra e o prospecto informativo, prevendo-se que a entrega dos títulos adquiridos seja efectuada dentro dos 60 dias seguintes.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Lisboa, 5 de Outubro de 1973.

# OS MALES DA VIDA URBANA: MITO OU REALIDADE?

Continuação da pagina anterior

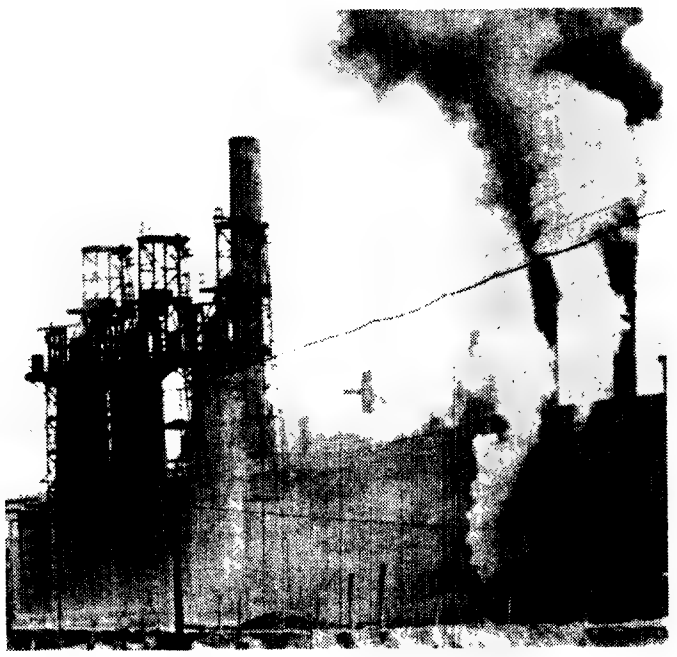
**jazz que, com 125 decibeis, ultrapassam o limite para além do qual podem produzir-se lesões do aparelho auditivo. (95 decibeis).**

A poluição atmosféricas preocupa os técnicos que por ela são responsáveis e os médicos que lhe medem as consequências desde que os dejectos gasosos de várias fábricas tiveram, em 1933, consequências mortais para a população de La Meuse. O óxido de carbono ou de azoto, o dióxido de enxofre, os sais de chumbo, os hidrocarbonetos, cinzas, alcatrões ou gases diversos, que se espalham no ar das cidades, vindos das instalações domésticas ou industriais ou, ainda, dos veículos automóveis, arrastam, no caso dos indivíduos frágeis, a manifestações de morbidez ou de mortalidade, como mostram os estudos levados a cabo na região de Bordéus pelo professor Fréour. O número das afecções crónicas dos bronquios tem aumentado muito e a poluição atmosférica outra coisa não pode fazer senão agravá-las. Porém, o cigarro, do qual o citadino superexcitado faz um grande consumo, desempenha um papel tal (no aparecimento dos cancros pulmonares, principalmente), que é difícil determinar a parte que corresponde aos outros factores.

O professor Fréour assinala que encontrou uma taxa de afecções pulmonares crónicas tão elavada nos aldeões de idades compreendidas entre os trinta e os sessenta e cinco anos como numa população da mesma idade numa cidade poluída... O desconforto, a insuficiência de higiene e de cuidados, o rigor das tarefas rurais, são, sem dúvidas, responsáveis por isso. E não é duvidoso que a informação de cada um, por um lado, a luta empreendida pelos técnicos, por outro, possam conduzir a uma melhoria considerável da saúde pulmonar do citadino, conferindo-lhe, assim, sobre o aldeão, uma vantagem que lhe é subtraída, ao mesmo tempo, pelo tabaco e pela poluição actual.

### ENFERMO OU PARALÍTICO

Dois cidadãos em cada cinco, na República



Federal Alemã, onde o desporto é de uma elevada qualidade, não praticam nenhum exercício, nem sequer a marcha. Perto de um quarto dos recrutas do cantão de Genebra devem ser dispensados do exame de ginástica que precede a visita médica, em tão mau estado se encontra o seu sistema muscular e a sua coluna vertebral.

Os citadinos modernos sobrecarregaram o espírito, mas já não utilizam o corpo; ora, os músculos representam 45 por cento do corpo humano, e o esqueleto 15 por cento.

A inactividade prolongada à qual se condenaram conduz rapidamente a uma fusão da massa muscular e a uma diminuição do débito cardíaco, do cálcio do esqueleto e da oxigenação. As articulações sofrem igualmente desta esclerose para a qual não estão preparadas, e as dores dorsais que afligem um número considerável de indivíduos, homens ou mulheres, são manifestações disso. O professor Martin, de Genebra, citou como exemplo uma sociedade de seguros suíça que criou, num grande número de localidades, «percursos» ou pistas de treino balizadas com obstáculos e exercícios físicos, onde se treinam todos os dias quarenta mil pessoas, novas e velhas. O exercício físico é, segundo ele, um dos factores mais eficazes de rejuvenescimento, e um sujeito de cinquenta anos que o faça regularmente conhece um **rejuvenescimento biológico** de dez a quinze anos. A medicina subestimou os efeitos físicos e psíquicos de um treinamento bem conduzido, considera o professor Martin. Ora, ela poderia, em muitos casos, substituir-se com resultado a múltiplas terapêuticas medicamentosas, que visam a acalmar as tensões citadinas ou a manter o sedentário entorpecido.

Os efeitos da sedentariedade são particularmente nocivos para o sistema cardio vascular. E situa-se entre os dois ou três factores de riscos de arteriosclerose corronária mais importante. **«Perto de 40 por cento dos porcos têm uma coronarite, contra 8 por cento dos javalís...»** E, presentemente, está bem demonstrado que o exercício físico tem consequências favoráveis, mesmo quando as lesões já se constituíram; trata-se, então, de uma verdadeira reeducação do sistema vascular, que todos os cardíacos deveriam praticar.

Estes exercícios são tanto mais necessários quanto é certo que a alimentação dos citadinos modernos se modificou profundamente há um século a esta parte. Um estudo do doutor Claudian, e dos seus colaboradores, mostra que **a urbanização alimentar**, que teve início por volta de 1860, conduziu a uma verdadeira revolução dos hábitos e do equilíbrio calórico ou metabólico. Durante o Segundo Império, 78 por cento dos franceses viviam nas suas aldeias onde consagravam 70 por cento dos seus rendimentos a uma alimentação composta de pão em cerca de 75 por cento. A carne era, na época, quase desconhecida nos lares populares. Cem anos mais tarde, os rurais, que não representam mais do que 17 por cento da população, consomem mais carne do que os citadinos, e estes últimos diminuíram de um terço a sua ração alimentar total, sobretudo à custa do açucar. Isto conduz, à falta de informação suficiente, a regimes demasiado ricos em gorduras e, sobretudo, em alcool. Ora, estas gorduras em excesso predispõem à arteriosclerose, e impõe-se **uma revisão dramática dos hábitos alimentares** no caso dos habitantes das cidades, sob pena de se ver multiplicar estes males de degenerência, que são a praga dos envelhecimentos precoces.

### O SUICÍDIO DO CAMPONÊS

A depressão dos grandes conjuntos, a angústia, a nevrose ou a loucura que segregam as cidades gigantes de hoje, a recusa da promiscuidade, do ruído, da competição e da multidão, a droga, o álcool, o suicídio... Estes quadros habituais parecem confirmados pelo aumento considerável das psiconevroses, pela sua frequência especial nos conjuntos urbanos, pela **perturbação da relação humana,** que diz respeito tanto ao homem num meio que sente ser-lhe hostil como à alteração dos vínculos comunitários.

Os professores Sivadon (Bruxelas) e Flavigny (Paris) analisam e confirmam este mal... que contradizem, todavia, um certo número de dados realçados pelo professor Gorceix. O meio urbano, carregado de todos os pecados, parece bem, com efeito, ter virtudes protectoras: a taxa de suicídio é mais fraca na cidade do que nos campos, e Paris não chega, neste triste palmarés, senão em trigésimo primeiro lugar, muito depois dos departamentos agrícolas. Sarcelles e Le Marais são menos «perigosos» do que La Lozére.

É preciso concluir daqui que os delitos urbanos fazem parte desta mitologia cara aos eternos descontentes, aos fervorosos do naturismo e aos nostálgicos do passado? Foi nas cidades que nasceu o saneamento moderno, a medicina preventiva, depois, no século XX, a medicina curativa. Foi lá que a mortalidade baixou em primeiro lugar, que a higiene pública nasceu, é para lá que afluem os esforços porque as probabilidades de sobreviver, de Alexandria aos bairros de lata actuais, são aí maiores do que nas terras ou nas selvas hostis.

**Nenhum médico sério,** concluiu o professor Péquignott (Paris), **poderia acreditar que os campos de Teócrito e de Virgílio estivessem sãos.** Na época actual, a esperança de vida continua a ser menos longa nos campos do que nas grandes capitais... E pouca coisa seria necessária, a aplicação das regras elementares de urbanismo e de higiene física ou moral, para que a cidade conservasse o lugar privilegiado que foi o seu, desde a Antiguidade, na protecção da saúde das populações.

**ESCORFIERE LAMBIOTTE**

## URBANIZAÇÃO DE LUANDA RESPEITARÁ AS "ZONAS TIPICAS"

LUANDA (L.) — Serão religiosamente conservadas as Ruas dos Mercadores e de César de Menezes que, na baixa luandense, continuam a conservar o aspecto típico dos bairros antigos da cidade, quando esta ainda se confinava apenas ao casario junto da Sé Catedral, de pouca altura e coberto de telha portuguesa.

Ambas as ruas sobreviverão às alterações que serão introduzidas pelo Plano de Urbanização da baixa, sendo-lhes vedado a partir de então o trânsito automóvel e transformando-se em local de restaurantes típicos e de comércio caro, o que muito valorizará a cidade, que assim não ficará amputada das vielas estreitas de antigamente.

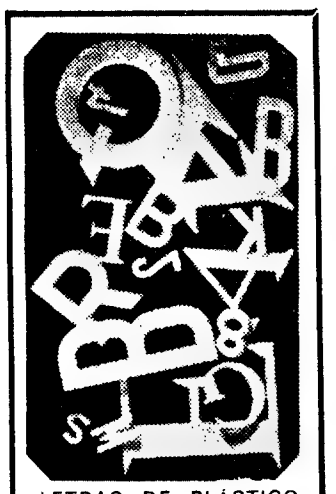
O plano de urbanização poupará ainda todos os edifícios representantes de épocas passadas, como o palácio de D. Ana Joaquina.

**COMPRAM-SE**

Comedores em chapa, usados, para ovinos. Resposta a este jornal ao N.º 931.

**AMORTECEDORES**

**Reparo e reconstruo todas as marcas c/ garantia. Mendes — R. Capitão Ramires, 2-A — Telef. 768423 (ao C. Pequeno).**



LETRAS DE PLÁSTICO
GRAVARTE
R. BACALHOEIROS, 28

## A C. P. INFORMA:

## NOVO SERVIÇO COMBINADO PARA VAGOS

Em 15 de Outubro p.º futuro, é inaugurado um novo serviço combinado de transporte de mercadorias, incluindo pequenos volumes, a cargo da Empresa Geral de Transportes, que servirá Vagos, através da Tarifa de Camionagem em Aveiro, com entrega e recepção na Central e nos Domicílios daquela vila.

Tambem a partir da mesma data, as localidades de Ilhavo e Gafanha da Nazaré, onde já existem Centrais, passarão a ser servidas ao domicílio. Desta forma, todas as estações de caminho-de-ferro e despachos centrais de serviço combinado passam a efectuar despachos para aquelas localidades.

Por seu turno, na Central de Vagos e nos Domicílios de Ilhavo, Gafanha da Nazare e Vagos, aceitam-se despachos para qualquer estação de caminho-de-ferro ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada.

ELEIÇÕES 73

# Candidatos da ANP conferenciam com as autoridades municipais

Os candidatos da Acção Nacional Popular pelo círculo de Braga visitaram os concelhos de Vila Verde e Vieira do Minho, cujas autoridades locais contactaram.

Na primeira daqueles localidades, os candidatos da ANP foram recebidos pelos presidente e vice-presidente da Câmara e pelo pároco da vila, entre outras entidades locais, que salientaram que o concelho votará em massa no próximo dia 28 e que mostrará o seu apoio ao Governo, durante uma reunião que se estendeu por cerca de três horas. Segundo um comunicado da ANP, referindo-se à ausência de candidaturas oposicionaistas no concelho, «os candidatos alertaram os presentes para o perigo, que poderia derivar dessa cinscunstância, de um certo amolecimento, e acentuaram: «Precisamos de nos unir para fazer frente ao inimigo. Não podemos descansar. Se tivessemos Oposição teríamos mais um incentivo e um estímulo para a luta. Mas impõe-se que todos estejamos atentos pois os adversários do Regime não desarmam em minar a resistência da Nação e as suas estruturas e em negar a obra eminentemente nacional que tem sido empreendida pelo Governo de Marcello Caetano».

Em Vieira do Minho realizou-se reunião idêntica (participando autoridades municipais e locais, dirigentes gremiais, das Casas do Povo, etc.) fazendo-se idênticos votos __ votação em massa e apoio ao presente regime. Segundo o mesmo comunicado, durante a reunião houve várias intervençoes «dos candidatos que, em louvável atitude de esclarecimento, disseram: «Viemos aqui para dialogar e para poder contactar, utilmente, com as populações», se dispuseram, em total disponibilidade, em estudar e tentar resolver algumas questões que lhes foram postas».

# Círculo de Setúbal da ANP sessão de propaganda

*«Relativamente às ideias fundamentais que nos guiam, queremos dizer-vos que pomos em primeiro lugar a unidade e a integridade da Nação apoiando formemente todas as medidas que visam o reforço da sua coesão, secundando incondicionalmente a intransigente política de defesa do Ultramar contra a agressão de que tem sido alvo, assim como a consolidação e valorização da sociedade multiracial portuguesa* __ afirmou no início do seu discurso o dr. Jorge Botelho Moniz aquando da nova apresentação ao eleitoraldo de Setúbal dos candidatos a deputados pelo círculo, filiados na A.N.p.

A sessão realizou-se anteontem, ao princípio da noite, na sede daSociedade Musical Sesimbrense, sob a presidência do membro da Comissão Eleitoral, Mário Águas, estando presentes, como candidatos e oradores o dr. Elmano Alves, Maria Ângela da Gama, dr. Cosntantino de Góis e dr. Jorge Botelho Moniz.

Foram focados, com a participação de assistentes como mães de família, professores e dirigentes da administraçãoloclal problemas da educação, a criação de creches e jardins de infância, carência de empregos para mão-de-obra feminina, problema habitacional, problema turístico inserindo-os, os oradores, na problemática global do concelho.

Continuando no uso da palavra o dr. Botelho Moniz, depois de afirmar a sua defesa da participação dos cidadãos na vida pública, como condições de realização dos objectivos atrás apontados, considerando que só reformas e nunca o recurso à violência permitirão resolver os problemas políticos e sociais, reiterou que «na persecussão dos objectivos apontados o Governo do Presidente Marcello Caetano tem agido com inteireza, com coerência e com decisão».

O candidato da CDE pelo círculo de Aveiro, Mário Rodrigues, usando da palavra durante a sessão que ali se realizou no Teatro Aveirense.

# O 5 DE OUTUBRO NO BARREIRO

**Uma coisa temos de reconhecer que os republicanos não souberam fazer: manterem-se unidos á classe trabalhadora, servirem os seus interesses contra os interesses da burguesia. E terá sido esta uma das razões principais do seu fracasso final. Afastados das massas trabalhadoras e incapazes ao mesmo tempo de garantirem com segurança a defesa dos interesses burgueses, em breve se viram enleados numa teia de contradições que fatalmente teria de os conduzir ao insucesso. Será esta, a nosso ver, a grande lição a tirar da experiência republicana no nosso País. Em suma: uma República só poderá ser verdadeiramente democrática quando apoiada nas massas trabalhadoras e ao serviço dos seus interesses».**

Assim falou o democrata Hélder Madeira na sessão de 5 de Outubro efectuada no Barreiro no Teatro Cine-Barreirense, perante uma assistência constituida por 1 300 pessoas. Presidiu á sessão uma mesa composta por Manuel dos Santos Cabanas, José Neto e Vitalino Machado.

### CUSTO DE VIDA E SITUAÇÃO PRÉ-MILITAR

Usando da palavra, a democrata Odete Martins falou do «aumento do custo de vida criando grandes margens lucrativas aos grandes monopólios de habitaço e alimentação de proporções absolutamente astronómicas.»

A esse propósito, a oradora acentuou:

«A subida vertiginosa nos artigos de primeira necessidade (a carne, nos últimos cinco anos duplicou de preço), tais como o peixe e habitação, e outros ainda, colocam novamente o povo português num beco sem saída, obrigando-o a viver em condições precárias ou a emigrar. (...) Também o congelamento dos salários, aliados ás demoras burocráticas, criam situações nitidamente absurdas.

Referiu-se a oradora também á guerra que se trava no Ultramar.

madas de jovens...»

Disse ainda Odete Martins que o regime de Marcello Caetano é antipopular». Tal ficou

vação do direito ao trabalho a todos os jovens que se encontram desempregados nesta idade é um facto que atinge largas ca-

### «EMIGRAÇÃO: TERRÍVEL HERANÇA»

O terceiro orador, Alfredo Matos, depois de ter mencionado o golpe conservador de 1926 que «pôs fim ás grandes conquistas populares».

E disse: «A emigração reflecte-se profundamente na economia portuguesa. Será uma terrível herança que nos deixará!»

Terminou por referir o isolamento de Portugal no Mundo.

### CONGELAMENTO DE SALÁRIOS

O trabalhador José Guilherme Nunes disse «que as classes trabalhadoras foram despojadas das regalias que com tanto sacrifício tinham alcançado em 1910: o direito á greve, por exemplo.»

Mencionou 1969 como «um marco na luta sindical».

Afirmou a esse propósito:

«O Governo cede um pouco. Deixa de haver obrigatoriedade de homologação por parte do Governo das listas eleitas nos Sindicatos. A contratação passa a ser feita directamente entre Sindicatos e Grémios. Os trabalhadores aproveitam a pequena abertura. O Governo volta a tirar parte do que tinha concedido. Assim, o árbitro na contratação passa a ser nomeado pelo Governo __ e o Governo decreta o congelamento dos salários».

E a concluir:

«Só num clima de liberdade em que o direito á greve e em que o direito de reunião e associação estejam garantidos, é que os trabalhadores poderão ver satisfeitos os seus principais anseios.

### «A REPÚBLICA BURGUESA DE 1910 PROLONGOU O DOMÍNIO DA CLASSE CAPITALISTA...»

«A nossa presença aqui demonstra antes de mais que 47 anos de ditadura não serviram para fazer calar no nosso povo os sentimentos de liberdade, paz, democracia, progresso e independência nacional» __ assim começou o democrata Álvaro Monteiro.

E acentuou que «o povo português tem sabido, à custa de pesados sacrifícios e aprendido a ver bem claro, a discernir, entre os interesses de um punhado apátrida de donos do capital e dos latifúndios, e os verdadeiros interesses e anseios do povo português».

Historiou o ambiente anterior e posterior a 1910, com todos os pormenores, acentuando, a certa altura, que «a República se implantara com o efectivo apoio da classe operária».

«Em troco desse apoio __ disse __ prometeram os dirigentes do Partido Republicano Português algumas reformas que beneficiariam a massa dos trabalhadores. Porém, a consciência política dos dirigentes operários dessa época era frágil e idealista. A classe operária tinha um Partido, o Socialista, mas a sua orientação encaminhava-a para a tomada do Parlamento como elemento essencial da luta operária contra o sistema capitalista.

Acentuou que a República burguesa de 1910 «significou o prolongamento do domínio da classe capitalista, o seu reforço e nunca o seu desaparecimento».

«No entanto __ disse __ os republicanos permitiram a livre formação de partidos políticos, sindicatos e associações. No campo do ensino e da cultura procedem-se a profundas reformas: criam-se as Universidades de Lisboa e Porto. Criam-se as Faculdades de Letras em Coimbra, Porto e Lisboa. Funda-se o IST. A taxa de analfabetos, que ao tempo da monarquia era de 78,6 por cento, diminui para 25 por cento. (...) As Bibliotecas Populares difundem-se por todo o País. A Imprensa alarga-se, existindo, em 1923, 523 publicações periódicas, predominando as folhas políticas».

Depois de ter dissecado a situação procedente do golpe de 28 de Maio, disse, a terminar, Álvaro Monteiro:

«Como objectivos imediatos de acção consideram os democratas os seguintes tópicos como fundamentais: liberdade de expressão de pensamento, formação de partidos políticos, greve sindical, reivindicação da existência legal da Oposição Democrática, dissolução efectiva da DGS e da Legião, libertação de todos os presos políticos, abolição da Gensura.

Finalmente, falou o democrata Neutel Felizardo, que, dirigindo-se à juventude, afirmou que «os jovens de hoje não podem esquecer que o Cinco de Outubro foi também, e em grande parte, obra dos jovens».

E disse, quanto à conquist das liberdades fundamentais:

«O País vive neste momento uma pequena abertura política derivada da campanha eleitoral, à qual nos preparamos para responder com óptimo aproveitamento da mesma. Iremos estruturar melhor a nossa organização. Iremos chamar amplas camadas de jovens à participação. Iremos denunciar energicamente todos os arbítrios

Um comboio transportando passageiros colidiu com um outro de mercadorias na Vestefália, matando cinco pessoas e ferindo perto de quarente passageiros


SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

CENTRO DE APERFEIÇOAMENTO PROFISSIONAL

CURSOS EM QUE AINDA SE ACEITAM INSCRIÇÕES

APROVADOS PELO MEN

legislação do trabalho e providência social, contribuições e impostos, estenografia (sistema speeduriting), operador mecanográfico (máquinas de contabilidade e minicomputadores), introdução à informática e programador de computadores.

INFORMAÇÕES

Av. Duque de Loulé, 83 __ 3.º __ telefone 5 ∂∂ ∂3

ACTIVIDADE

Iniciam-se em 15 de Outubro

ELEIÇÕES 73

# TRABALHADORES ATROPELADOS

Esta madrugada foram gravemente atropelados, por um táxi, três trabalhadores que procediam a obras de arruamentos: Filipe Paulo Ramos, de 20 anos, Manuel Augusto Vilela, de 61 e Fortunato Domingos Pereira Semedo de 24 anos. Os três feridos encontram-se internados no Hospital de S. José muito traumatizados.

### TRÊS FERIDOS EM ACIDENTE

Uma mulher que apenas se sabe chamar-se Maria dos Anjos e aparentar cerca de 70 anos foi atropelada gravemente por uma motoreta, na estrada da Luz, tendo dado entrada no hospital de S. José onde ficou internada em estado grave. O condutor da motoreta Joaquim Santos Martinho de 29 anos, canalizador no momento do embate caiu do veículo ficando tambem bastante ferido. Encontra-se internado no mesmo estabelecimento hospitalar.

Recolheu também a S. José muito traumatizado, Manuel José Mestre Baptista, de 29 anos, motorista, que foi vítima do despiste da camioneta que conduzia, em Almodovar, terra da sua residência.

### UM MORTO

Manuel Joaquim Faria Cavalheiro de 38 anos, deu entrada no Instituto de Medicina Legal por ter chegado já morto ao Hospital de Santa Maria para onde foi conduzido em consequência do embate da motoreta que conduzia com um muro. O acidente deu-se na avenida Marechal Craveiro Lopes.

### SEIS FERIDOS

Seis feridos num despiste de automóvel recolheram a casa depois de receber tratamento no Hospital de Santa Maria. O acidente deu-se na estrada Bucelas-Malveira e envolveu Carlos Jorge Reis Ramos, de 47 anos, que conduzia, o seu irmão Humberto Reis Ramos, de 38 anos, a mulher, Maria Cândida Mota Ramos, de 45 anos, o filho Manuel José de 12 anos, e Maria da Conceição Monteiro Angélica, de 19 anos, e ainda uma criança de onze meses, Maria Teresa Prado Fernandes.

### ATROPELAMENTO E TRÊS FERIDOS

Atropelado por um automóvel recolheu ao hospital de S. José, ferido na cabeça e com uma perna fracturada, António dos Anjos Catarino, de 23 anos O acidente deu-se na Rua de S. Bento.

Um ferido grave e outro ligeiro foi o resultado de um despiste de automóvel esta madrugada ocorrido na Avenida de Ceuta. O automóvel era conduzido por José Carlos Silva Oliveira, de 27 anos, mecânico que seguia acompanhado pelo trabalhador Fernando Conceição Santos, de 22 anos que ficou muito traumatizado e internado no hospital de S. José. O segundo recolheu a casa depois de tratado.

## CONTRA AS "INVERDADES" DA OPOSIÇÃO

# "NÃO HOUVE ENTRAVES AO RECENSEAMENTO DE ELEITORES"

## — DIZ UM COMUNICADO DA A.N.P.

**A Acção Nacional Popular distribuiu aos orgãos de informação o seguinte comunicado, subscrito pelas suas Comissões Eleitorais e relativo a notícias e proclamações públicas sobre as operações de recenseamento.**

1. É já tradicional entre nós o clamor da Oposição contra o sistema eleitoral vigente, mesmo antes de conhecidos os resultados da eleição. E o clamor tem tanto mais veemência quanto mais se avoluma a certeza da recusa do eleitorado em enveredar pelos caminhos para que a Oposição quer empurrá-lo e a necessidade de encontrar nos cenáculos internacionais a ressonância indispensável a uma compreensão e ajuda que cá dentro falta.

2. Vem isto a propósito de um documento intitulado a «C.D.E. de Lisboa e o Momento Eleitoral», distribuído na conferência de Imprensa realizada na Amadora no passado dia 2.

Não podendo atribuír-se a um deficiente conhecimento de factos algumas afirmações da C.D.E. de Lisboa, impõe-se evidenciar a sua inverdade e o triplo objectivo que as determinou: deformar a opinião pública, acautelar uma derrota eleitoral, tida como certa e, no caso de não desistir da eleição, procurar iustificação perante o internacionalismo antiportuguês e as facções oposicionistas que combatem a ida às urnas.

3. Com as actividades que vem desencadeando e as demagógicas afirmações que faz e vê divulgadas, é a própria Oposição que se desmente quando escreve no comunicado distribuído na Amadora que «não estão preenchidas em Portugal qualsquer condições de liberdade».

Não dizem as Oposições — agora temporariamente unidas por razões que a seu tempo hão-de vir a lume — em que medida lhes falta a liberdade para ajudarem ao progresso do País na luta quotidiana para que cada português seja mais são, mais culto, mais rico de bens materiais, mais feliz. E, em contrário, muitos portugueses hão-de inquietar-se quanto ao uso que alguns oposicionistas fazem da liberdade de que desfrutam em actividades contra a lei, a unidade nacional, a dignidade das Forças Armadas, o prestígio do País.

4. Não são mais verdadeiras as afirmações feitas sobre o recenseamento no referido comunicado da C.D.E. Todos os anos pode ser requerida a inscrição no recenseamento entre dois de Janeiro e quinze de Março. Relativamente ao recenseamento deste ano, logo em 29 de Dezembro do ano transacto, os jornais, a rádio e a televisão divulgaram uma nota oficiosa que nos permitimos reproduzir pela sua clareza:

«Vão iniciar-se no próximo dia 2 de Janeiro as operações do recenseamento dos eleitores da Assembleia Nacional; isto é, dos cidadãos portugueses, de qualquer dos sexos, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever português e não estejam abrangidos por alguma das incapacidades previstas na Lei n.º 2015, de 28 de Maio de 1946, e, ainda, dos que, embora analfabetos, hajam sido anteriormente recenseados, com fundamento no regime que vigorou até à publicação da Lei n.º 2137, de 26 de Dezembro de 1968. A organização das relações de eleitores compete exclusivamente às comissões constituídas nos termos do Artigo 4.º da Lei n.º 2015, as quais funcionam nas sedes das juntas de freguesia, onde estará patente modelo de requerimento, de modo a facilitar-se a inscrição de todos quantos a ela tenham direito, durante o período legalmente fixado, ou seja de 2 de Janeiro até 15 de Março. Quando se pretenda obter recibo do requerimento, deverá este ser feito em duplicado. Só aos próprios interessados e perante as comissões oficialmente constituídas compete promover a inscrição no recenseamento aleitoral. Com base nas relações organizadas pelas comissões de freguesia, compete às comissões concelhias ou, em Lisboa e Porto, às comissões dos bairros administrativos, a que se refere o Artigo 5.º da Lei n.º 2015, proceder à elaboração do recenseamento dos eleitores das respectivas áreas. Até 1 de Maio, será anunciado que podem os cidadãos, pelo período de dez dias, colher nas secretarias das Câmaras Municipais, ou, em Lisboa e Porto, das Administrações de Bairro, informações acerca do recenseamento dos eleitores. Da inscrição ou omissão indevidas pode qualquer interessado reclamar para o presidente da Câmara Municipal, ou, em Lisboa e Porto, para o governador civil, até 15 de Maio, cabendo recurso, para o auditor administrativo, da decisão daqueles magistrados. Os serviços responsáveis empenharão todos os seus esforços no sentido de que o recenseamento satisfaça rigorosamente às disposições legais, facultando aos interessados os esclarecimentos de que necessitem e cuidando de obter a inscrição do maior número de eleitores. Se, no entanto, houver qualquer motivo para reparo, espera-se a colaboração dos cidadãos expondo as suas razões à Direcção-Geral de Administração Política e Civil, que tem a seu cargo a orientação superior das operações do recenseamento eleitoral».

Não deixaram os corpos administrativos de mandar afixar, nos lugares de estilo, editais sobre o recenseamento. Convites à população para que o fizesse foram diariamente emitidos pela Emissora Nacional, e com muita frequência, pela rádio particular e pela Televisão. O próprio Presidente do Conselho, na sua comunicação de 1 de Janeiro de este ano, dirigiu um apelo a todos quantos se encontrassem nas condições exigidas por lei para votar a fim de que se não esquecessem de pedir a sua inscrição no recenseamento ou de verificar se nele estavam ou não inscritos. Para além das iniciativas tomadas pelos grandes diários de Lsiboa e do Porto, pela Imprensa católica e pela Imprensa não-diária para incitar a população a recensear-se ou apenas para divulgar o tema recenseamento, citam-se, ao acaso, as do jornal República com o seu «Consultório Eleitoral» e a série de artigos doutrinais subordinados ao título genérico «Retomando o Fio»: e as do «Diário de Lisboa» com inquéritos de rua na secção «Ora Diga-nos». Sobre o apoio concedido pelas autoridades e outras entidades, às operações de recenseamento, transcrevem-se, também a título de exemplo, as seguintes passagens de um semanário lisboeta:

«Em audiência concedida a democratas representando oito concelhos do Distrito de Setúbal, o governador civil manifestou-se solidário com os desejos que animam os elementos das diversas comissões concelhias: uma total correspondência do recenseamento com a população em condições legais para efectivação do mesmo ... » (Expresso 24 de Fevereiro).

São ainda do mesmo jornal as seguintes considerações:

«Iniciado no segundo dia do ano, terminou anteontem o período legal para o recenseamento dos eleitores dos deputados da Assembleia Nacional, processado pelas comissões oficiais da especialidade quer mediante requerimentos apresentados nas juntas de freguesia pelos cidadãos nas condições legais, quer por inscrição oficiosa do pessoal, habilitado de direito pelas suas funções, dos serviços civis militares ou militarizados do Estado e dos Corpos Administrativos, dos organismos Corporativos e dos de coordenação económica. Em significativa unanimidade na atribuição de importânciaa do acto, o recenseamento foi repetidamente lembrado e recomendado em declarações públicas de membros do Governo e da A.N.P., em tomadas de posição e iniciativas da Oposição Democrática. Do lado oficial, tratou-se de pôr em funcionamento o aparelho definido pela Lei para o recenseamento e se, na própria Imprensa, vieram a lume reclamações contra deficiências no funcionamento dos serviços a juntas de freguesia, ainda há dias a visita do chefe do Distrito a algumas dessas juntas visadas terá pretendido demonstrar o interesse oficial pelas operações. Do lado da Oposição, considerado o recenseamento indispensável à prossecução dos fins próprios, tão pouco faltaram iniciativas de propaganda e apelo à inscrição nos Cadernos Eleitorais (Expresso, 17 de Março).

Para não alargar este esclarecimento, apenas mais um exemplo, agora tirado do «Diário Insular», de 10 de Março:

«Termina no próximo dia 15 o prazo para a inscrição dos cidadãos de ambos os sexos no recenseamento eleitoral ... Tem-se posto a correr, malevolamente, que o Governo põe entraves à propaganda do recenseamento. Basta ouvir a Emissora Nacional e o próprio Chefe do Governo para se ver que a acusação não tem base. Todo o bom cidadão tem o dever de votar. Mas não o poderá fazer se o seu nome não constar do recenseamento. E o dia 15 está à porta».

5. Pelo que fica dito, nao apenas se demonstra a inexistência de entraves ao recenseamento, como se evidencia que tudo procurou fazer-se para que as operações de recenseamento fossem coroadas de êxito. E foram-no sem dúvida, como honestamente pode concluír-se do seguinte quadro, em que se indica a evolução da população, no Continente e Ilhas Adjacentes, de 1926 a 1973, bem como o número de eleitores recenseados.

O recenseamento do ano em curso subiu portanto, 40 por cento em relação a 1965. E entre 1969 (penúltimas eleições legislativas) e 1973, o acréscimo, foi ainda 15 por cento. Apesar deste assinalável progresso, ele não corresponde completamente aos esforços que o Governo tem desenvolvido para que todos os cidadãos com capacidade eleitoral se inscrevam no recenseamento.

E vem a propósito lembrar ter sido o actual Governo que concedeu às mulheres capacidade eleitoral.

O exame objectivo desta materia obriga-nos a ponderar o seguinte: (a) a população recenseável para 1973 estimava-se em 3 710 000 cidadãos; (b) o extracto da população analfabeta maior de 40 anos constitui pesada herança do regime anterior a 1926 que ainda não foi possível vencer; (c) o fenómeno emigratório produz reflexos sensíveis no recenseamento, visto os emigrantes não poderem continuar inscritos no recenseamento por não residirem em Portugal.

6. De acordo com a lei e os esclarecimentos insistentemente divulgados, puderam os cidadãos colher nas secretarias das Câmaras Municipais ou nas Administrações de Bairro informações acerca do recenseamento. Da inscrição ou omissão indevidas poderam usar do seu direito de reclamação para o presidente da Câmara Municipal, ou, em Lsiboa e Porto, para o governador civil, com recurso para o autidor administrativo da decisão daqueles magistrados. Do único caso de recurso chegado ao nosso conhecimento deu conta o jornal «República» de 4 de Junho último ao noticiar:

«A Auditoria de Lisboa anulou a decisão do presidente da Câmara do Barreiro relativa à eliminação nos Cadernos Eleitorais dos nomes dos srs. Manuel Cabanas e João Telmo da Costa Araújo, determinando a sua imediata inscrição nos referidos cadernos ... ».

7. Nunca a Oposição pensou em poder ganhar com seriedade as eleições. Querer, desde já, justificar a derrota eleitoral por vícios no recenseamento é atitude que merecia um qualificativo tirado do vocabulário oposicionista. Não o faremos. Limitamo-nos a tornar claro o processo.

# DETIDOS EM MOSCAVIDE

A Comissão Executiva da C.D.E. de Lisboa distribuíu ontem aos Orgãos da Informação o seguinte comunicado:

Anteontem á tarde foram presos em Moscavide 2 rapazes e 2 raparigas quando colavam cartazes C.D.E. e distribuíam um documento da C.D.E. (transcrito nos jornais de ontem) sobre o 5 de Outubro. Uma das detidas tem 13 anos.

Conduzidos para a esuqadra da vila os jovens foram identificados e interrogados. Entretanto, dirigiu-se para a esquadra o candidato da C. D. E. António Abreu a fim de recolher informações sobre a situação dos detidos. Tendo entretanto entrado sem autorização da sentinela foi alvo de ameaças desta e do chefe do posto lhe dava ordem de prisão.

De madrugada, cerca das 3 horas, os candidatos, comissão executiva e comissão jurídica dirigiram-se á esquadra de Moscavide. Quando se aproximaram as luzes foram subitamente apagadas, soaram sirenes de alarme e agentes sairam para a arua armados de espingardas. Os visitantes foram obrigados a entrar na esquadra. Tudo isto porque pretendiam informações sobre os detidos!!...

O chefe da esquadra procedeu à identificação dos presentes, informou que nada podia dizer quando nessa altura já sabia qual o destino dado aos jovens. Estes acabaram por saír de madrugada com visto para pagamento de multas no valor de 4500$00 cada, sendo a jovem de 13 anos, enviada para o tribunal de menores.

A Comissão Executiva da CDE de Lisboa protesta contra a intervenção policial da esquadra de Moscavide

No mesmo dia 4 de Outubro à noite, organizou-se a 1.ª sessão pública de propaganda da CDE, na cidade de Lisboa. A SNBA não tinha lotação para todas as pessoas que gostariam de estar presentes e, em frente, juntaram-se cerca de 2.500 pessoas que insistiam na entrada, enquanto surgia um forte aparato policial. A impaciência das pessoas aumentou e um candidato veio esclarecê-las dizendo que a lotação estava esgotada e, responsabilizando o Governo pela situação criada pois, sistemáticamente, impedia o acesso a recintos de maior capacidade.

Destacando-se o Capitão mandou dispersar ameaçando intervenção. Registou-se a intervenção do carro de água seguido da polícia de choque, que carregou sobre a multidão, ferindo diversas pessoas que dispersaram.

Demonstrando uma capacidade de resposta extraordinário, 2000 pessoas mantiveram-se no interior da SNBA sem entrar em pânico e respondendo à repressão governamental com uma jornada de discussão e de luta contra a Guerra; O Imperialismo e os monopólios e pelas liberdades fundamentais»

# NOTÍCIAS VÁRIAS

### INICIAÇÃO

Inicia-se na segunda-feira, dia 8, o ano lectivo da Fundação Musical dos Amigos das Crianças, onde, sob a direcção de Adriana De Vecchi e Costa, as crianças são orientadas no sentido de uma completa formação artística.

Quaisqier informações sobre a inscrição de novos alunos e outras, podem ser obtidas na sede da referida Fundação, das 16 e 30 às 19 horas, telefone 667545.

### HOJE NO TEATRO CAMPOLIDE

Na sede do Grupo de Teatro de Campolide, pelas 21 horas, será representada a «Farsa de Mestre Pathelin», numa encenação de José Martins. Às 23 horas repetir-se-á, em segunda sessão, a mesma peça.

### III FESTIVAL DE TEATRO AMADOR (ÉVORA)

Continua a decorrer em Évora o III Festival de Teatro Amador, promovido pela Sociedade Operária de Instrução e Recreio Joaquim António de Aguiar. Às 21 e 45 de hoje será representada a peça «Fronteira Fechada», de Alves Redol, pelo grupo cénico da S. O. I. R. Joaquim António de Aguiar. O espectáculo repetir-se-á nos dias 13 de Outubro e 6, 7, 8 e 9 de Novembro.

### VENDIA BARATO OS ARTIGOS ROUBADOS

Segundo uma participação apresentada no Governo Civil foi detido, ontem à tarde, num armazém da zona do Chiado, o latoeiro José Conchinha, de 42 anos, natural e residente em Lisboa, quando se preparava para abandonar aquele estabelecimento carregando às costas um enorme embrulho com sessenta baldes de plástico que não pagara previamente na caixa.

Conduzido para o Governo Civil, em cujos calabouços passou a noite antes de ser entregue esta manhã na Judiciária, José Conchinha confessou que, dias antes, havia furtado, naquele mesmo armazém, diversas peças em louça, avaliadas em cerca de quatro contos, que logo transaccionara a uma vendedeira ambulante apenas por cem escudos.

### «BRINCADEIRAS»

A «Comuna» volta a apresentar esta noite, pelas 21 e 45, na Av. Almirante Reis 115-A, as suas «Brincadeiras». Preço único: 20$00. Um espectáculo a não perder.

### «CÂNDIDO» NO VASCO SANTANA

O Teatro Estúdio de Lisboa apresenta hoje, às 21 e 45, a peça «Cândido», de Voltaire. Marcações pelo telefone 768609.

# MÚSICA JOVEM

## OS 10 MAIS

Subida espectacular de Demis Roussos ao primeiro lugar da lista dos discos mais vendidos em Lisboa na semana transacta. Os Greenwindows regressam ao segundo posto e prevê-se que mantenham luta emocionante com Demis, ainda presente na escala na nossa posição.

Em albuns a classificação de vendas encontra-se como segue: 1.º Foreigner Cat Stevens; 2.º Master piece Temptations 3.º Recorded live Ten Years After; 4.º Cosmic Wheels Donovan; 5.º «Passion Play».

| | | | |
|---|---|---|---|
| 1 | **«Goodbye My Love, Goodbye»** ( ) Demis Roussos | 6 | **«I Like You»** (2) Donovan |
| 2 | **«Vinte Anos»** (7) Greenwindows | 7 | **«I Can't Keep It In»** ( ) Cat Stevens |
| 3 | **«Money»** ( ) Pink Floyd | 8 | **«Never, Never, Never»** (3) Shirley Bassey |
| 4 | **«Giving Ir All Away»** (4) Roger Daltrey | 9 | **«Forever And Ever/Velvet Morning»** (6) Demis Roussos |
| 5 | **«Passion Play»** ( ) Jethro Tull | 10 | **«Masterpiece»** ( ) Temptations |

## No estrangeiro

# LAURO ANTÓNIO ABRIU HOMENAGEM A JOHN FORD

Ao iniciarem a sua 19.ª temporada os organizadores das «sessões clássicas» do Império começaram na passada quarta-feira a homenagear John Ford.

Passavam dez minutos da hora prevista (18 e 30) quando o pano subiu.

**Minhas senhoras e meus senhores, muito boas tardes** desta forma (convencional) se dirigiu Lauro António às escassas dezenas de pessoas presentes.

Convidado pelos responsáveis das «tardes clássicas», aquele nosso camarada começou por mencionar as dúvidas que ainda hoje existem acerca do nascimento de John Ford: Irlanda ou Estados Unidos? De qualquer modo, é certa a descendência irlandesa de Ford que transparece em muitos dos seus filmes, sendo, no entanto, a sua maior parte de **genuína tradição americana**.

Lauro António não poupou elogios ao grande mestre do cinema a quem classificou como **o único cineasta à altura duma nação como a americana**. Referiu-se ao **ritmo de trabalho intenso** de **um dos últimos pioneiros, um dos veteranos resistentes de Holywood**. Mencionou, depois, o período compreendido entre 1930 e 1950 como o mais importante da actividade de Ford.

Retratista soberbo, paisagista de tonalidades raras, possuidor de discreta mas vigorosa unidade de estilo, de um invulgar talento de narrador e «o mais que a memória não cabe», foram algumas das referências que o credenciado crítico de cinema fez ao «mestre», não esquecendo, igualmente a amizade e a **admiração incondicional** que Richard Nixon e John Wayne tinham por Ford.

**Um homem que nos ensinou a amar o cinema e através dele a vida** assim terminou Lauro António os seus calorosos comentários à obra de John Ford, que não provocaram grande interesse nos assistentes, muitos deles preocupados em ler, nas linhas e entrelinhas dos jornais da tarde, as «últimas» sobre as eleições.

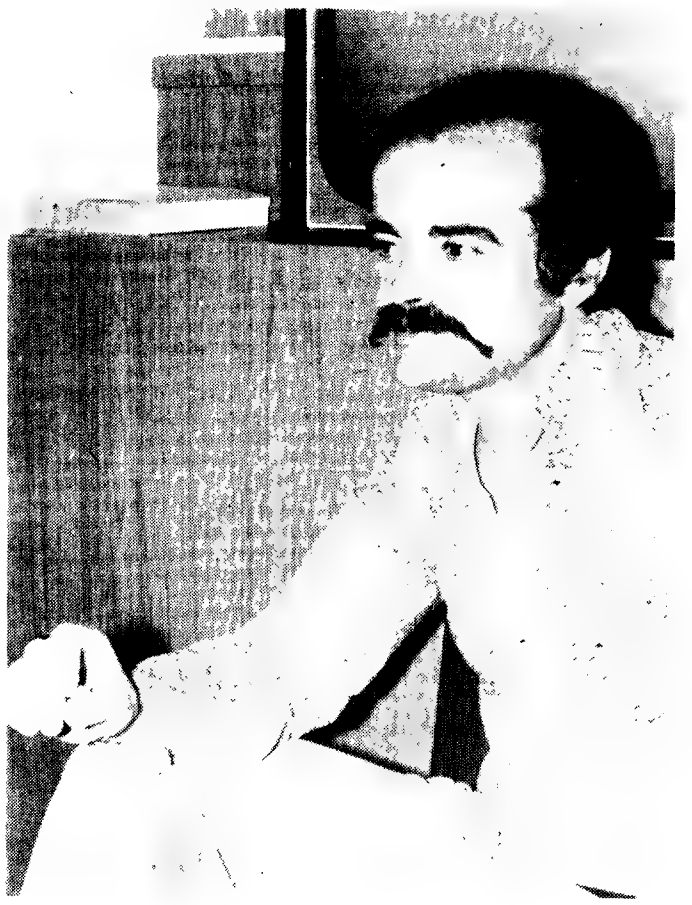
Lauro António cometeu quanto a mim, o erro de ler aquilo que sabe de cor, não conseguindo, desse modo, prender a atenção de algumas pessoas que ainda vêem na «Cavalgada Heróica», apenas um «western» movimentado. Oito minutos após a subida do pano, Lauro António pegou no micro o safu. Da sua vasta cultura cinematográfica mais nos podia ter deixado.

Os muitos anos passados sobre uma película realizada em 1939, não lhe roubaram nada (pelo contrário) do que hoje possa merecer a nossa atenção. O próprio banqueiro Gatezood, lá está de sentidos apurados e palavra pronta: **O que é bom para o Banco é bom para o país**.

O «ciclo John Ford» vai prosseguir. «Forte Apache» (em 10 do corrente), «Os Dominadores» (17 de Outubro» e «O Homem que Matou Liberty Valance» (24 de Outubro) são os filmes que completarão a homenagem ao grande mestre do cinema, em cuja obra se deve procurar esquecer a possível influência causada pela «admiração incondicional» de certas pessoas...

ALEXANDRE PAIS

# "MARÉ VIVA" NO ABC



O agrupamento teatral Maré Viva, que na época transacta, pelo Natal, levou ao palco do Monumental a peça infantil «As Aventuras de Batatinha e Casacão», declinou o subsídio de oitenta contos que o Fundo do Teatro lhe vinha concedendo.

O actor e dirigente Pedro Pinheiro afirmou-nos que Maré Viva tinha sido contratada pelo empresário Sérgio de Azevedo (ABC) e que já no próximo mes de Novembro o agrupamento apresentará naquele teatro a peça aciva referida.

Mas o abandono do subsídio tem a sua história...

**Embora se tratasse de um subsídio pequeno, que mal dava para pagar aos actores, aconteceu que o actor Alexandre Vieira, que também dirige teatro infantil, se moveu de tal maneira junto do Fundo do Teatro, que o dr. Caetano de Carvalho me disse que aquele profissional há já muito que lhe tinha comunicado a nossa desistência... Com que direito? Não sei. Sei que o Teatro S. Luís tinha sido cedido pela Câmara Municipal a Maré Viva, cedência essa que ainda se mantém de pé... Encontrava-se inclusivamente programada a efectivação de espectáculos para adultos no S. Luís. Mas, em face daquela vanobra de bastidor, Maré Viva desiste do subsídio e acolhe-se no ABC.**

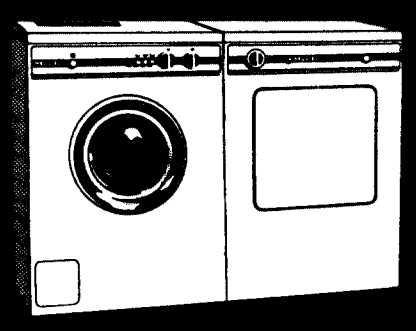
Estas são as palavras do actor Pedro Pinheiro. O grupo de base de Maré Viva, constutuído pelos profissionais Graça Vitória, Fernanda Figueiredo, Leonor Poeira, Armando Venancio, Vítor Ribeiro e Ricardo Morais, **está de acordo com a mudança**. Outros actores, que posteriormente se juntaram ao agrupamento, como, por exemplo, Assis Pacheco e Vergílio Macieira, abandonaram Maré Viva.

Com emissões na Rádio Peninsular, Maré Viva continua a entusiasmar um numeroso público infantil. **A prova disso é que o programa recebe semanalmente mais de quinhentos postais dos seus pequenos admiradores** acentuou o actor Pedro Pinheiro.

# "CORNUCÓPIA" TEM PALCO

Será na sala do Teatro Laura Alves que a nova Companhia Teatro da Cornucópia, dirigida por Jorge Silva Melo e Luís Miguel Cintra, estreará o seu primeiro espectáculo. Muito brevemente poderá, portanto, Lisboa ver Dalila Rocha, Glicínia Quartin, Raquel Maria, Carlos Fernando, Filipe La Feria, Luís Lima Barreto, Orlando Costa e os próprios Jorge Silva Melo e Luís Cintra em «**O Misantropo**» de Molière.


A mais perfeita união



Maquina de lavar roupa automatica com secador electronico
Com este conjunto tera o seu tempo livre sem que se preocupe mais com o estado do tempo
Maquina de lavar automatica
Secador electronico

Miele

Agente Oficial: J. F. S. ROMEIRAS PALMA
RUA DA ESCOLA POLITÉCNICA, 27 — TELEF. 37 08 06 — LISBOA
PREÇOS ESPECIAIS PARA MODELOS EXCLUSIVOS



PORQUÊ um relógio CAUNY vale mais do que custa?
PORQUE o seu slogan «Uma marca para toda a vida» não é uma utopia.
PORQUE desde há 45 anos oferece um bom relógio a preço popular.
PORQUE a sua produção permite fabricar relógios com uma pequena margem de benefício.
Compare a sua mecânica com outra marca de maior preço de venda e comprová-lo-á.

## II SEMANA INTERNACIONAL DE CINEMA DA FIGUEIRA DA FOZ — 5

# "NACIONALIDADE: PORTUGUÊS"

## A EMIGRAÇÃO SEGUNDO FERNANDO LÓPES, NUNO DE BRAGANÇA E GERARD CASTELLO LOPES

**«Nacionalidade: Português», uma média metragem de Fernando Lopes, Nuno de Bragança e Gérard Castello Lopes, foi estreada no decorrer da «II Semana Internacional de Cinema da Figueira da Foz». Um filme sobre a emigração de portugueses para França (e tantos e tantos outros países) é, em princípio, um filme importante, que diz respeito a todos nós, que nos solicita a todos, que não pode ser executado levianamente por quem tem algumas responsabilidades no campo da cultura portuguesa. Em princípio também, os nomes dos principais responsáveis por esta obra ofereciam sobejas garantias de idoneidade. Mas as dificuldades eram muitas. E de antemão se conheciam (ou deveriam conhecer).**

**Antes, porém, de prosseguirmos, cedamos a palavra aos responsáveis, coligindo algumas passagens de um texto que transcrevia literalmente uma conversa tida a 3 de Agosto de 73 e distribuído aos participantes das «Jornadas», integrado nos «textos de apoio». Segundo essa folha, o estímulo para a conversa fora sugerido por José Vieira Marques que colocara duas perguntas: «porque aparece este filme sobre uma situação que interessa hoje milhões de portugueses? Porque levou tanto tempo — ano e meio, pelo menos — a falar-se dele?**

**Gerad Castello Lopes** — A fita aparece porque eu tive a ideia de que havia um filme a fazer sobre os emigrantes portugueses. Depois o Nuno veio ter comigo e com o Fernando Lopes. O filme não era para ser um documentário e sim um filme de longa metragem. Falou-se muito, discutiu-se muito e em breve chegámos à conclusão de que nenhum de nós sabia grande coisa sobre a emigração. A partir desse instante, enchemo-nos de humildade e decidimos tentar fazer um filme que fosse a aprendizagem do problema.

Quer dizer, o filme seria o itinerário de três indivíduos com diferentes **background** que iam à procura de um Portugal noutro sítio; iam por esse mesmo itinerário aprender o que era esse outro Portugal. Mas como para fazer um filme é preciso encontrar capitais, começou por aparecer dificuldades nesse aspecto. O filme tinha de ser patrocinado por uma instituição que pudesse eventualmente estar interessada, mas o veio de tipo cultural não foi possível. Finalmente foi uma instituição privada que financiou o filme.

Uma das ideias era que o **filme fosse feito em 16 mm e, se fosse satisfatório seria ampliado para 35 mm. Assim disparámos todos — uma equipa constituída por Nuno, pelo Fernando** pelo Augusto Cabrita, pelo Alexandre Gonçalves e por mim próprio — para Toulouse onde se realizava a época, no ano de 1970-71, princípio do Verão de 1970, uma congregação de emigrantes portugueses, para os quais se tinha organizado um Festival. Tivemos uma reunião organizada por um Clube Recreativo de Espectadores. Neste, fazia-se uma actividade a que uns poderão chamar para-política, outros chamarão política no maior sentido, isto é, com toda a espontaneidade que uma acção política pode ter. Esse Clube Recreativo organizava peças de teatro colectivas feitas por emigrantes, projecções de filmes para emigrandes, debates sobre filmes com os emigrantes, tudo passado em família. Portanto, foi ao encontro dessa gente que a equipa pensou ir. Valia a pena. Nesse ambiente de Toulouse os emigrantes portugueses já tinham à vontade suficiente para saber que uma ameaça de greve que parta de certas localidades servia para paralisar a indústria. Portanto tinham atingido um conhecimento do seu poder enquanto força de trabalho que até à data era impossível conhecer.

**Fernando Lopes** — Esta fita dá pelo título «Nacionalidade: Português», e eu estava convencido de que se chamava «Profissão: Português», o que seria um título com conotações muito mais irónicas, digamos. Convém esclarecer, antes de **mais, que esta fita é uma parte** muito pequena daquilo que nós quisemos fazer e é a parte possível daquilo que nos propusemos. Como disse o Gerard, a ideia parte do Nuno e dele próprio, que nessa altura passavam grande parte da sua vida em Paris. Parece-me que o facto de trabalharem juntos aí tornou mais evidente o interesse que havia em se fazer uma fita sobre os emigrantes portugueses em França. Aliás, nem era bem sobre os emigrantes portugueses em França. Já sabíamos que isso era importante. Era antes a ideia de que havia uma extensão de Portugal em Paris — a ideia que não sei se saiu da cabeça do Nuno ou do Gerard — contudo o que ela significa até de poético por um lado e, por outro, da criação de um outro país.

**Nuno de Bragança** — Posso esclarecer esse ponto. Durante o tempo em que fui viver para Paris a ideia que eu tinha na cabeça perante o contacto com a emigração era a de que não era um outro país. Mas era o Portugal tornado mais claro, onde se tinham tornado mais salientes um certo número de características. Portanto, fui **sempre pensando no Portugal** tal como ele é mas revelado com traços mais violentos, uma espécie de água-forte que a emigração podia fazer sair cá para fora através de um veículo qualquer, como seria o cinema.

**Fernando Lopes** — Aí, o Nuno e o Gerard lembraram-se de mim que estave em Lisboa numa época assaz difícil, quer no plano pessoal, quer até profissional. **Nessa altura estava a trabalhar na Abelha na Chuva.** Começo pois, a receber cartas, quer do Nuno, quer do Gérard dizendo-me como aquilo seria um projecto interessante, inclusivamemte até, para eu poder sair para outras vias do cinema. A ideia interessou-me imediatamente, mas havia o problemas do financiamento: como é que aquilo se iria por de pé pois seria caro mesmo em 16 mm. Desde o início havia a ideia de fazer em 16mm. e mais tarde aumentar para 35 . Tínhamos também a sensação de que uma das coisas mais estimulantes que esta fita podia fazer era a sua própria dinâmica com as pessoas que ela apresentava, ou seja, com os próprios emigrantes.

**Gerard Catello Lopes** — Era esta a ideia de raíz, ou seja, o conhecimento que havia de vir, uma espécie de confrontação, entre nós, que éramos portugueses e, no fundo, pouco sabíamos do que por lá se passava, e eles que se sentiriam olhados por gente familiar. Era dessa confrontação, pensávamos, que viria a nascer qualquer coisa de interessante.

**Fernando Lopes** — De certo modo, até se pensou a certa altura, na organização dessa gjrande fita em 16 mm., digamos, uma espécie de fita-«fleuve». Nessa ocasião, os três vemos em Paris, um filme em relação ao qual verificámos existia uma larga coincidência dos nossos projectos. Tratava-se de **La Hora de los Hornos**, do argentino Fernando Solanas. Como essas, também a nossa fita ficaria em aberto, pronta a ser completada por filmagens das reacções dos emigrantes a cada uma das projecções. A fita serviria também para ir-se junto dos emigrantes portugueses em Paris, e para a França em geral, e mesmo fora de França, enfim onde ela pudesse ser passada, provocando uma série de descussões sobre o papel deles nesses países e sobre a sua posição de protugueses, quer dizer, em relação ao seu próprio país, donde eles vinham afinal.

**Nuno de Bragança** — Isto que o Fernando está a dizer **é muito importante visto que** foi difícil ganhar a confiança dos emigrantes. Aqueles com quem contactámos primeiro para poder filmar (essa comunidade portuguesa do Sudoeste da França) eram indivíduos que tinham uma emancipação psicológica em relação ao que se pode chamar a classe burguesa. Daí que, embora o facto de nós sermos todos três da classe burguesa não significasse da parte deles, uma condenação em termos marxistas, não éramos, no entanto, pessoas que fizessem parte do seu mundo. Foi através de contactos pessoais, de refeições comuns, inclusivamente da partilha de habitação — como quando por exemplo alguns deles estiveram instalados um meu apartamento em Pais e dormiram lá como era possível dormir num apartamento com uma única sala, uma cozinha e uma casa de banho, aí comendo e vivendo connosco, — foi a partir disso tudo pois que se interessaram por um filme em que eles próprios começaram a partivipar.

**Gerard Castello Lopes** — Infelizmente estamos todos a falar da fita que não fizemos.

**Fernando Lopes** — Bem, o problema parece-me muito mais complicado. Acontece que nós, desde o início, tivemos a consciência de que uma fita destas teria que ser em 16mm. o que facilitava um pouco as coisas e tornava o filme menos caro. Apesar de tudo necessitava-se de muito dinheiro porque, obviamente, numa fita deste género, era necessária uma grande metragem de filme para depois ter uma vasta possibilidade de escolha, isto é, para que a montagem pudesse exercer um papel não tanto selectivo, mas realmente dialéctico. De facto, entre a nossa posição de classe e a posição de classe dos emigrantes havia uma nítida difegença. Disso tomámos imediatamente consciência, nas poucas filmagens que fizemes, por exemplo, nos já citados dias, passados em Toulouse. Sabíamos também, desde o princípio, que, para além dos problemas económicos uma fita destas levantaria um número tão vasto de outros problemas que, provavelmente, ela não poderia sair, não poderia circular senão na zona dos próprios emigrantes, isto é, em França.

**Nuno de Bragança** Por falar de problemas económicos, talvez seja útil esclarecer o que já o Gerard dizia há pouco, sobre o financiamento do filme por uma entidade privada. Eu tentei conseguir o dinheiro através de entidades culturais, mas não consegui. Por outro lado, fui observar o funcionamento dos Bancos portugueses que tentavam tudo e mais alguma coisa em matéria de amabilidades, facilidades, etc., para sacarem ao emigrante aquele dinheiro que eu como qualquer pessoa com conhecimento da economia nacional, sabia que era fundamental para que o escudo português se mantivesse com a firmeza que tinha ou com aquela que, ainda tem. Portanto, aqueles homens que tinham saído de Portugal sem dinheiro nenhum, por isso mesmo agora dispunham de muito, sem que soubessem quanto uma actividade emigrada tem um poder decisivo sobre as finanças do país. Ignoravam-no evidentemente. Filmar os emigrantes a dar dinheiro aos bancos era uma coisa que eu estava interessada em fazer logo que o vi pela primeira vez. Quando eu soube que haveria um Banco disposto a fornecer uma quantia contra três minutos de filmagem de uma actividade dos seus serviços, achei que era ouro sobre azul. Foi assim que o financiamento funcionou. O contrato com o Banco propunha apenas como limitações, a divulgação do filme no espaço português e a entrega de duas cópias ao banco, além dos três minutos de actividade dos serviços que podiam ser negociados em separado, como o foram. Por isso o Banco que financiou primeiramente a fita contratou **La Banque Franco-Portugaise, Le Crédit Lyonnais**, e outro Banco foi o **Crédito Predial Português.** Acontece que, tal como o filme começou a sair, isto é, a partir das filmagens feitas no contacto com os emigrantes, vivendo naquela liberdade em que se encontravam em Toulouse, etc, revelou, tanto a mim como aos outros que sabem um pouco mais de cinema, que o filme levaria um corte inevitável. Isso faria com que o Banco, que só tinha entregue 50 por cento da quantia inicialmente acordada, não desse os outros 50, e eu já estava nessa altura a haver com dinheiro meu. Aí pôs-se o problema de saber como é que se descalçava essa bota.

**Gerard Castello Lopes** — E aí é que depois de quase três horas nocturnas de longas discussoës para tentar descalçar esta bota que todos nós tínhamos calçado um pouco insconscientemente se chegou a um novo princípio que é o princípio gerador do filme. Finalmente vai ser mostrado um filme em 35 mm. com um cariz **desesperadamente publicitário**, esperemos que não demasiado, no mau sentido. No início das discussões do que viria a ser este novo filme, procurou-se até de que alguma maneira a linha do fio condutor deste documemtário fosse precisamente a transferência do dinheiro. Infelizmente as condições em que o filme está a ser agora representado e foi rodado, foram um bocadinho caóticas: havia uma equipa que vinha de Portugal, todos nós tínhamos em maior ou menor escala os nossos afazeres, o tempo para dedicar às discussões e as ideias eram bastantes curto, numa palavra, estávamos pressurizados por muitos constrangimentos. Finalmente, do meu ponto de vista, penso que um pouco dessa ideia do início se perdeu enquanto estivémos a filmar e que o filme se ressente disso. Nós quisemos, ao fim e ao cabo, tentar fazer em mais curto alguma das coisas que estavam pensadas para o tal grande filme «fleuve» que iria durar duas ou três horas.

**Fernando Lopes** — Já agora acrescente-se: do qual existem em 16 mm. mais de duas horas de filmagens com algumas coisas de muitíssimo interesse além de três ou quatro bobinas gravadas. Há duas ou três coisas nessas bobinas em 16 mm. extremamente fortes. Nunca mais me posso esquecer da filmagem que fizémos durante um dia com uma representação inventada pelos próprios emigrantes — A História de Catarina Eufémia — na já citada reunião dos emigrantes portugueses em Toulouse, no Pavilhão dos Desportos local. E uma das coisas de que me lembrarei toda a vida: repentinamente e de maneira bem tranquila, seis mil pessoas aliam o real à ficção com uma violência que o cinema raramente consegue obter. Tudo aí extremamente forte inclusivamente com as relações históricas, isto é, com a referência às zonas do país donde provinham, realizando uma tomada de consciência enquanto portugueses, enquanto trabalhadores no estrangeiro. Só é pena que nada disso esteja trabalhado a nível de montagem, uma pena que, ao ver a fita que agora passa, todos os que trabalhámos nela, sentimos!

Quanto a este filme que agora vemos no fundo suponho que é mais do que uma certa cumplicidade em rjelação ao

Continua na pag. 26


OS

Tecidos Almirante, Lda.

— AV. ALMIRANTE REIS, 23-A

CONTINUAM A VENDER

A PREÇOS POR MUITO MENOS

DE METADE DO SEU VALOR

VESTIDOS PARA SENHORA

SEDA, ALGODÃO E EM MALHA

AO PREÇO ÚNICO DE 90$00

CAMISAS PARA CRIANÇA

67 % POLYESTER (NÃO PASSA A FERRO)

APENAS POR 40$00

CALÇAS P.ª CRIANÇA
VELUNILE
APENAS POR 85$00

CALÇAS P.ª SR.ª e HOMEM
AO PREÇO ÚNICO
DE 125$00

VISITE-NOS E CONFRONTE

POIS O SEU DINHEIRO TEM O DOBRO DO VALOR

Gian Maria Volonté na pele de Enrico Mattei.

# "O CASO MATTEI"

A 27 de Outubro de 1962 desaparecia Enrico Mattei em circunstâncias tão misteriosas como trágicas. O seu avião despenhou-se em Bascapé, alguns instantes antes da aterragem prevista no aeroporto de Milão. Oficialmente falou-se de acidente, mas a hipótese duma causa menos fortuita nunca foi abandonada. Mattei tinha muitos e poderosos inimigos, sofrera muitas ameaças e escapara já a um atentado. Era uma das personalidades mais importantes italianas e mundialmente conhecido.

Nascido duma família pobre, Enrico Mattei era um «self-made-man». Chefe durante a resistência, fora designado em seguida para a direcção da A. G. I. P., empresa italiana do Estado para as prospecções petrolíferas. Daí nasceu a Ente Nazional Idrocarburi, que pouco a pouco entraria em competição com as grandes empresas mundiais do petróleo.

São os anos do acordar do «Terceiro-Mundo». Enquanto alguns países produtores de petróleo sofrem, por algum tempo ainda, as condições impostas pelas grandes companhias, Mattei negoceia com o Irão, o Egipto, a Arábia Saudita, a Tunísia, o Líbano, etc., oferecendo condições mais vantajosas, baralhando assim as regras do jogo. Esta política, que vai agitar um sistema velho, leva as sete grandes companhias mundiais, que dominam a extracção, a refinaria e a distribuição do petróleo dum canto ao outro da Terra, a olhá-lo duma forma hostil. Mattei apercebe-se desta hostilidade, mas arrisca e continua a sua política. Surgem então os avisos, as ameaças, a que se seguem os atentados.

Mattei tem por devisa: «provocar e romper, romper e ir para a frente». Possuia um poder imenso e não punha limites às suas ambições. A sua grande paixão era o petróleo.

«O Caso Mattei», de Francesco Rosi não pode ser contado duma forma tradicional. E um mosaico formado não cronologicamente, mas seguindo uma escala de emoções, o enigma e o mistério. E um filme em aberto, como aliás toda a história de Enrico Mattei.

*ROSI FALA DO FILME*

«Enrico Mattei é um personagem de primeiro plano e, na minha opinião, muito mal conhecido entre nós, como aliás, tantos outros heróis místicos da nossa época. Como mito, Mattei pertence, antes de tudo, à Itália, país onde nasceu, viveu e exerceu as suas actividades. Mas, pelo lado pouco vulgar da sua acção, Mattei é também uma figura planetária, tendo conduzido as suas actividades de uma forma provocante no mundo do petróleo. A divisão é clara e precisa: dum lado, os países produtores de petróleo; do outro, os países consumidores e, entre os dois, as companhias que procuram, exploram e vendem os produtos.

Um inglês que conheceu bem Enrico Mattei, e que muito o criticou, Paul H. Frankel, escreveu a seu respeito em Mattei Oil and Power Politics: «Qualquer que seja o balanço final dos méritos e dos defeitos de Enrico Mattei, ele reivindicou o papel que o homem pode ter numa época de máquinas e de equipamento. Sem ele, o mundo tornou-se cinzento.»

Porém, sem me deixar influenciar por declarações deste género, o importante para mim foi dar a conhecer Enrico Mattei aos seus contemporâneos, e ao mesmo tempo conseguir eu próprio conhecê-lo melhor.

E isto, aliás, que tenho tentado fazer em todos os meus filmes: é um método que permite entrar em contacto com a realidade que me rodeia e me permite igualmente contar aos outros o que vi e o que penso valer a pena conhecer, reflectir, e, no «Caso Mattei», debater.

Não me cabe a mim avaliar o que Mattei conseguiu realizar, nem tão pouco formular um julgamento sobre as consequencias da sua política na economia italiana. De resto, as pessoas que poderiam dar uma opinião sobre o caso — penso, por exemplo, nos historiadores, economistas, políticos — são prudentes e, ainda hoje, hesitam em dizer o que sabem, receando comprometer-se. **Pela minha parte, não quis fazer nem uma biografia nem tão pouco uma hagiografia.**

**O meu filme apresenta um personagem tentando pôr os problemas a claro num relatório dialéctico entre ele próprio e a realidade.**

**E, por consequência, um filme de estrutura aberta, é uma procura dos nós históricos e políticos, entremeados no mito Mattei. E um filme ambiguo, na medida em que apenas faz perguntas. As discussões que nascem do filme são a mais justa resposta à finalidade que me proponho.**

A meu ver, um autor de cinema tem, mais do que qualquer outro, a finalidade de suscitar testemunhas da sua época e, portanto, indicar e sugerir os termos de uma discussão.

Foi isto que pretendi ao realizar «O Caso Mattei». Falou-se e escreveu-se muito sobre Mattei durante a sua vida e após a sua morte. Contudo, a sua história ainda mal começou...»

# GREVES DOS FERROVIÁRIOS FRANCESES

PARIS, 7 (R) — O tráfego ferroviário voltou hoje à normalidade em França, a seguir a uma semana de greves.

Um informador dos caminhos-de-ferro pertencentes ao Estado disse que se estavam a cumprir os horários nas linhas principais e suburbanas de Paris.

Contudo, espera-se que recomecem na quarta-feira as greves, parte de uma diligência dos sindicatos para conseguirem que o patronato recomece conversações sobre salários.

# "VIVA A JUVENTUDE!"

## (OU COMO O REPÓRTER DEVE PROCEDER PARA CONTINUAR INTEIRO)

Em 9 do passado mês de Setembro, o «DL» publicou uma reportagem que efectuei sobre um programa de televisão intitulado «Domingo à Noite». Nela referi, em termos que me pareceram adequados, a actuação de Madalena Iglésias e Gabriel Cardoso, que, como é óbvio, foi muito apreciada por uma bem determinada camada de público. Muitas cartas anónimas me chegaram, todas elas de pessoas ou grupos, que confessaram não serem leitores do nosso jornal. Até aqui tudo normal. Que solução nos resta que não seja a de considerarmos «normal», a escrita de frases hilariantes como as que seguem a título de exemplo. Uma:

*«Nós somos mulheres, jovens claro. Somos boas a valer não tenhas dúvidas e sobretudo muito descontraídas*

*Não, não somos como tu, complexado, cheio de preconceitos e ainda amarrado a velhas teorias, não Somos sim muito inteligentes, vivemos o presente à nossa maneira e deixamos os outros viver também.*

*Como é que o Gabriel Cardoso é um zero se há para aí uma data de parvos pseudo-intelectuais a quem vocês defendem e nem chegam aos calcanhares do Gabriel»?*

Outra:

*«Para seu interesse, Madalena e Gabriel são os artistas que mais público levam, enchem as salas e vendem discos...»*

Mais outra:

*«Quizeste dar uma de altivo? e de intendido? afinal de contas, deste uma de ignorante mesquinho porque isto cá para nós, Madalena Iglésias e Gabriel Cardoso até têm carradas de valor. Diz-nos cá uma coisa: quem é que aqui em Portugal tem o à vontade e a comunicação da Madalena e do Gabriel, diz lá diz?... Moramos em Lisboa e arredores. A nossa casa? é uma vivenda Ah, é verdade, quanto mais disseres mal deles mais a gente fica a adorá-los...»*

Ainda outra:

*«Queria reparar nas vedetas e cantores dos outros países, queria, e diga-me o que têm a mais que os nossos artistas e muito queridos Gabriel Cardoso e Madalena Iglésias. Ponha na rua esse porco, senhor director, porque lembre-se que Deus não dorme e tudo que se cá faz, cá se paga».*

Evidentemente que estas graciosas personalidades mandarem cartinhas ou estarem quedas vem a dar no mesmo. Mas se eu raramente vejo televisão e, ainda com mais raridade, assisto àquelas «engraçadíssimas» peças do sr. Morgado, devo perder assim, sem mais nem menos, a possibilidade de me rir um bocado?

No entanto, os fanáticos adeptos do nacional-cançonetismo foram mais longe: pacientemente, meia dúzia de esbeltos e valentes mocetões têm aguardado, nas noites de quarta-feira, a chegada do «repórter-DL» ao «Teatro Maria Matos», tendo solicitado, do responsável por aquela sala, a minha identificação para o acto de «justiça» que amplamente se impõe. Segundo soube, o referido encarregado, certamente com o fito de zelar pela integridade do mobiliário, terá informado os «inconformados rapazes» que não queria fitas lá dentro pelo que a senhora da bilheteira os avisaria da minha aparição. «**Fique descansado que a gente leva-o lá para fora...**»

Por curiosa coincidência, resolveu a Redacção suspender temporariamente as reportagens sobre o programa-espectáculo televisivo pelo que só agora, através de um outro camarada, tomei conhecimento da terrível sorte que me espera. E porque considero indispensável a expiação de meus pecados de anti-pirismo, resolvi estar presente no «Teatro Maria Matos» na noite de quarta-feira próxima, mesmo que o não venha a fazer em serviço, e submeter-me humildemente à decisão marcial dos meus algozes.

Entretanto, para que os bons aficionados da medíocre cançoneta lusa, possam apurar os seus instintos belicosos, aqui se transcreve, com a vénia devida, um artigo que o nosso camarada Nuno Gomes dos Santos escreveu para a revista «Eva».

Numa das últimas edições do programa «Domingo à Noite» apareceram dois «grandes nomes» do «mais-que-ligeiro cançonetismo português»: Gabriel Cardoso e Madalena Iglésias. Estas duas... «aparições» (!) merecem algumas linhas, por diferentes razões.

Quanto a Gabriel Cardoso, desde logo nos surge a inevitável pergunta: quantas vezes este «famoso artista» foi ao «Domingo à Noite»? Talvez uma dúzia, não? O facto deve-se, sem sombra de dúvida, à inegável qualidade musical e poética deste «grande nome» da mundialmente célebre música ligeira portuguesa, deste «astro» que tão bem tem louvado a Lua e a Ericeira. Não estaremos longe da verdade se dissermos que a excelente, a inultrapassável voz do cançonetista deve ter contribuido em muito para tanta chamada ao «vídeo da verdade». O nosso camarada de redacção, Mário Castrim, aliás, não se tem esquecido de elogiar francamente esta «estrela» de cada vez que ela cintila no pequeno écran. Está de parabéns o público televisivo, a RTP e a música em geral.

No que diz respeito ao «ansiado» regresso de Madalena, é por demais evidente que Portugal não podia passar sem ela. Andávamos para aqui todos tristonhos, sem sabermos o que nos tinha acontecido, dizendo para com os nossos botões que, se já tínhamos o Calvário, o Garcia, o «Gaby», etc., se até já tínhamos, outra vez, a Simone, se tínhamos tudo o que é preciso para podermos ser considerados um povo feliz, sem problemas, virado para o futuro, porque raio essa felicidade, essa merecida ventura, não vinha ao de cimo? Sabemo-lo agora: faltava-nos a Iglésias, Madalena de seu nome. E ela veio! *E ELA VEIO* Voltámos, finalmente, a ter na berra todos os primeiros planos de há dez (ou vinte?) anos atrás.

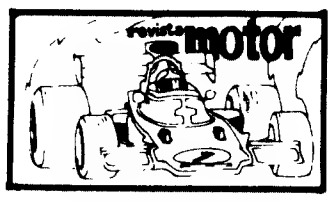
Como estamos velhos!

*NUNO GOMES DOS SANTOS*

# Dramaturgia brasileira editada em Portugal

Chega amanhã a Lisboa, o dr. Felinto Rodrigues Neto, director do Serviço Nacional de Teatro do Brasil. Desloca-se ao nosso país a fim de proceder ao lançamento dos 35 volumes que constituem hoje a Colecção de Dramaturgia Brasileira, editada pelo Ministério da Educação e Cultura do deu país.

A cerimónia, que tem o patrocínio da Embaixada do Brasil e da Direcção-Geral da Cultura Popular e Espectáculos, realiza-se no próximo dia 10, às 18.30 horas, no «foyer» do cinema do Palácio Foz e nela se procederá à distribuição de 200 colecções da referida edição às instituições teatrais portuguesas, nomeadamente às empresas de teatro profissional e aos grupos de teatro amador.




## A C. P. INFORMA:

### LEILÃO

Em 15 de Outubro e dias seguintes, às 10 horas, na estação de Alcântara-Terra, proceder-se-á à venda em hasta pública de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se os Srs. Consignatários das remessas e donos dos volumes de que podem ainda retirá-los até ao dia 12 do corrente mês, nos dias úteis, excepto aos sábados, das 10 às 17 horas.

Para o efeito, devem ser pagos à Companhia os débitos que corresponderem para o que os interessados poderão dirigir-se ao Serviço de Fiscalização das Receitas — Largo dos Caminhos de Ferro — Lisboa.

Nas estações, estão afixados Avisos em que se enumeram as remessas e volumes referidos:

ORQUESTRA SINFÓNICA DE VIENA

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

MAESTRO
EUGEN JOCHUM

PIANO
RUDOLF BUCHBINDER

VIOLINO
JOSEPH SIVO

DIA 8 DE OUTUBRO ÀS 21,45 HORAS
CONCERTO PARA PIANO KV 595
MOZART
VII SINFONIA
BRUCKNER

☆

DIA 9 DE OUTUBRO ÀS 21,45 HORAS
PASTORAL
BEETHOVEN
CONCERTO PARA VIOLINO KV 207
MOZART
ABERTURA MESTRES CANTORES
WAGNER

NO
PAVILHÃO DOS DESPORTOS

BILHETES À VENDA
no TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ
PAVILHÃO DOS DESPORTOS
E AGÊNCIA ABEP — RESTAURADORES

GRUPO B — M/ 10 ANOS

## COM O BENFICA NA GRECIA

# O CAMPEÃO REENCONTROU-SE EM TERRA DE POLÍCIAS E MULHERES BONITAS

**Simões e Delicaris: o duelo do meio campo sistematicamente ganho pelo português.**

Na dúzia de anos que levámos como espectador assíduo do futebol, nada nos impressionou tanto num estádio, em dia de jogo, como a reacção da multidão de 45.000 pessoas ao golo de Nené no estádio do Pireu.

O golo é a alegria dos estádios, em toda a parte do mundo. Dos morteiros, foguetes, papelinhos coloridos, serpentinas e bandeiras que saúdam no Maracanã imenso os remates certeiros à rede, até ao grito aterrador da multidão de Wembley clamando «GOAL!» em uníssono quando a bola transpõe a linha de baliza, o golo é sempre a explosão da tensão concentrada em cada espectador.

Mas, na Grécia, num estádio fornalha que rebenta e explode a cada passo em gritaria infernal, vimos um golo ser recebido no mais completo silêncio. Nas cabinas da Imprensa, lá no alto do quarto andar, o silêncio gelou-nos a todos. **«Foi mesmo golo?»**, interrogava-se a meia dúzia de jornalistas presentes. Era. Nené pulava como um louco em direcção aos braços dos companheiros e o árbitro corria para o centro do rectângulo. A multidão, essa, remetia-se a um silêncio trágico.

Nem «ahs» de desalento, nem assobios para quem quer que fosse, nem palmas para o marcador. Nem uma das 100 vozes portuguesas se elevou das bancadas, quebrando o silêncio.

c Silêncio sepulcral e terrível num campo de futebol, no momento do golo.

c Esta foi a recordação mais viva que trouxemos de Atenas, onde o Benfica foi jogar e ganhar (1-0) ao Olympiakos para a «Taça dos Campeões Europeus de Futebol». Depois dela, impressionou-nos o modo como esta vitória foi conseguida: à custa do reencontro do Benfica consigo próprio, com o seu futebol, ou seja, com o futebol à portuguesa.

Quando o jogo principiou e Simões apanhou a bola, pisando-a, guardando-a, segurando-a enquanto olhava o estádio e avaliava a força dos adversários, cedo se adivinhou o que ia acontecer.

Assim o Benfica ganhou. Com mérito indiscutível. Com brilhantismo. Conforme acentuou o enviado do «DL» ao ser entrevistado para a televisão grega.

### SIMÕES 50 CONTOS DE ORDENADO E DOIS MIL DE «LUVAS»

O «fait-divers» mais falado na digressão foi a iminente transferência de Simões para o Olympiakos. Houve contactos oficiais com o jogador e com o presidente da Direcção, soube-se que tanto o Benfica como Simões querem o negócio e os gregos também. Faltou (apenas) concretizar questões de dinheiro e a palavra final.

Ficou no ar a dúvida se não se trataria de mera jogada psicológica: mas, como houve contactos oficiais, não se crê muito na hipótese. O presidente do Olympiakos deverá fechar o negócio nas bases financeiras que revelamos e de que tivemos conhecimento em Atenas. Na altura, foi-nos pedido para não revelar o montante da transferência e assim fizemos. Mas o segredo foi furado por outros e há que dar a história toda.

O Olympiakos está disposto a pagar ao Benfica até oito mil contos (preço máximo) e a remunerar Simões em 40 ou 50 contos mensais mais de dois mil contos de «luvas» por umm contrato de dois anos. Ainda: todos os impostos correm por conta do clube grego e o dinheiro será colocado num banco suíço, sendo os pagamentos feitos em moeda forte internacional. Além disso, Simões receberá passagens aéreas entre Atenas e Lisboa para si e todos os membros da família e casa paga no Pireu.

### UM ABRAÇO PARA YAZALDE

C

Durante e depois do jogo tivemos oportunidade de conversar com um dos futebolistas estrangeiros (são oito neste momento) que alinham no Olympiakos. Chama-se Nicolau, foi companheiro de Yazalde na selecção argentina num jogo com a França, e eram grandes amigos, embora um alinhasse no Independiente e outro no Boca Juniores. Pois o amigo Nicolau, que é um conversador fluente e um rapaz simples, contou-nos que ganha 1.200 dólares por mês, recebendo ainda o bónus suplementar de 150 contos anuais, como os restantes jogadores do clube. Teve umas certas dificuldades de adaptação ao futebol muito rápido e atabalhoado dos gregos, passou da defesa («libero») que era o seu lugar na Argentina para médio e daí para avançado até que na Áustria um guarda-redes lhe partiu a perna e o afastou da equipa. Hoje luta com a desconfiança dos adeptos e do treinador, quanto à sua completa recuperação física.

c Aproveitou para mandar um abraço a Yazalde (será transmitido) e para dizer que gostou muito do futebol do Benfica. Impressionou-o a velocidade de Nené e a enorme categoria de Simões, possivelmente seu companheiro de equipa muito em breve.

### EUSÉBIO E OS CARTÕES AMARELOS

Toni, Jordão e Adolfo foram repreendidos com o cartão amarelo, os dois primeiros por pontapearem a bola para a baliza depois do árbitro marcar «off-side» e o último por dar uma cotovelada num fulano que lhe puxou o cabelo. Confessámos a nossa surpresa por Jordão e Toni serem advertidos mas Eusébio disse logo que achava bem. Mais ainda: acrescentou que os árbitros internacionais não estão a permitir a mínima desobediência e reprimem o jogo duro como sempre deviam ter feito.

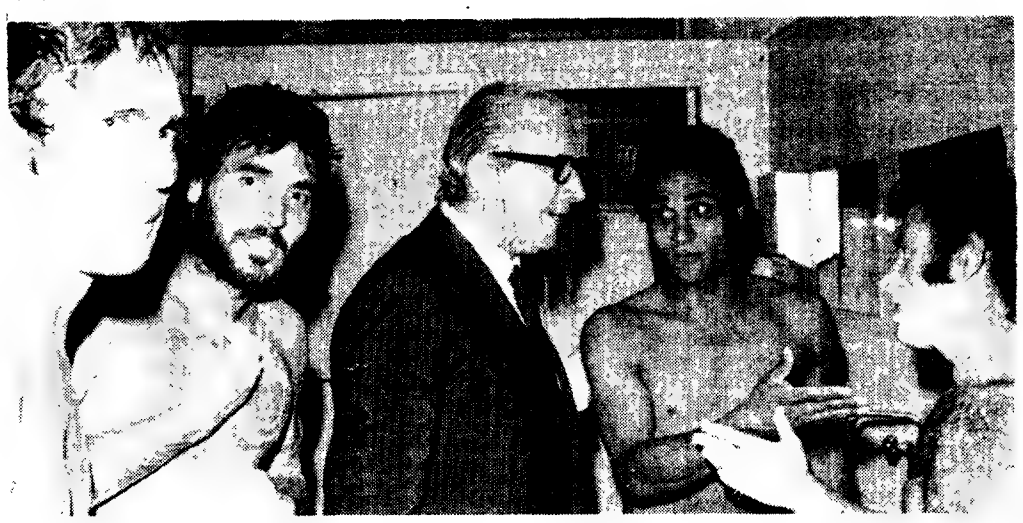
— **No dia da minha festa, bdisse Eusébio, o treinador Muñoz já me havia informado que hoje os bons jogadores podem novamente jogar. Um defesa a quem é mostrado o cartão, na segunda vez já entra** bcom mais meiguice.

### «INGLÊS OU ALGARVIO É QUASE O MESMO»

A terminar, mais uma flor para o «funeral» de Hagan: o resultado de Atenas deve ter convencido toda a gente da incapacidade absoluta dos portugueses para jogadores à inglesa. Restou a certeza de que Hagan trouxe novos métodos de trabalho (duro) e disciplina de que o futebolista português carecia. Mas cá também há quem saiba dar preparação exigente. A tal ponto que, depois do tréino no estádio do Pireu, quando os jogadores entraram na cabina completamente exaustos, alguém comentou: **«Bolas, que isto tanto faz ser inglês ou algarvio. É sempre a mesma coisa».** O algarvio é Cabrita, que nasceu em Lagos.

Este foi o rescaldo de uma viagem com o Benfica, à terra das mulheres bonitas (mais, muito mais que em Londres ou Amesterdão e com o «quantum satis» de picante mediterrânico) e dos polícias. Para se fazer uma ideia da quantidade de polícias na cidade basta dizer-se que para dispersar as manifestações não viajam nas carrinhas aqui tradicionais mas em enormes autocarros de turismo. Isto não contando os que se encontram a cada esquina, nas praças e nas ruas do país dos coronéis.

**DANIEL REIS**



**Após o jogo tudo são sorrisos: de Malta da Silva a Toni, de Borges Coutinho a Eusébio e Simões.**

## AUTOMOBIILISMO
# MORREU FRANÇOIS CÉVERT

No decorrer da segunda sessão de treinos para o Grande Prémio dos Estados Unidos, que se iniciou hoje em Watlainsglen ao início da tarde, morreu num acidente o piloto francês François Cévert, companheiro de Jackie Stewart no seio da equipa Elf/Tyrrell. François Cévert tentava melhorar a sua posição na grelha de partida, que é ordenada segundo os tempos dos treinos, quando o seu Tyrrell 006 se despistou, embateu num «rail» de protecção e saltou-o, imobilizando-se completamente destruído após ter dado várias voltas no ar. O piloto deve ter morrido instantaneamente.

**O malogrado François Cevert, de 29 anos, terminou da pior forma a que estava a ser a melhor época da sua carreira de piloto.**

François Cévert era, talvez, o melhor piloto fracês do momento e encontrava-se em terceiro no Mundial de Condutores deste ano, que o estava a consagrar definitivamente como dos melhores pilotos mundiais. Em 1971, ganhou o seu primeiro e único Grande Prémio, precisamente em Watkins Glen, mas ao longo da sua curta carreira foi segundo por dez vezes. Para além da Fórmula 1, este ano notabilizou-se também ao volante dos Matra-Simca franceses que conquistaram o Campeonato Mundial de Marcas.

viagens MERCURY turismo

VOCÊ E O SEU CLUB
ESTÃO SEMPRE A GANHAR
VIAJANDO COM
VIAGENS MERCURY TURISMO

# PAAVO NURMI: MORREU O "VOADOR"

**A semana foi tristemente assinalada com a morte (aos 73 anos de idade) de um dos mais famosos nomes do atletismo mundial: Paavo Nurmi, o «finlandês voador».**

**Paavo Nurmi foi o pioneiro da corrida sistemática contra o tempo, chegando ao ponto de levar um relógio nas provas de fundo para verificar as marcas que fazia em cada volta.**

**No auge da sua carreira (durante os Jogos Olímpicos de Paris em 1924), arrebatou seis medalhas de ouro: quatro individualmente e duas por equipas, nas provas em que levou os finlandeses à vitória.**

**Morreu Paavo Nurmi e com ele liquidou-se uma era de integral atletismo amador, atletismo por amor do atletismo, atletismo sem «superatletas», mas possivelmente o maior corredor quem todo interesse residia em competir.**

**Paavo Nurmi, cuja morte ocorreu esta semana, foi possivelmente o maior corredor de distâncias prolongadas de todos os tempos, muito embora os novos padrões de treino científico e a luta de «blocos» de atletismo tenham tirado segundos às dezenas de «recordes» que Nurmi estabeleceu durante a década dos anos 20.**

**A última fotografia do «Finlandês-voador».**

Em certa fase da sua carreira ímpar, Paavo era detentor de todos os «recordes» de fundo a partir dos 1.500 metros até à maratona. Certo jornalista que o viu correr, alcunhou-o com muita felicidade de o «Finlândes Voador», espécie de «rótulo» que ficou para toda a vida, que o acompanhou nas três olimpíadas em que participou e nas quais ganhou nove medalhas de ouro.

Paavo Johannes Nurmi, filho de um humilde carpinteiro, nasceu em Turku, (Finlândia) a 13 de Junho de 1897. O jovem Nurmi começou a tomar gosto pelas corridas na escola primária e, aos 17 anos, iniciou treinos sistemáticos, decidido a ser um campeão.

Começou a tornar-se «lendário» aos 23 anos, conhecido mundialmente quando, nos jogos olímpicos de Antuérpia (em 1920) arrebatou as multidões com as suas fantásticas corridas nos 10.00 metros e no corta-mato, ganhando duas medalhas de ouro. Nos 5000 metros, todavia não conseguiu mais do que um segundo lugar, confessando mais tarde que *ainda não tinha bem a distância nas pernas.*

Todavia, em Paris, quatro anos depois, Nurmi (numa forma excepcional) «limpou», como se costuma dizer, os 1.500, os 3.000, os 5.000 metros e o corta-mato.

Pormenor curioso e do qual possivelmente nenhum outro atleta olímpico se poderá jamais gabar: entre os 1.500 e os 5.000 metros de Nurmi em Paris mediaram apenas 90 minutos, mas o grande fundista não acusou o esforço e entregou-se todo à luta contra os seus mais directos adversários dos 5.000 metros, nenhum deles inscrito na corrida dos 1.500 metros...

Nos Jogos Olímpicos de Amesterdão (em 1928), Nurmi provou ser um atleta humano e falível, muito embora se tivesse preparado com os maiores cuidados. Se é verdade que se impôs nos 10 000 metros (que correu de maneira categórica obtendo o primeiro lugar), nos 5.000 e nos 1.500 teve que se contentar com duas medalhas de prata.

Quatro anos depois, quando tinha já 35 anos, tudo apontava que seria ele o grande vencedor da maratona nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1932. Alguns meses antes da reunião olímpica na América, Nurmi correra a maratona em duas horas e meia. Mas Nurmi foi desclassificado, sob uma acusação de profissionalismo, que na altura levantou grande celeuma: e a maratona foi corrida com o vencedor a fazer um tempo muito superior.

Um ano antes dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, o fabuloso Paavo estabelecera o último dos seus «recordes» mundiais para as duas milhas, a distância que lhe faltava na colecção.

Uma das marcas da sua grandeza ímpar, como atleta, foi o tempo que os seus máximos duraram, numa altura em que o atletismo começava a melhorar progressivamente em métodos de treino. O seu «recorde» das 10 milhas só foi batido 17 anos depois dele o ter estabelecido.

Paavo Nurmi, um homem tímido e despretensioso, sem nenhuma da «proa» que hoje exibem (até certos segundos planos) possuía uma loja de vestuário para homens no centro comercial de Helsínquia, onde se transformou no desespero dos jornalistas desportivos que o visitavam por se recusar a falar do seu passado glorioso em prol do desporto.

O que dizia com muita frequência, era que a vida se tinha tornado demasiado suave na Finlância e que era essa uma das razões para se ter perdido a linhagem dos grandes fundistas do país.

Na verdade, Paavo não encontrou nenhuma suavidade no princípio da sua vida. Morreu-lhe o pai quando tinha 10 anos e aos 15 estava já a trabalhar como aprendiz numa fundição, para manter a mãe, o irmão e duas irmãs mais novos.

Quando, aos 17 anos, se decidiu seriamente a correr, tornou-se praticamente o pioneiro na marcação de tempos progressivos, levando consigo um cronómetro rudimentar para marcar os tempos em cada volta à pista... As pistas que então não eram rápidas, não eram de cinza, não eram de «tartan»: eram de terra batida...

Um dos trunfos das sessões de treino de Nurmi era a inflexibilidade com que ele marcava um ritmo, impunha uma passada e prosseguia dentro daquilo que melhor se lhe ajustava, num distribuir consciente de esforço, quilómetro após quilómetro. E quando sentia que era tempo de «arrancar», aí ia ele, veloz como o vento...

Todos aqueles que tiveram a dita de o ver correr são unanimes em dizer que Paavo Nurmi foi ele quem, na abertura das olimpíadas de 1952 (na capital pre, «quiçá» o mais elegante de todos. Parecia voar: daí a alcunha que o acompanhou durante toda a sua carreira.

Nurmi, quando em competição, mesmo quando começava a alinhar, concentrava-se de tal maneira que ignorava por completo os adversários. Mantinha um rosto duro, não falava e nunca sorria. Dizem que essa concentração ajudava a quebrar o espírito dos seus adversários.

Os finlandeses não esqueceram Nurmi: mesmo ainda em vida erigiram-lhe uma estátua na praça da maratona do Estádio Olímpico de Helsínquia e foi ele quem, na avertura das olimpíadas de 1952 (na capital finlandesa), transportou a tocha olímpica com que acendeu a chama tradicional, numa cerimónia impressionante.

Infelizmente, existe uma história triste ligada à estátua de Nurmi. A cidade de Helsínquia emprestou-a a Montreal, há seis anos, para ser exibida na Feira Mundial daquela cidade canadiana. Vândalos derrubaram a estátua de bronze do seu pedestal e o pescoço e o braço esquerdo partiram-se.

Mas, Paavo Nurmi é algo mais do que uma estátua para recordar: é um homem que terá para sempre o nome escrito a letras de ouro na história do atletismo mundial, como um dos seus melhores expoentes de sempre nas corridas de fundo, a que emprestou a emoção e a combatividade que até aí lhe faltavam.

## BASQUETEBOL

# Chinesas em Portugal

Portugal (Porto, Coimbra e Lisboa) esteve na rota da «viagem de amizade» da equipa chinesa universitária de basquetebol do «Ya Tung Girls Clube» pela Europa. Viagem sem outros objectivos que não fossem proporcionar o contacto com equipas de outros países.

e Por dificuldades de penetração no «misterioso» idioma de Confúcio e Buda, não foi possível saber pormenores concretos, especificamente ligados aos resultados das moças do «Tang Girls» nesta viagem europeia. Soube-se, vagamente, que disputaram cerca de centena e meia de jogos com cem vitórias.

A equipa asiática chegara a Lisboa (vinda de Zurique) na última quinta-feira. Esteve duas horas na capital e daqui viajou para o Porto onde chegou ao fim da tarde, jantou no restaurante chinês (há várias famílias de chineses radicadas há muitos anos no Porto) recolheu tarde, e manhã cedo do dia seguinte, (cerca das 9 horas) iniciou a tomada de conhecimento» do recinto onde à noite ia jogar. Treinou, efectuou um pequeno passeio pela cidade e após o almoço a caravana visitou as caves do Vinho do Porto. As moças e acompanhantes provaram o precioso néctar (com a ponta da língua e os lábios, não com o estômago como se tem visto a muitos «oportunistas»). Algumas caretas ao contacto com o famoso líquido das poucas coisas portuguesas mundialmente conhecidas. As maçãs da cara, cor de pele inexpressiva, transformaram-se e ficaram rosadas e logo um uníssono gesto de aprovação ao mais valioso dos frutos que terra portuguesa dá.

A simpática Yao-Ting Nieh (1,78 estudante universitária) que por qualquer razão inexplicável elegemos entre as mais graciosas, completava 21 primaveras. Os dirigentes fecharam-se mais os pequeninos olhos e a moça, voluntariamente «liberta de oposição» não enjeitou a oportunidade e «encestou» um pouquinho mais do que as outras. Mas nada de exageros: festejou em silêncio.

**As simpáticas jogadoras de basquetebol da China foram recebidas em Portugal pela pequena colónia de compatriotas radicados no nosso país.**

### UMA CONDIÇÃO FÍSICA EXCEPCIONAL

Pavilhão do Luma cheio, acolheu com o carinho de circunstância estimulado pelo ineditismo da visita (que nos recorde nunca uma equipa asiática actuou no Porto) a simpática turma visitante. No aquecimento de antes-do-jogo, as dez atletas utilizadas formavam em fila indiana batiam com a bola na tabela e de cinco em cinco transformavam numa aliação da tentativa ao movimento físico.

A equipa é de mediana estatura («bem portuguesa» neste aspecto), tanto mais que não jogou Ju-Lan Chow a mais alta (1,91). Mas essa insuficiência, de natureza rácica, (como também é característica nossa) é compensada por uma condição física excepcional (o que não acontece em Portugal). Uma humildade de processos e entrega à luta admiráveis. Não há um gesto suplementar a exteriorizar a jogada que saiu muito bem ou de enfado quando saía mal. A equipa não mendiga aplausos ao público. O público é que não lhos regateia porque os merece. Uma defesa individual cingida durante todo o jogo, pulsos bem adestrados à prática da modalidade, velocidade no contra-ataque admirável e uma percentagem de lançamentos verdadeiramente invulgar. Processos simples, rectilíneos em que o objectivo é o «cesto» contrário sem outros «ornamentos» pelo meio a tornar difícil o que é simplicíssimo. As simpáticas chinesas interpretam o basquetebol na sua finalidade básica: introduzir a bola no «cesto» contrário e tentar evitar que o adversário marque.

Foi assim que, atingido o intervalo, o público não se deu conta que tinham passado 20 minutos de jogo cronometrado em 32 minutos gastos. E 45-15 significava a superioridade das chinesas perante o Académico.

### DESCANSO... A TREINAR

Para os dez minutos habituais do intervalo a equipa do Académico, responsáveis, mais os árbitros e até os elementos da mesa regressaram aos balneários. Pois aquele período foi aproveitado pelas chinesas para treinar. Treinar sempre.

Veio a segunda parte e a mesma manifestação de superioridade das chinesas, agora com as «academistas» mais alquebradas fisicamente, mas de qualquer modo a lutarem com muito brio. A diferente condição física propiciou às asiáticas realizarem inúmeros «cestos» sem oposição. Bola conquistada, um dois «passes» e «cesto». No ataque-armado, as visitantes trocavam a bola com rapidez num estilo de «ping-pong» em que as moças do Académico se desuniam fatalmente. E, na conquista das tentativas sem oposição, as chinesas não perdoavam, estivessem sob o «cesto», nas imediações do «garrafão» ou na «meia-distância». Exibiram soluções de ataque para todos os processos de defesa.

A equipa do «Ya Tung Girls Basketball Club» impressionou na verdade fortemente até porque joga no «rés-do-chão» exactamente como as portuguesas, entre as quais a «gigante» Heidmarie (alemã naturalizada pelo casamento) é um caso de excepção.

Nas asiáticas não há positivamente uma jogadora mais evoluida do que as outras. A força do conjunto assenta basicamente, na sua notável preparação física: isto, depois de uma centena e meia de jogos disputados, a saltar de cidade em cidade e de país em país.

E, se dúvidas houvesse para equacionar o valor das asiáticas com o nosso, a singeleza dos números «falaria»: 97-41. Perante uma das melhores equipas portuguesas, como é o Académico, último vencedor da Taça de Portugal.

**ANTÓNIO ABEL**


**AUTOMÓVEIS**

VENDE

| | |
|---|---|
| Datsun 1200, 4 p. | 1972 |
| Datsun 1200, 2 p. | 1972 |
| Citroën D Especial | 1972 |
| Renault 4-L ..... | 1972 |
| Datsun 1600 SSS... | 1971 |
| Austin 1000 ..... | 1971 |
| Austin 1300, 4 portas | 1971 |
| Fiat 128 ..... | 1971 |
| Citroën ID 19 ..... | 1970 |
| Fiat 500 Giannini 590 GTS ..... | 1970 |
| Austin 1000 ..... | 1969 |
| Opel 1700 ..... | 1968 |
| Simca 1000 GLS ... | 1967 |
| MG 1100 ..... | 1966 |
| Fiat 850 ..... | 1966 |

Compra, Vende e Troca

RUA DAS AMOREIRAS, 78-B (junto ao Edifício Angola) Telef.: 68 92 25

**COSTUREIRAS E APRENDIZAS PRECISAM-SE**

Para fábrica de batas, costura simples, trabalho agradável, bom ambiente, salários actualizados, regalias sociais, médico da casa, estabilidade e futuro, semana de 5 dias.
Prazolar, Ld.ª, R. da Ponte Nova, 22-Agualva — Cacém.

**MERCEDES-ROVER**
**BMW • MARCAS DA GM**
EM LOCAIS CENTRAIS DE FÁCIL ACESSO
OFICINAS DE REPARAÇÃO
EQUIPAS ESPECALIZADAS
FERRAMENTAL INDICADO
PEÇAS DE ORIGEM
TABELA DE PREÇOS DE MÃO-DE-OBRA AFIXADA A PÚBLICO
COTAL A — Rua de Artilharia Um, 105 - A e B
COTAL B — Rua dos Lusíadas, 113 - A e B
**SERVIÇO INDEPENDENTE**

HORUS
RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTROLOGO

**CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer**

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!...

E AINDA muitas outras informações de grande interesse àcerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis de segnda asexta-feira das 14.30 às 20 horas.

Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

EXTERNATOS
CRISFAL
Av Republica, 83 52 Tel 779047 769620

EMBELEZE SUA CASA
Revestindo as paredes c/ papel ou Vinyl
Temos no n/ Salão em exposição 950 padrões
Clássicos e Modernos
PESSOAL ESPECIALIZADO
PARA ASSENTAMENTO
OXIDEX
—IMPORTADORES—
Av. João Crisóstomo, 10-B (junto Casa da Moeda)
Horário: Das 10 às 13 e das 15 às 20 horas
Encerrado aos Sábados

INDÚSTRIAS CAMBOURNAC
Das nossas fábricas directamente ao público
A bem da sua economia consulte-nos
FIOS PARA TRICOT
Em defesa da sua comodidade utilize a nossa Frota Automóvel que, gratuitamente, transportará as encomendas a sua casa.
Descontos especiais às tricotadeiras
FILIAIS E DEPÓSITOS
Largo da Anunciada, 11 - T. 326415
Av. Almirante Reis, 28-B - T. 833811
R. Ferreira Borges, 147-B-T. 689076 — LISBOA

ABP MANUTENTION — TRANSPORTADORES
Agente em Portugal
A ELÉCTRICA, LDA. — V. N. FAMALICÃO

O NOVO EXTERNATO
(A BENFICA)
Rua Sousa Loureiro, 12 — Tel. 740300
— Junto ao n.º 409 da Estrada de Benfica
INFANTIL — PRIMÁRIO
CICLOS: PREPARATÓRIO E LICEAL
RESTAM AINDA ALGUMAS VAGAS

# horóscopo pelo astrologo HORUS

## PARA O PERÍODO DE 7 a 13 de OUTUBRO

### ÁRIES

**(21 de Março a 20 de Abril)**

AMOR: O presente período é desfavorável aos seus interesses de amor. As desavenças que porventura surjam serão motivadas por calúnias. Carecerá portanto de todo o bom senso e de uma análise cuidada das suas reacções para atravessar sem perigo esta curta fase.

DINHEIRO: Período de grande actividade, e que não evitará que as despesas sejam superiores aos proventos. No entanto, algo do que agora despender alguma utilidade trará no futuro.

PROFISSÃO: O seu estado de ânimo será lento, todavia, agreste. Seria aconselhável deixar a outros os assuntos mais importantes, porque a sua actuação, neste período, não é feliz.

SAÚDE: Fortaleça o organismo, pois qualquer excesso neste momento, dadas as influências astrais que se observam, pode abalar-vos.

### TAURUS

**(21 de Abril e 21 de Maio)**

AMOR: Semana propícia aos problemas de ordem terna e afectiva, favorece os enlaces, as amizades, os passeios de diversões, assim como concede alegrias no ambiente familiar. Este aspecto astral promete protecções de pessoas bem intencionadas.

DINHEIRO: Pelo seu trabalho poderá auferir resultados financeiros muito bons. A sua intuição chamará a atenção de outros, e estes procurarão interessar-se por si, permitindo-lhe ganhar dinheiro com facilidade.

PROFISSÃO: Os problemas antigos têm agora oportunidade de poderem ser bem resolvidos. Bom para começar construções, assuntos ligados com materiais, e os que se dediquem a edições e publicações estão, também favorecidos.

SAÚDE: É benéfica, desde que leve uma vida metódica passará um período sem nada de anormal a assinalar.

### GEMINI

**(22 de Maio a 21 de Junho)**

AMOR: Tente compreender melhor os esforços do ser amado. Espera-se dos seus sentimentos um gesto firme e resoluto. Não seja desagradável no caso de as coisas não irem ao encontro dos seus desejos.

DINHEIRO: Neste capítulo é conveniente redobrar de esforço, pois o resto estará ao seu alcance. Porém, é necessário reduzir os gastos dentro do possível.

PROFISSÃO: No exercício da sua actividade profissional deparar-se-lhe-ão alguns obstáculo. A preocupação por não conseguir avançar quanto deseja nas suas empresas causar-lhe-á aborrecimentos, contudo, pode não conseguir um grande progresso, mas não observamos qualquer indicação de que esta influência tenha efeitos perniciosos.

SAÚDE: Durante a semana conte com algum nervosismo. Procure ver as coisas sobre outro prisma e acalme-se.

### CANCER

**(22 de Junho a 22 de Julho)**

AMOR: Os assuntos sentimentais, familiares e relações sociais tendem a chegar a melhor entendimento, contudo, tenha cuidado com as falsas amizades que procurarão destruir-lhe a felicidade.

DINHEIRO: Período agitado quanto a dinheiro. Os lucros que auferir serão conseguidos só depois de grandes esforços.

PROFISSÃO: Para que tudo corra normal procure não tomar conta de novas empresas ou criar responsabilidades. Semana em que todos os obstáculos e contrariedades são possíveis.

SAÚDE: Abstenha-se principalmente durante este período de comidas e bebidas que de antemão saiba lhe são prejudiciais.

### LEO

**(23 de Julho a 22 de Agosto)**

AMOR: Terá tendência a actuar de forma impulsiva, indisciplinada e libertinamente durante a semana em curso. Controle a sua cólera e procure dominar a impulsividade, contrariando por vezes a sua vontade.

DINHEIRO: Está em vias de alcançar algum dinheiro. Assegure-se previamente e não faça despesas em primeiro impulso e, sem primeiro obtê-lo. Vale a pena activar o seu esforço porque o período apresenta-se promissor.

PROFISSÃO: Felicidade na sua actividade profissional. Período propício e indicado a poder receber convites para exercer novas responsabilidades, e bem encarar o seu trabalho com muito entusiasmo.

SAÚDE: Período agradável e sem preocupação de saúde. Pelo contrário, registará uma boa disposição e sentir-se-á com maior vigor.

### VIRGO

**(23 de Agosto a 22 de Setembro)**

AMOR: Período venturoso para os assuntos de amor. O êxito está assegurado na vida sentimental. Igualmente, os casos de família estão sob benéficas influências astrais.

DINHEIRO: A actividade que exercer encontrará boa recompensa, especialmente, em empresas referentes a escritos, livros e quaisquer outras publicações.

PROFISSÃO: Uma melhoria de aspectos neste sector tende a anular de certo modo as más influências e, favorece o progresso profissional. No entanto, é aconselhável uma certa moderação nos empreendimentos de carácter importante e de muita responsabilidade.

SAÚDE: A saúde está favorecida, apesar disso, o seu aspecto planetário não aconselha dispêndios físicos em alto grau.

### LIBRA

**(23 de Setembro a 22 de Outubro)**

AMOR: O aspecto contrário que atravessa insiste, por ora, em fazer sentir os seus efeitos maléficos. Nas amizades use de prudência no amor seja paciente e indulgente com a família.

DINHEIRO: Altos e baixos é o que as influências astrais deste período lhe reservam em matéria de dinheiro. Organize a sua vida de maneira a não necessitar criar novos compromissos financeiros.

PROFISSÃO: Não tome conta de empresas ou quaisquer trabalhos para os quais não se sinta à altura de os poder levar a bom termo. A sua atenção deve estar voltada para as actividades normais quotidianas. Limite-se às suas actividades normais que terá sucesso.

SAÚDE: Durante este período, tenha muita calma e cuidado com a suua saúde. Não cometa imprudências, porque está sob influências maléficas.

### SCORPIUS

**( 23 de Outubro a 21 de Novembro)**

AMOR: Aproveite o momento para pôr em prática os projectos em que vem pensando há já algum tempo. Uma influência inspiradora contribuirá muito para a satisfação dos seus desejos. É uma influência que ajuda a distinguir o falso do verdadeiro. Em meados do período um problema de família reclamará o seu interesse.

DINHEIRO: A situação económica gozará de equilíbrio. Tente nesta altura receber dinheiros que lhe são devidos.

PROFISSÃO: Desenvolva a sua actividade e inicie se para tanto for necessário, viagens porque os resultados proporcionar-lhe-ão boas compensações. Haja com confiança e siga exclusivamente as suas ideias porque terá êxito.

SAÚDE: As condições físicas estão sob aspectos benéficos, contudo, não cometa imprudências.

### SAGITTARIUS

**(22 de Novembro a 21 de Dezembro)**

AMOR: Durante este período a sua vida amorosa, afectiva e doméstica será banal e pouco animada. Não haverá acontecimentos decisivos. De resto, o seu espírito andará alheio a estes assuntos.

DINHEIRO: Semana de pouco interesse financeiro. Aprecie devidamente o actual período. Os actuais aspectos astrais dizem respeito particularmente, a negócios, profissão, carreira, prestígio, respeitabilidade e crédito. Portanto, esteja de prevenção em todos estes assuntos.

PROFISSÃO: Trabalhe com vontade e afinco, procurando dar um maior desenvolvimento à sua vida profissional, porque as suas ambições de ordem profissional podem tomar uma maior amplitude. Qualquer contrariedade que possivelmente surja será de carácter passageiro e, sem consequências de maior.

SAÚDE: A sua saúde poderá ser abalada, se aumentar a sua tensão nervosa. Não se preocupe antes de tempo, com o que possivelmente nunca chegue a acontecer.

### CAPRICORNIUS

**22 de Dezembro a 20 de Janeiro)**

AMOR: Uma contrariedade inesperada, surgida no seu ambiente sentimental por má influência, requererá da sua parte uma atitude prudente, pois se assim não fizer poderá ter de suportar um dissabor.

Dinheiro: Convém usar de persistência, pois o período não é de todo desfavorável para conseguir o necessário.

PROFISSÃO: Pondere bem os seus desejos e reprima a impulsividade. O período é mais indicado para meditar do que para agir. No seu mister profissional pode fazer proveitosas cogitações.

SAÚDE: Faça todo o possível por conservar a sua vitalidade, pois se se descuidar, sob as actuais influências, poderá perder boas oportunidades.

### AQUARIUS

**(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)**

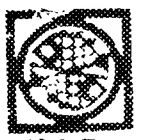
AMOR: As suas relações com a pessoa que ama serão, momentaneamente, perturbadas por contratempos inesperados. Reaja com serenidade porque qualquer mal-entendido está em vias de solução favorável.

DINHEIRO: Só com muita persistência conseguirá algumas realizações. Persista nos seus propósitos e os obstáculos, em parte, serão superados. Não procure forçar situações e contente-se com a sorte.

PROFISSÃO: A sua situação apresenta-se estacionária. Não é favorável para grandes avanços ou para empreender acções de vulto. Aguarde melhores oportunidades e vá caminhando calmamente na sua actividade profissional.

SAÚDE: Vigie a saúde, principalmente próximo do final da semana, que é quando se observam influências contrárias.

### PISCIS



**(20 de Fevereiro a 20 de Março)**

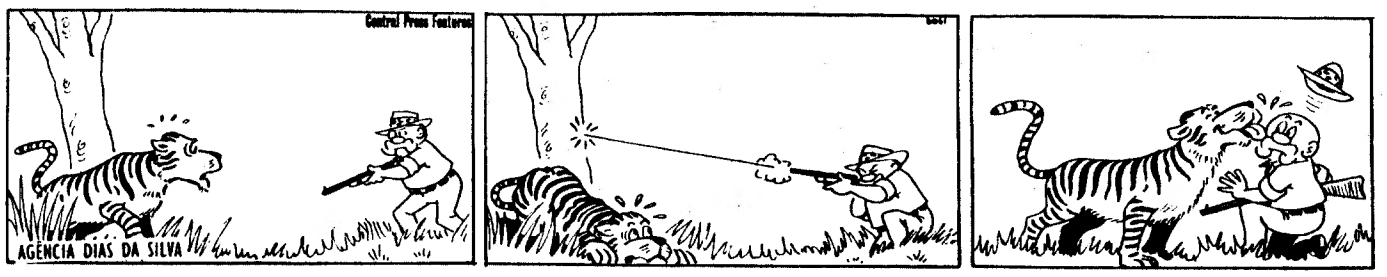
AMOR: Semana favorável aos acordos e idílios amorosos. Propício à realização de matrimónios, bem como às mudanças e pedidos que se relacionem com o amor.

DINHEIRO: As influências do actual período são favoráveis para obter alguma melhoria. Contudo, não dê largas aos seus gastos e jamais consinta que os seus desejos prejudiquem o seu bom-senso.

PROFISSÃO: Os seus interesses profissionais estão bem protegidos durante esta semana. Boas ajudas contribuirão para que o seu trabalho e os seus méritos quanto à sua capacidade de realização sejam postos em destaque.

SAÚDE: Nada de especial acontecerá na saúde. No entanto, não se fatigue demasiado e fuja das correntes de ar.

**A reunião do Conselho da Europa, a que esteve presente Golda Meir, foi marcada por precauções e medidas de segurança fora do vulgar. Na foto, dois agentes de segurança de nacionalidade indeterminada observam as imediações do edifício do Conselho**



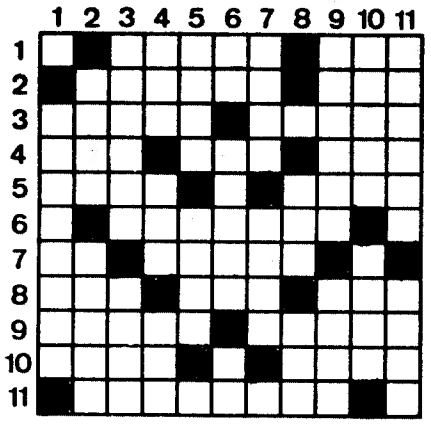

## PALAVRAS CRUZADAS

### COM PROVÉRBIO

**PROBLEMA N.º 10 570**

**HORIZONTAIS**

1 Artigo definido. Prazo. Recusa.
2 Rio de Portugal. Âmio.
3 Pintor alemão residente em Paris em 1922, que tomou parte activa no movimento super-realista. Soluçar.
4 Regra. Cincho. Pronome pessoal.
5 Cidade da Grécio. Tempo do verbo ser. Cento e sete em romano.
6 Arrendara.
7 Basta. Terreno cultivado, em Angola.
8 Magnete natural. Rate. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia.
9 Apelido. Estampilhas.
10 Língua vernácula indiana. Babedeira (pop).
11 Cidade dos Países Baixos.



**VERTICAIS**

1 Flexível.
2 Acreditar. Freguesia do concelho do Seixal.
3 Antiga deusa fenícia uma das formas de Astarte, adorada em Cartago. Uma das partes do Mundo.
4 Aqui está. Freguesia do concelho de Macedo de Cavaleiros. Pronome demonstrativo.
5 Apelido. Dá urros.
6 Plural. Cidade de Itália. Milímetro.
7 Rio dos Estados Unidos. Desejas.
8 Nome de jogo. Nome de letra.
9 Nanico (Bras). Impulso.
10 Nome dado em filosofia oriental, aos comentários ou miscelâneas, e às observações que os mestres ditam aos alunos. Cidade das Filipinas onde Fernão de Magalhães foi assassinado pelos indígenas.
11 Dais ouro a. Pegas.

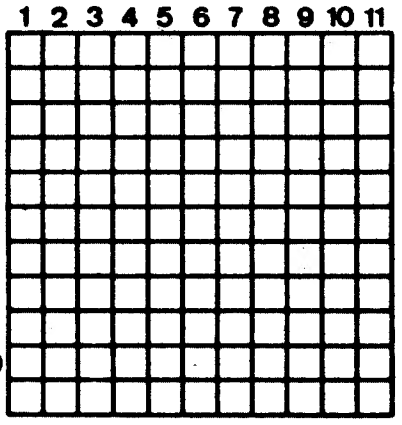
**Resolveu completamente este problema?**
**Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.**

### NOVA MODALIDADE

**PROBLEMA N.º 6 727**

**HORIZONTAIS**

1 Arma indiana. Querida.
2 Princípio (fig.). Formam as abas a.
3 Pega. Manto Real. Genro de Maomé.
4 Concederás. Tornava a ler.
5 Rezara. Práia.
7 Golfo também chamado Xeros. Roer.
8 Interjeição que designa satisfação ou admiração. Guarnecera de asas.
9 Cabelos brancos. Ruim. Possuir.
10 Habilidade. Romance de Emílio Zola.
11 Fundador do Islamismo. Pronome demonstrativo.



**VERTICAIS**

1 Charrua. Esmurram.
2 Roçar. Içara.
3 Bando de animais correndo Peugada.
4 Esquadrão. Paixão. Preposição.
5 Membro de ave. Preposição.
6 Rio da Rússia. Artigo definido.
7 Época. Letra grega.
8 Canhamo de Manila. Retiros. Nosso Senhor.
9 Sacuda. Diabos.
10 Nome de flor. Lugar de contenda.
11 Plantio de amieiros. Invulgares.

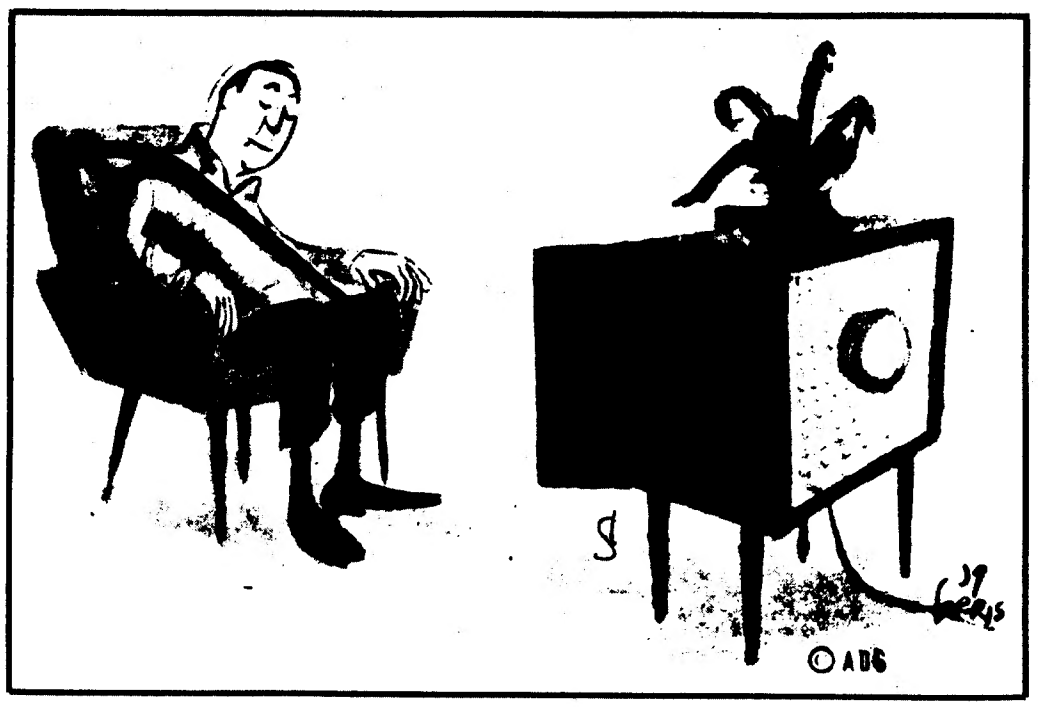
### SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 569

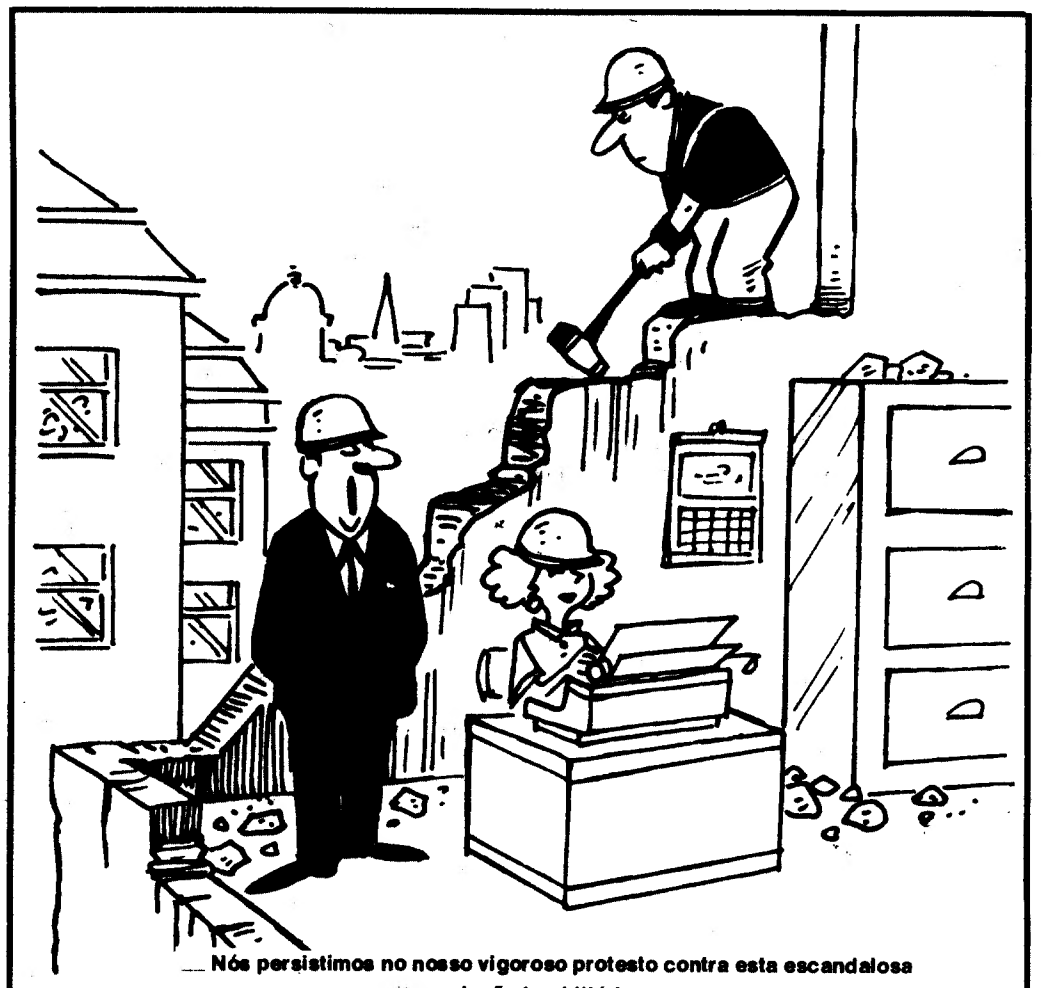
| HORIZONTAIS: | VERTICAIS: |
|---|---|
| 1 LÁGRIMAS. Ca. | 1 La. ABRANDAM |
| 2 Ama. Dão. Cal. | 2 Amaria. Sova. |
| 3 Asca. Siava. | 3 Gastara. Mat. |
| 4 Arte. Imos. | 4 Ce. Ossa. |
| 5 Biá. Ais. Au. | 5 Ida. Assumir. |
| 6 Raros. Aar. | 6 Ma. Bi. Ar. |
| 7 Assalta. | 7 Aos. Saltear. |
| 8 NS. Surto. Id. | 8 Il. Ato. |
| 9 Domam. Sôr. | 9 Câmara. Sal. |
| 10 Ava. Ivã. Ada. | 10 Cavou. Ioda. |
| 11 Matar. Rolas. | 11 Alas. PEDRAS. |

**Provérbio: LÁGRIMAS, ABRANDAM PEDRAS.**

### SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6 726

| HORIZONTAIS: | VERTICAIS: |
|---|---|
| 1 Pavia. Praga. | 1 Porco Darás. |
| 2 Omite. Arar. | 2 Amais. Alara. |
| 3 Ralar. Grato. | 3 Vilas. Natal. |
| 4 Cia. Ova. Mós. | 4 Ita. Oso. Am. |
| 5 Osso. Casa. | 5 Aero. Nios. |
| 6 Sobra. | 6 Vibra. |
| 7 Dano. Ocas. | 7 Paga. Ossa. |
| 8 Ala. Não. Ale. | 8 Rir. Cão. Aam. |
| 9 Ratai. Saber. | 9 Aramá. Cabra. |
| 10 Aramo. Sarai. | 10 Gatos. Alear. |
| 11 Sales. Amaro. | 11 Arosa. Sério. |



**— Nós persistimos no nosso vigoroso protesto contra esta escandalosa especulação imobiliária...**

# II SEMANA INTERNACIONAL DE CINEMA DA FIGUEIRA DA FOZ — 5

Continuação da pag. 20

patrocinador, talvez se pudesse depreender do que disse há pouco o Gerard. Eu poria a coisa de outra maneira. Nós tentámos fazer o filme que pretendíamos; simplesmente para enfiar o barrete ao cliente. Resta sabsj se o conseguimos. Há em Nacionalidade: Português alguns momentos de que estou convencido de que chegámos lá: tanto quanto me lembro hojo do filme há um dado momento em que como sugeria o Gerard se pode interpretar como certa cumplicidade com o patrocinador: descaradamente mostramos o Banco, a maneira como os clientes se dirigem lá, como depositam o dinheiro porque é que o dinheiro vem para Portugal, para que é que serve — é um momento dado de uma maneira extremamente descritiva, talvez mesmo excessivamente, mas pareceu-nos que era um dado de facto muito importante ver no filme. Ao nível do patrocinador o dinheiro era realmente o que nos interessava. (...)

... Percebe-se que a emigração de Portugal em França é algo de tal modo rico e vasto, que uma fita corres e m p r e o risco fe se perder no meio d a q u e l e mundo extremamente complexo. E s t curta metragem de vinte e tal minutos talvez se perca mais ainda porque tentámos, por um lado, apanhar os problemas de ordem democrática e legal que as pessoas têm em França e, por outro lado, também tentámos falar de bairros de lata e das condições de comunicação em que eles vivem, da maneira como eles são de certo modo metidos, também em campos de concentração, etc.

**Gerard Castello Lopes** — Filmámos muitas vezes clandestinamente, nos bairros de lata pro exemplo, porque nunca conseguimos obter autorização oficial da parte das autoridades francesas; outra coisa que nós queríamos filmar era certos aspectos da fábrica Citröen, mas também nos foi negada autorização. Só podemos filmar em situações extremamente precárias uma fábrica de motores. Portanto, a sequência que nós tínhamos pensado sobre a fabricação do Citröen Maseratti e que deviam normalmente encadear com a exposição do mesmo automóvel no seu «stand» em Lisboa, toda essa sequência em 24 horas. ou menos teve de ser atirada para o cesto dos papéis porque não havia as autorizações, porque não podíamos circular nas fábricas, porque havia vinte e quatro directores mesmo ao pé de nós com olhos coruscantes.

**Fernando Lopes (...)** — o início da fita arranca com a visão oficial portuguesa do emigrante, isto é, às sete da manhã da Emissora Nacional para os portugueses espalhados pela Europa, com o Hino Nacional e tudo. Enfim, com aquele ar extremamente institucional de quem pensa que é assim que as coisas funcionam; essa banda sonora acompanha imagens de portugueses a dormirem nos arredores de Toulouse com um aparelho de telefonia ligado e são imagens reais; realmente a gravação foi feita lá e de facto eles acordavam ao som do Hino Nacional. Simplesmente o Hino Nacional com aquelas imagens que o acompanham cria um efeito extremamente curioso que não sei classificar mas que era bastante criativo do ponto de vista cinematográfico. Claro que o filme poderia ter ido muito longe por aí, mas nem sempre tínhamos material para o que queríamos nem tempo para aprofundar as possibilidades oferecidas pelo que possuíamos. E por outro lado, pelo que me diz respeito, estou convencido que o filme sobre a emigração portuguesa é uma daquelas tarefas difíceis, que tem muito a ver com o suplício de Tântaro.

**Nuno de Bragança** — Eu, pela parte que me toca, tenho estado a pensar que, pelo trabalho que me coube e pelo trabalho que coube a muitos outros neste filme, e tendo eu metido na cabeça a ideia de que é útil tentar fazer um filme sobre os emigrantes portugueses, isso foi feito. Se aqueles que virem este filme acharem que vale a pena ir para a frente e aprofundar e, inclusivamente, interessaram-se pelo material existente e que continua possível de aproveitar, pois acho que isso é óptimo. E bastam estas duas razões para que, pela parte que me toca, me sinta satisfeito e convencido de que valeu a pena o que se tentou fazer.

**Gerard Castello Lopes** — Pois eu acho que num aspecto indulgente, bem intencionado, se pode dizer que este filme é um ensaio, talvez um programa, que ele é sobretudo mais do que um filme ou do que um testemunho definitivo sobre a realidade da emigração portuguesa ou sobre um Portugal expatriado uma espécie de borrão e de indicador para quem queira perseguir esta interessante e apaixonante pesquisa. Esse ou esses podem tirar dali ideias e sistemas de alguma utilidade. Faltou-nos certamente falar de algumas coisas; lembro-me agora que nem referimos a entrevista que fizemos com Jean Rouch.

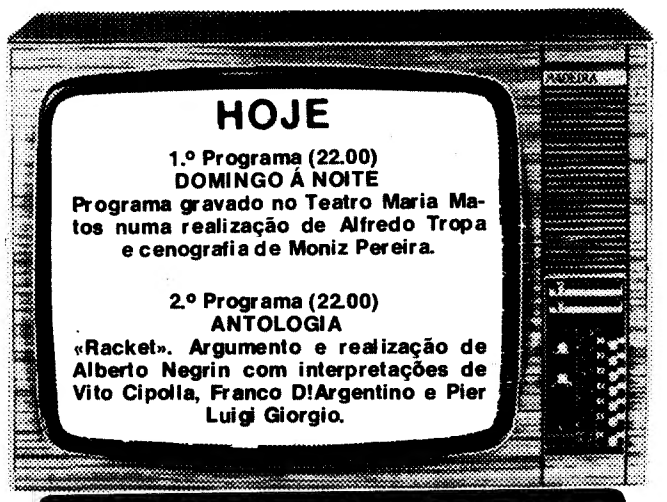
Cremos que a «conversa» atrás transcrita, para além de ser bastante exemplificativa das dificuldades que um certo tipo de filmes, como **«Nacionalidade: Português»** levanta, situa desde logo as ambições e limites do empreendimento. Efectivamente, pretendeu-se fazer um filme (independente, aberto à participação das próprias plateias, adulto no seu olhar) e fez-se um outro (dependente do subsídio de diversos Bancos, coarctado nas suas intenções, autocensurado). Temas há que tais modificções não desabonam, no final, dos resultados atingidos. No caso de **«Nacionalidade: Português»** parece passar-se o inverso. O filme de Fernando Lopes, Nuno de Bragança e Gérard Castello Lopes acaba por ressentir-se do mecanismo em que foi gerado e só muito dificilmente ultrapassará a situação **obra de encomenda.**

E dizemos que dificilmente consegue ultrapassar a situação de **obra de encomenda** porque, para lá da ilustração bancária, edificante um mundo de sugestões desfila perante os olhos do público, em imagens por vezes de rara beleza, a que a câmara de Fernando Lopes e Augusto Cabrita não deixou de ser sensível. Por entre os muitos milhares de portugueses que a França alberga (diz o filme que Paris é, presentemente, a terceira cidade em número de portugueses, depois de Lisboa e Porto; diz o filme que a França dá guarida a 500 mil portugueses; diz o filme que há em França 17 000 crianças portguesas com idade inferior a três anos; que anualmente se realizam 400 mil actos consulares; que, só em 1970 emigraram para França mais 80 mil «dos nossos»...), Fernando Lopes e Augusto Cabrita recolheram milhares de metros quadrados, arquivando a dor, a solidão, o desespero e a alegria, a miséria e a nostalgia, a raiva e o desencanto de muitos rostos exilados em busca de trabalho. Numa qualquer estação de caminhos de ferro é possível encontrar um casal de portugueses, domindo enrodilhados na sua própria fragilidade. Tudo isso está lá e sente-se que muito mais poderia esta, envolto nesse fraternal abraço que da terra distante lhes é atirado. Mas, o preço dessas imagens julgamo-lo demasiado caro. Tal como nos é apresentado, **«Nacionalidade: Português»** é quase só um filme sobre o Banco que serve os portugueses em França.

Um filme sobre a emigração portuguesa para a Europa do Euromercado fica, portanto, em aberto. Poderá ser aquele fime que Fernando Lopes diz possuir em milhares de metros filmados e não montados. Poderá ser esse ou outro, mas não este. Pelo menos, não só este. Parcelar. Promossional. E quem sabe se, nos tempos mais chegados, será possível abarcar no cinema todo ovasto problema, de tão profundas implicações, que a emigração suscita? Certas realidades, porém, não se compadecem com tratamentos a meias tintas. A emigração é uma delas. Há que ter a luciidez de o reconhecer.

**LAURO ANTÓNIO**

## televisão




MADEIRA SIEMENS ISLAND
O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

### HOJE

1.º Programa
1.º Período

12.30 Abertura e Missa de Domingo
13.10 Expedição
13.45 Telejornal 1.ª edição
14.00 Eurovisão — Campeonato da Europa de Basquetebol
15.40 Tarde de cinema «Aventura» e Giraldine»
17.00 Hipismo — Transmissão directa do concurso de saltos Internacional oficial de Lisboa
18.40 TV Rural
19.10 Domingo Desportivo
19.30 Telejornal 2.ª edição
19.45 Circo
20.00 TV 7
21.00 «As Solteironas»
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 Domingo á noite
23.20 Domingo desportivo
00.00 Telejornal 4.ª edição
00.05 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e «Amigos inseparáveis»
21.00 Do lá si
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 Antologia e fecho.

### AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados «Beatles Show»
13.00 Feminino Singular
13.45 «A Família Partridge»
13.45 Telejornal 1.ª edição
14.00 Vivendo o futuro
14.25 Logo á noite
14.25 Fecho.

2.º Período

19.00 Curso de orientação de monitores
19.30 Telejornal 2.ª edição
19.45 TV Juvenil
20.05 Portugal além da Europa
20.25 Folhetim «Está livre»
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.05 Filme policial «Mudam-se o tempos»
23.45 Telejornal 4.ª edição
23.50 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e «A Família Partridge»
20.55 Vivendo o futuro
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 Museu do cinema
23.00 Fecho.

## urgência

| | | | |
|---|---|---|---|
| Emergência | 115 | Judiciária | 53 5380 |
| Bombeiros | 32 2222 | Intoxicações | 76 1176 |
| C V P | 56 5342 | Aeroporto | 71 1397 |
| H de S José | 86 0131 | C R G E | 53 7021 |
| H de S Maria | 73 0231 | C Aguas | 36 1361 |
| P S P | 36 6141 | Combóios | 32 6222 |

## tempo

**Situação do tempo**
09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava em geral limpo e o vento era fraco e havia neblina ou nevoeiro em vários locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

| | |
|---|---|
| PORTO | 14º |
| PENHAS DOUR. | 10º |
| COIMBRA | 15º |
| PORTALEGRE | 15º |
| LISBOA | 14º |
| FARO | 19º |
| FUNCHAL | 21º |

TEMPERATURAS EXTREMAS

**Alvalade**
**Máxima ..... 24,2º**

**Penhas da Saúde**
**Mínima ..... 1,8º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

| | |
|---|---|
| Água do mar | 17,2º |
| Atmosfera | 15,2º |

**MARÉS DE HOJE**

| PREIA-MAR | | BAIXA-MAR | |
|---|---|---|---|
| 0.38 | 3,1 m | 6.19 | 1,8 m |
| 12.56 | 3,4 m | 18.51 | 1,5 m |

Dia 8

| | | | |
|---|---|---|---|
| 1.27 | 3,3 m | 7.06 | 1,3 m |
| 13.42 | 3,6 m | 19.32 | 1,3 m |

Dia 9

| | | | |
|---|---|---|---|
| 2.08 | 3,5 m | 7.06 | 1,2 m |
| 14.22 | 3,8 m | 20.08 | 1,1 m |

**PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ**

Céu pouco nublado ou limpo; vento fraco; neblina ou nevoeiro durante a manhã e noite em vários locais.

**-AMANHÃ-**

**NASCER AS 7.39**
**OCASO AS 19.10**

DIA 12 | DIA 18 | DIA 26 | DIA 3

## rádio

**EMISSORA 1.º Programa**

14.30 Tarde desportiva. Rádio desporto. Futebol: relato e informação dos jogos da 5.ª Jornada do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão. Actualidade desportiva.
17.30 Música sem palavras.
18.05 Girândola
19.10 Música da Europa
21.30 Variedades no estúdio, programa.
21.00 Rádio desporto
21.30 Variedades no estúdil, programa de José Mesquita.
22.00 Teatro das comédias: «Desdém com desdém se paga», de Agustin Moreto, tradução e adaptação de Leopoldo de Araújo.
22.32 Música portuguesa
23.05 Sol e toiros
23.30 De um dia para o outro, por Fernando Garcia.
00.00 Fecho.

**2.º Programa**

16.00 Noticiário
17.00 Perspectivas da música para violoncelo e orquestra do século
18.00 Concerto de domingo. Intercâmbio musical
19.30 Quarteto em mi menor, op. 44, n.º 2, de Mendelssohn, pelo Quarteto «Belas Artes».
20.00 Diário sonoro.
20.30 As grandes figuras do mundo português, pelo dr. Caldeira Pais
21.00 Recital de música contemporânea, em guitarra por Pinheiro Nagy
21.30 Que quer ouvir?, programa coordenado por Margarida Brandão
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho.

**Programa Estereofónico MF 2**

14.30 Música de câmara
15.00 Prelúdio do 1.º acto da Ópera «A Gioconda», de Ponchielli
16.00 Música sinfónica
16.30 Música de piano: «Sonata n.º 2
17.00 Junção com o 2.º programa
21.00 Música ligeira variada
22.00 Alexandre nevsky, cantata op. 78, de Prokofieff, pelo Côro da Orquestra Sinfónica de Londres
22.44 Música de cravo
23.08 Quintetos de câmara
00.10 Duas suites para orquestra: Fogo de Artifício, de Haendel
01.00 Fecho.

**RÁDIO CLUBE Onda média**

16.03 Projecção
16.35 Tarde Desportiva
19.03 Fórmula 1
19.30 Vedetas e canções
20.15 Comentador desportivo
20.30 De sete em sete dias
20.45 Música para o seu jantar
21.02 Leitura
21.30 Quando o telefone toca
22.02 Antiquário
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens bíblicas
23.30 No mundo aconteceu
24.00 «P.B.X.»
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

**Modulação de frequência**

16.05 Plexus
18.00 O nosso programa
19.05 Vértice
21.00 Boa noite em FM
22.00 Programa à Gô-Gô
24.00 Em órbita dois
00.02 Em órbita dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectivas
03.00 Fecho

**Rádio Renascença**

14.30 Boa viagem
14.45 Panorama
17.30 Camarada
18.05 Zona azul
18.30 Terço e missa
20.05 Zona verde — espaço ocupado pela família
20.35 Intervalo
20.55 Meditando
21.00 Suplemento especial
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Programa dos sócios
23.05 A 23.ª hora

**EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA**

**RÁDIO PENINSULAR**
06.00 às 08.00, 10.00 às 12.00 e 22.00 às 02.00

**C. RADIOFÓNICO DE PORTUGAL**
08.00 às 10.00 e 17.00 às 19.30

**RÁDIO GRAÇA**
12.00 às 14.30 e 19.30 às 22.00

**Rádio Voz de Lisboa**
14.30 às 17.00

# farmácias de serviço

## LISBOA

**TURNO E-1**

(TODA A NOITE)

**ALTO DE S. JOÃO**
Carrondo Rua Padre Sena de Freitas, 10-A (Telef. 842518)
**ALVALADE**
Cartaxo Av. da Igreja, 21-C (Tele. 776358)
Nova Lisboa R. Guilherme Suggia, 12 (Tele. 727721)
**AREEIRO**
João XXI Av. João XXI 16-A (Tele. 726462)
**ARROIOS**
Nunes Rua Ângela Pinto, 32 (Tele. 497556)
**BAIXA**
Barral R. Augusta, 225 (Tele. 361534-5)
**BELÉM**
Ramisio Rua dos Jerónimos, 14-C (Tele. 631699)
**BENFICA**
Lisboa Rua Cláudio Nunes, 73-A (Telef. 703393)
**BOA HORA**
Sepol Calçada da Boa Hora, 94-A (Tel. 681958)
**CAMPOLIDE**
Pátria Calçada dos Mestres 30-A (à Rua das Amoreiras) (Tel. 680627)
**CAMPO DE OURIQUE**
Castro Fonseca Rua 4 de Infantaria, 28-A (Tele. 688857)
**CARNIDE**
Leal de Matos Rua Neves Costa, 33 (Tele. 780181)
**ESTEFÂNIA**
Estefânia Rua Pascoal de Melo 90 (Tele. 44438)
**GRAÇA**
Santo António Rua Leite de Vasconcelos, 72-C (Tele. 862333)
**LAPA**
Carrasco R. Presidente Arriaga, 39 (Tele. 667460)
**LUMIAR**
São Tomé Estrada do Desvio, Lote 12-C (Tele. 780704)
**MADRAGOA**
Nunes Simões Rua do Quelhas, 1 (Tele. 661275)
**OLIVAIS**
Nova Rua E, 1, Lote 469, Olivais Sul (Tele. 316402)
**PENHA DE FRANÇA**
Carrondo R. Padre Sena de Freitas, 10-A (Telef. 842518)
**PICHELEIRA**
Luzmar Rua João Nascimento Costa, 16-A (Tels. 72835-720703)
**RATO**
Janeiro Avenida Pedro Alvares Cabral, 100 (Tele. 661453)
**REGO**
Universitaria Rua Alfredo Gameiro 29-D (Tele. 778953)

**TURNO E-2**

**ATÉ ÀS 22 HORAS**

**AJUDA**
Teles Rua João de Barros, 2 (Tel. 638249)
**ALCÂNTARA**
Nogueira Rua da Creche, 2 (tele. 631635)
**ALTO DE S. JOÃO**
Oriente Rua Lopes, 120 (Tele. 843381)
**ARCO DO CEGO**
Palma Av. Duque de Avila, 25-31 (Tele. 47088)
**ALVALADE**
Brisalia Av. Rio de Janeiro, 66-A (Tele. 722358)
Aviz Av. de Roma 56-B (Tele. 715370)
**AREEIRO**
Galeno Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (Tele. 774920)
**ARROIOS**
Matos Rua Alvaro Coutinho, 10 (Tel. 821671)
**AVENIDA DA LIBERDADE**
Nacional Rua do Salitre, 7 (Tele. 46858)
**BAIRRO ALTO**
Virtas Rua da Misericórdia, 135 (Tele. 324554-327563-4)
**BAIRRO DA ENCARNAÇÃO**
Ascenso Praça Norte, 11-A (Tele. 311216)
**BENFICA**
Sousa Estrada de Benfica, 429 (Tele. 780627)
**CAMPOLIDE**
Gomes Rua Rodrigo da Fonseca, 101-A (Tele. 682333)
**CAMPO DE OURIQUE**
Ourique Rua Freitas Gazul 32-B (Tel. 671667)
**GRAÇA**
Rosas e Viegas Rua de S. Vicente, 31 (Tel. 864351)
**LUMIAR**
Alameda Alameda das Linhas de Torres, 201-B (Tele. 790942)
**SANTA CATARINA**
Modelar Largo dr. António de Sousa Macedo, 7-A (Tele. 678896)
**S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA**
Aguiar Av. Columbano Bordalo Pinheiro 98-A (Tels. 768343-764629)
**XABREGAS**
Salter Rua de Zabregas 63-65 (Tele. 381185)

## LINHA DE CASCAIS

**ALGÉS**
Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29 (Telef. 212081)
**CAXIAS**
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)
**PAÇO DE ARCOS**
Trindade, R. Costa Pinto, 186 (Telef. 2432034)
**OEIRAS**
Alcântara Guerreiro, P. Residencial dr. Augusto de Castro, Lote 10 (Telef. 2430691)
**PAREDE**
Macau, R. J. Elias Garcia, 60-C (Telef. 2471785)
**S. JOÃO DO ESTORIL**
S. João (Telef. 261186)
**MONTE ESTORIL**
Costa, Av. Saboia, 29-B (Telef. 260085)
**CASCAIS**
Misericórdia, R. Regimento 19.41 (Telef. 280141)
Cascais, R. Conde de Monte Real-B.º Caixas (Telef. 282407)
**ALCOCHETE**
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137)
**ALHOS VEDROS**
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Telef. 224250)

## LINHA DE SINTRA

**AMADORA**
Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (Telef. 935518) Carmele, R. Elias Garcia, lote 28 (tele. 933303) Helénica, R. Elias Garcia, 2 (Telef. 933613) S. Jorge, R. Pedro del Negro, 5-Reboleira (Telef. 938703)
**DAMAIA**
Lemos, R. de Goa, 21-A (Telef. 971121)
**QUELUZ**
André, Av. Elias Garcia, 151 (Telef. 950043) Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Telef. 951841)
**CACÉM**
Central, R. Elias Garcia, 55 (Telef. 2940034)
**MEM MARTINS**
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)
**S. PEDRO DE SINTRA**
Valentim, (Telef. 980456)
**SINTRA**
Marrazes, L. Rainha D. Amélia, 20 (Telef. 980155)
**COLARES**
Abreja (Telef. 299088)

## OUTRA BANDA

**ALMADA**
Macedo Henriques, R. Bernardo Francisco da Costa, Lote 1 (Telef. 271297)
**BAIXA DA BANHEIRA**
Nova Fátima, Est. Nacional, 221-B (Tele. 224141)
**BARREIRO**
Pimenta, R. Cons.º Joaquim António Aguiar, 259 (Telef. 2073012)
**COVA DA PIEDADE**
Atlântico, R. Padre Manuel Bernardes, 1 (Telef. 2764466)
**MOITA**
Silva Rocha, P. da República, 16 (Telef. 239029)
**MONTIJO**
Diogo, R. Almirante Reis, 42 (Telef. 230032)
**SESIMBRA**
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Telef. 229028)
**SETÚBAL**
Normal do Sul, P. do Bocage (Telef. 22216)
**SEIXAL**
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Telef. 2218560)

## PORTO

**6.º TURNO**

**SUB-TURNO A**

Correia de Araújo, R. de Santa Catarina, 259. Nova Avenida, Av. F. de Magalhães, 692. Pinheiro Manso, R. S. João de Brito, 25-29. Santa Teresa, P. Guilh. G. Fernandes, 100. Silva Pereira, Rua Costa Cabral, 293

**SUB-TURNO B**

Alves P. Exército Libertador, 62. Barros, R. do Loureiro, 104. Boa Hora, R. da Boa Hora, 80. Cameira, R. do Heroísmo. Confiança, R. de Santa Catarina, 960

## COIMBRA

TURNO E

Cruz Viegas, Rua do Brasil, 154 (Tel. 22961); Donato, Rua Ferreira Borges, 2 e 6 (Tel. 22603); Rainha Santa, R. Figueira da Foz, 11-B (Tel. 24737)

# cinemas

## LISBOA

**ROXY** (Tel. 48560)
14.00 - 16.30 - 19.00 e 21.45
Grupo D (18 anos)
15.ª Semana! Technicolor. Dustin Hoffman «ALFREDO ALFREDO» um filme de Pietro Germi (Metro Intendente).

**CONDES** (Tel. 322523-326710)
4 sessões diárias, 14.30, 16.30 18.45 e 21.45
Colorido. Grupo B (10 anos. Chegou a hora da «barracada»...«TRINITÁ E SARTANA CONTRA TODOS». Com Robert Widmark e Harry Baiard.

**ESTÚDIO 444** (Tel. 779095)
x5.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (8 anos)
Technicolor. Um filme de Kenneth Loach. «VIDA EM FAMÍLIA»

**S. JOGGE** (Tel. 54154/54153)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
O mais implacável guerreiro das artes marciais! «A FURIA DO TIGRE»

**MUNDIAL** (Tel. 538473)
15.15 - 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Eastmancolor. A denúncia de uma sociedade corrompida. «O SINAL VERMELHO» com António Vilar, Maria Cruz, Paul Naschi e Hellen Harp.

**ROMA** (Tel. 727778
15.30 e 21.45
Grupo A (6 anos) 10.ª Semana! Eastmancolor. Les Charlots «OS MALUCOS DA CASERNA».

**ESTÚDIO** (Tel. 55310)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.45
Grupo D (18 anos)
A Obra prima de Nagisa Oshima. «O ENFORCAMENTO». (Metro: Alameda)

**CASINO ESTORIL** (Tel. 46264862)
x5.30, 18.30 e 21.30
Grupo B (10 anos)
Movicolor. JUNIOR BONNER O ULTIMO BRIGÃO», com Steve MecQueen e Robert Preton

**LONDRES** (Tel. 731318)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos). 7.ª Semana! Da mulher objecto à mulher pessoa. «Jane Fonda no filme de Joseph Losey «A CASA DA BONECA»

**EDEN** (Tel. 320768)
x5.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Color. Catherine Spaak e Robert Blake «UM TIPO DURO DE ROER»

**RESTELO** (Tel. 40604/5)
x5.00, 21.30
Grupo D (18 anos)
O novo fenómeno de filme em acção Bir Boss «O IMPLACAVEL». Com Brence Lee.

**TIVOLI** (Tel. 50595)
x5.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
A preparação do crime político do século. «CHACAL». O filme de Fred Zinnemann

**BERNA** (Tel. 776098)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos) Um filme de Jean Louis Trintignant. «UM DIA EM CHEIO

**VOX** (Tel. 720808)
x5.15, 18.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
Technicolor. Walt Disney Produtions apresenta: «NANU, FILHO DA SELVA» com Tim Conway

**ODEON** (Tel. 32623)
15.15 - 18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
Color. «SIMPLESMENTE MARIA» Com Saby Kamalich e Braulio Castillo.

**MONUMENTAL** (Tel. 551310)
y5.15, 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
Panavision, Technicolor. George Scott Faye Dunaway, John Nills e Jack Palance em «O POÇO DO ODIO»

**POLITEAMA** (Tel. 326305)
x5.15, 18.15 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana! Color. Scope. Wang Yn «A ESPADA INVENCIVEL»

**AVIZ** (Tel. 47163)
15.30 - 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Color
Saby Kamalich - Braulio Castillo «SIMPLESMENTE MARIA»

**ROYAL** (Tel. 865037)
15.00 e 21.00
Grupo B (10 anos)
«QUE SE PASSA DOUTOR». Em complemento «JEFF»

**IMPÉRIO** (Tel. 551345)
x5.15, 18.30 e 21.30
Grupo D (18 anos)
2.ª semana
Metrocolor - Panavision «AS VIAGENS COM A MINHA TIA». Maggie Smith - Alec McGowen. (Metro Alameda).

**CINEMA CASTIL** (Tel. 530194)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos) 7.ª semana
Gene Hackman e Al Pacino «O ESPANTALHO» (Eastacionamento: Parque Castil).

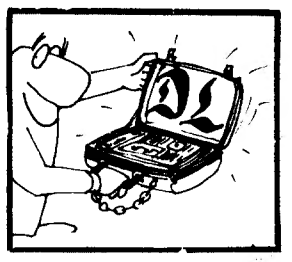
**SATÉLITE** (Tel. 50595)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana. Um filme de Alain Tanner. «O REGRESSO DE AFRICA2

**EUROPA** (Tel. 761016)
15.15 e 21.30
Grupo B (10 anos)
3.ª Semana! Eastmancolor. Baseado na obra de Júlio Verne «A ILHA MISTERIOSA» Omar Shariff. Atenção pequenada. Hoje às 18.15 o sucesso «OS ALEGRES PIRATAS DA ILHA DO TESOURO» Grupo A (6 anos). Estmancolor. 3.ª Semana!

**CINEARTE** (Tel. 660446)

**Encerrado temporàriamente para beneficiações**

**ESTÚDIO APOLO 70** (Tel. 73318)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
8.ª Semana! Technicolor. Um filme de Hal Ashby. «ENSINA-ME A VIVER» com Ruth Gordon e Bud Cort.



# outros espectáculos

## LISBOA/Teatros

**MONUMENTAL**
21.45 (18 anos)
«Que medo senhor Alfredo»

**VARIEDADES**
21.45 (18 anos)
«Um padre à italiana»

**VASCO SANTANA**
21.45 (18 anos)
«Cândido»

**A.B.C.**
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Tudo a nú»

## LISBOA/Cinemas

**OLÍMPIA**
19.00 (10 anos)
«O invencível superman»

**PARIS**
21.00 (18 anos)
«O Implacável»

**JARDIM CINEMA**
21.30 (18 anos)
«A noite do ultimo dia»

**CINE MOSCAVIDE**
21.00 (14 anos)
«Visita inesperada»

**Soc. Odivelense**
21.15 (18 anos)
«Um jovem casal»

**S. José**
21.30 (18 anos)
«O Barba azul»

**ALHANDRA**
**Salvador Marques**
21.15 (18 anos)
«Traficantes de sonhos»

## LINHA DE CASCAIS

**ALGÉS**
**Stadium**
21.30 (14 anos)
«A Fuga está na morte»
**OEIRAS**
**Oeiras-cine**
21.00 (10 anos)
«Com os olhos tortos de medo»
**PAREDE**
**Royal-cine**
21.15 (14 anos)
«007 contra Goldfinger»
**ESTORIL**
**Casino**
15.30, 18.30 e 21.30 (10 anos)
«Junior Bonner — o ultimo brigão»
**Esplanada**
21.30 (14 anos)
«Aqueles dias contigo»
**CASCAIS**
**S. José**
21.30 (14 anos)
«Asilo Político»

## LINHA DE SINTRA

**DAMAIA**
**D. João V**
21.30 (18 anos)
«Cabaret»
**AMADORA**
**Recreios Desportivts**
21.15 (14 anos)
«O Invencível»
**QUELUZ**
**Queluz Cinema**
21.15 (10 anos)
«20 000 dólares por um Gringo»
**CACÉM**
**S. João**
21.00 (18 anos)
«A Mulher mais bela»
**MEM MARTINS**
**Cine Chaby**
21.30 (18 anos)
«A Estátua»
**SINTRA**
**Carlos Manuel**
21.30 (10 anos)
«Continuaram a chamar-me Trinitá»

**ESTÚDIO**
21.30 (18 anos)
«Mulher à deriva»

**BATALHA**
15.00 (6 anos)
«Os malucos do estádio»

**S. JOÃO**
15.30 (18 anos)
«Amores clandestinos»

**PASSOS MANUEL**
21.30 (18 anos)
«Medea»

**TRINDADE**
21.30 (18 anos)
«Paris manicómio do amor»

**OLÍMPIA**
21.30 (14 anos)
«O trunfo é perder»

**ÁGUIA D'OURO**
21.30 (14 anos)
«Ulzana, o perseguido»

**JÚLIO DINIS**
21.30 (18 anos)
«Continuaram a chamar-me Trinitá»

**VALE FORMOSO**
15.30 (14 anos)
«Vingança de um homem calmo»

**RIVOLI**
21.30 (18 anos)
«A lição particular»

## OUTRA BANDA

**ALMADA**
**Incrível**
21.15 (18 anos)
«A Organização»
**TRAFARIA**
**Pavilhão Jardim**
21.15 (10 anos)
«Tauro filho da Átila»
**LARANJEIRO**
**Instrução e Recreio**
21.30 (18 anos)
«O Padrinho»

## COIMBRA

**AVENIDA**
21.30 (14 anos)
«Eu não vejo, tu não falas, ele não ouve»

**TIVOLI**
21.30 (18 anos)
«Alfredo, Alfredo!»

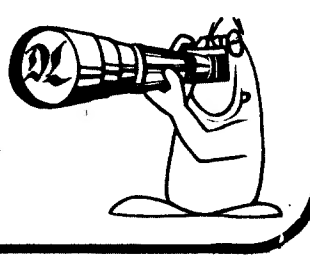
**SOUSA BASTOS**
21.30 (18 anos)
«Perdido por cem»

## PORTO/Teatros

**SÁ DA BANDEIRA**
21.45 (18 anos)
«Dois num guarda vestidos»

## PORTO/Cinemas

**COLISEU**
21.30 (14 anos)
«O direito de nascer»



# BARS BOITES Restaurantes típicos DANCINGS

**ESPADARTE CLUB** — **Sesimbra**. Discoteca c/ peq. progr. de fados e música de folclore às 2.as, 3.as, 4.as e 6.as. Encerrado aos domingos. **Tel. 229189.**

**NINA** — **Dancing** com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. Telef. 34859-365167.**

**CASINO ESTORIL** — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Telefones 26461, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

**HIPOPÓTAMO** — Com Heider Reis Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

**SOLAR DA HERMÍNIA** — Herminia Silva, hoje e sempre. **Largo Trindade Coelho, n.º 10 e 11.** Encerra aos domingos. **Telef. 320164.**

**TAMILA** — Marão e seu conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

**SAN-PAYO** — Bar-boite c/ música constante. Aberto até às 5 h. da madrugada. **Rua Rodrigues Sampaio, 34. Telef. 561422.** (Ar condicionado).

**CACO** — **Dancing** com música ambiente, com singular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

# Exposições

**BELAS-ARTES** — Exposição permanente da organização da Sociedade Nacional de Belas-Artes (das 14 às 20 h.)

**CASINO ESTORIL** — Trabalhos de Olabarrieta, Ana Vaz e Clemen Bello (das 15 às 3 h.).

**PALÁCIO FOZ** — Pinturas de Lemos da Silva.

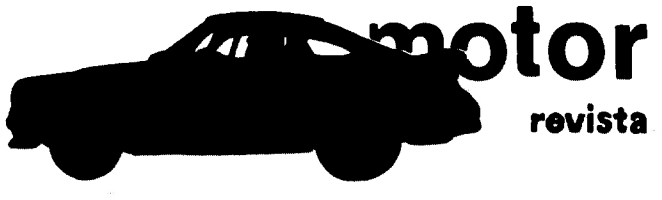
**XI SALÃO DE ARTE MODERNA** — No Pavilhão dos Congressos, no Estoril (das 11 às 13 e das 15 às 19 h.)

**CENTRO ESCOLAR DR. SALGUEIRO DE ALMEIDA** — Arte infantil (das 21 às 23 H. nos dias úteis; aos domingos, das 16 às 23 H.)

**DIPROVE** — Desenhos satíricos de diversos autores espanhóis.

**PALÁCIO VALENÇAS (Sintra)** — Trabalhos de Cândida Cunha (das 10 às 12 e das 14 às 20 h.)

**ARCADAS DO PARQUE** — Pinturas de Moita de Macedo (das 10 às 22 h.)



DL

RENASCENÇA GRAFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIO DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 - 1.º, 2.º E - 4.º
TELEF. 654531/2 - 3 - 4
SERVIÇOS TECNICOS:
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DiBOA TELEX 1363
LISBOA - PORTUGAL

# ENSINO DO PORTUGUÊS EM FRANÇA O PROF. VEIGA SIMÃO SEGUIU ESTA MANHÃ PARA PARIS

O prof. Veiga Simão, ministro da Educação Nacional, partiu esta manhã para França, a convite do titular francês da pasta da Educação, M. Fontanet.

A visita, que se prolonga até quarta-feira, compreende apreciação de cursos complementares de ensino de Português em Paris, e uma entrevista, em Rennes, com Jean Michel Massa, director da Secção de Português na Universidade de Haute-Bretagne.

O prof. Veiga Simão desloca-se também ao Instituto de Português da Sorbonne, embarcando no dia 11 para Lisboa.

# RESTRIÇÕES ÀS IMPORTAÇÕES EM ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Continuação da pag. 1

Acontece, ainda, que as restrições às importações nem sempre se traduzem pela protecção de produções locais subsidiárias de grupos estrangeiros. A Associação Comercial de Lisboa cita, a título de exemplo, os acumuladores eléctricos de chumbo, em que as exportações metropolitanas são preteridas, sem que as necessidades dos mercados angolano e moçambicano sejam cobertas nem se obtenham vantagens de preço. Poderá objectar-se, no entanto, não ser raro que as exportações industriais metropolitanas consistam também em produções subsidiárias de grupos estrangeiros. Nestes casos, verifica-se apenas uma substituição de importações metropolitanas subsidiárias de grupos estrangeiros por produções locais igualmente subsidiárias de grupos estrangeiros.

A partir das respostas ao inquérito, a Associação Comercial Portuguesa propõe a transferência de prioridades e o alargamento dos contingentes nas importações de numerosos produtos; máquinas para trabalhar madeiras, aparelhos receptores para radiodifusão, louças para uso doméstico, azulejos, eléctrodos para soldadura eléctrica, vinhos a granel e engarrafados, peixe e moluscos congelados, conservas alimentares, cabos de aço e tecidos e sacos de juta.

Para a Associação Comercial Portuguesa, justificar-se-ia, desde já, «uma cuidadosa e ponderada revisão dos resultados esperados e dos obtidos com a adopção de medidas cujos inconvenientes, no plano de economia metropolitana, são óbvios e sensíveis, sem que os benefícios para a comunidade (entenda-se: para as populações de Angola e Moçambique), se manifestem com a mesma clareza, bem pelo contrário».

## CDE DE LEIRIA

Elementos da PSP e da DGS apresentaram-se ontem á noite na CDE de Leiria e exigiram a identificação de todas as pessoas presentes.

Quer os cinco candidatos a deputados, quer quinze democratas que trabalham nos ários serviços da Comissão Democrática Eleitoral, recusaram-se a obedecer á autoridade, cuja presença consideraram abusiva.

Um graduado da PSP afirmou então que nenhum dos democratas poderia abandonar o edifício. Por tal motivo, as vinte pessoas em causa passaram lá toda a madrugada. Esta manhã a autoridade mantinha-se ainda no exterior, pelo que o candidato dr. José Henrique Vareda entrou em contacto telefónico com o Governador Civil, a fim de que tomasse providências.

A concentração na sede da CDE (Rua Gomes Freire, 12) verificou-se após um jantar que reuniu 300 democratas de todo o distrito, e durante o qual usaram da palavra os drs. Vasco da Gama Fernandes, José Henrique Vareda, Maldonado Freitas e Miguel Franco, bem como um representante da juventude.

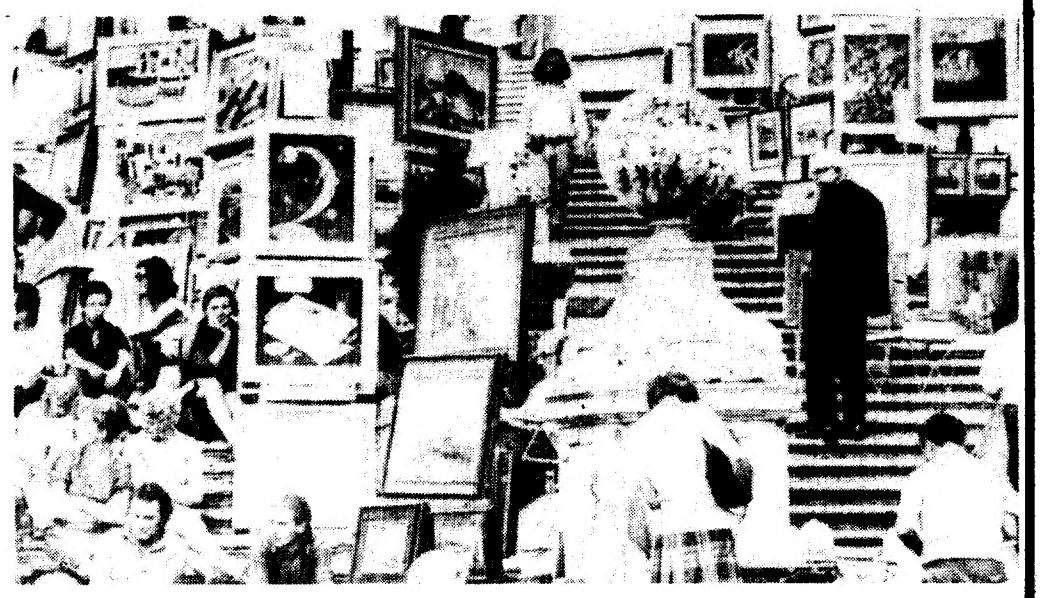
## SEGURANÇA RODOVIÁRIA

«Dimensionamento e natureza do problema da segurança rodoviária em França», «A Organização da luta contra os acidentes: o programa da segurança rodoviária em França» e «A infra-estrutura e a segurança rodoviária; natureza e eficácia das medidas correctivas», esta última seguida de mesa-redonda, são os temas de três conferências organizadas pelo Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC), ao abrigo do convénio de cooperação estabelecido entre este organismo e a embaixada de França.

As conferências serão proferidas pelo director do «Organisme National de Secourité Routière», de França, sr. Halpern-Herla, nos próximos dias 9, 10 e 11.

## DL / GERAL

# OS PINTORES NO OUTONO



**Como acontece em todos os Outonos, esta rua de Roma reune grande quantidade de pintores italianos que expõem as suas obras de vários estilos, desde o abstracto ao académico, numa celebração ao ar livre que tem lugar duas vezes por ano. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL).**

# DIÁLOGO INTERAMERICANO PROPOSTO POR KISSINGER

NAÇÕES UNIDAS (FP) — O dr. Henry Kissinger propôs aos países da América Latina, a abertura de um diálogo através do qual os Estados Undiso e os países latino-americanos elaborariam novas relações assentes na igualdade e no respeito recíproco.

O secretário de Estado americano apresentou esta proposta no decorrer do almoço que ofereceu aos embaixadores dos países da América Latina junto da ONU e aos ministros dos Negócios Estrangeiros desses países que participam nos trabalhos da Assembleia Geral das Nações Unidas. Todos os países latino-americanos, incluindo o Chile, estavam representados com excepção de Cuba.

Kissinger fez notar que as relações entre os Estados Unidos e os seus vizinhos da América Latina se tem caracterizado «ora por aquilo a que estes chamam intervenção, ora pela indiferença». O secretário de Estado propôs o estabelecimento de novas «relações assentes não apenas na amizade mas no respeito da dignidade de cada um».

Evocando seguidamente os problemas da poluição e do esgotamento dos recursos energéticos, Kissinger afirmou que os Estados Unidos se viam compelidos a escolher «entre dois caminhos: o nacionalismo ou a cooperação». Convidou depois os países latino-americanos a indicarem como desejavam que fosse travado

o diálogo destinado a elaborar «o novo programa de relações entre os Estados Unidos e os seus vizinhos do hemisfério Sul».

O informador do departamento de Estado McCloskey, indicou entretanto que os ministros dos Negócios Estrangeiros da América Latina deverão reunir-se em princípios do próximo ano para definirem as condições do diálogo interamericano.

## A SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA À ESPERA DE NOVA ORGÂNICA

O Conselho de Ministros deve aprovar numa das próximas reuniões, o diploma que reorganiza a Secretaria de Estado da Indústria. Entretanto, enquanto é aguardado o decreto-Lei, cinco das sete direcções-gerais ou organismos equiparados continuam sem titulares efectivos. A Direcção Geral dos Serviços Industriais e o Instituto Nacional de Investigação Industrial não têm chefe, desde que saiu o eng.º Torres Campos. A Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos não tem director-geral desde a saída do eng.º Elisário Monteiro. O Gabinete de Planeamento vive numa situação confusa desde que o eng.º João Cravinho foi para Inglaterra e ninguém foi nomeado para o substituir. A Inspecção-Geral dos Produtos Agrícolas e Industriais não tem inspector-geral desde que, há anos, o eng.º Alcântara Carreira se reformou.

# NOVAS SEDES DA OPOSIÇÃO NO DISTRITO DE SETÚBAL

*A Comissão Executiva do Movimento C. D. E. de Lisboa informou-nos que recebeu da Comissão de Imprensa do Movimento Democrático do Distrito de Setúbal um comunicado do seguinte teor:*

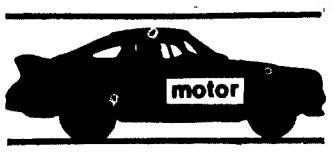
«A par de um nítido crescendo de movimentação política, que se tem vindo a acentuar no distrito, o Movimento Democrático do Distrito de Setúbal tem baseado o seu trabalho, no que se refere à campanha eleitoral, em comissões de apoio específicas, e que muito vêm robustecer e intensificar a luta democrática no distrito.

Paralelamente à estruturação do M. D. de Setúbal, agora dirigida ao período de intenso trabalho de propaganda, foram abertas já algumas sedes, nomeadamente em:

Almada — Rua da Conceição Sameiro Antunes, 21 - Traseira;

Paio Pires — Largo D. Paio Pires Correia, 11, 1.º Dt.º;

Setúbal, Barreiro, Moita — Em breve serão anunciados os respectivos endereços.

Os democratas do Distrito congregam-se cada vez mais na luta, cerrando fileiras no trabalho de conquista das liberdades democráticas.»

Está prevista para hoje uma sessão de apresentação dos candidatos do distrito no Ginásio Atlético Clube da Baixa da Banheira, às 16 horas.